

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
COLÉGIO DE APLICAÇÃO



ACadernos do Aplicação

Vanderlei
Machado

Porto Alegre

V. 17, n. 1/2, janeiro a dezembro de 2004

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

COLÉGIO DE APLICAÇÃO

Reitora: Wraha Maria Panizzi

Vice-Reitor: José Carlos Ferraz Hennemann

Diretor: Jorge Luiz Day Barreto

Vice-Diretor: Adalberto Breier

Editor: Tadeu Rossato Bisognin

Conselho Editorial: Analice Dutra Pillar, Antonio Carlos Castrogiovani, Beatriz Corso Magdalena, João Vicente Silva Souza, Jussindra Kruger Malinoski, Leda Maffioletti, Maria Adélia Pinhal de Carlos, Marilene da Fonseca Seger, Marlene Brugalli, Rachel Pires da Fontoura, Regina Maria Varini Mutti, Yara Maria Gonzales Merg.

Comissão Editorial: Aglaé Castilho Oliva, Tadeu Rossato Bisognin

Digitação: Mauro Mozael Hirsch

Capa: Telmo Remião Moure

Editoração Eletrônica: Cristiano Muniz - Núcleo de Editoração-Gráfica UFRGS

Fonte Indexadora: Bibliografia Brasileira de Educação – Brasília: INEP/MEC
Latin American Periodicals Tables (LAPTOC)

Apoio: Programa de Apoio à Editoração de Periódicos/PROPESP/UFRGS

ISSN 0103-6041

CADERNOS DO APLICAÇÃO/Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Colégio de Aplicação. - v.1, n.1 (jan./jun. 1986)

Periodicidade: semestral 1986 - 2004 v.17 n. 1/2

Ensino Fundamental e Médio

CDU 373.3/5. (05)

Endereço para correspondência:

Colégio de Aplicação/UFRGS

Av. Bento Gonçalves, 9500 – Bairro Agronomia

Porto Alegre/RS - CEP 91501-970

Fone: (51) 3316 6977 – Fax: (51) 3316 6976

E-Mail: cap@cap.ufrgs.br – URL: <http://www.cap.ufrgs.br/~cadernos>

ISSN 0103-6041

GRÁFICA UFRGS – Rua Ramiro Barcelos, 2705 – 90035-007 – Porto Alegre – RS – Telefones: (0xx51) 3316 5083 / 3316 5078 – Fax: (0xx51) 3316 5088 – E-mail: grafica@ufrgs.br · **Direção:** Luciane Delani – **Núcleo de Editoração e Criação:** Joseane Ranzolin (Coordenadora), Marina Guerra, Lúcio Graeff, Mateus Silveira, Cristiano Muniz, Joice Conde Contes (Revisão), Leonardo Cao Ponso, Natali Bittencourt, Rodrigo Pinto (Bolsistas) · **Projeto Teses e Dissertações:** João Alberto Vargas · **Impressão Digital:** Alfredo de Freitas Lima · **Impressão Off-Set:** Clarissa da Silva Sandoval, Eliezer Felipe da Silva, Valério de Almeida Vieira · **Acabamento:** Nilton Scherz da Silva (Coordenador), Daniel Costa, Eron Feijó, Faustino Machado de Freitas, Israel Machado, Paulo Rocha · **Administração:** Lylian Olinto (Coordenadora), Fabiane Silva, Janaina Aguilera (Bolsista), Janaina Horn (Bolsista), Sílvia Ferraz e Vanessa Dias (Bolsista) · **Apoio:** Dinair Oliveira.

Sumário

Editorial	7
Colégio de Aplicação: a busca da espontaneidade, da comunicação e da interação social criadora	
<i>Graciema Pacheco</i>	11
Depoimento da Professora Isolda Paes	17
Discurso da Professora Olga Paraguaçu	23
Colégio de Aplicação 1981 – 1984: um inventário de vida	
<i>Vera Regina Pires Moraes</i>	27
Memórias	
<i>Regina Maria Varini Mutti</i>	37
50 anos do Colégio de Aplicação	
<i>Jorge Luiz Day Barreto</i>	53
Os meus cinquenta anos e os cinquenta anos do Colégio de Aplicação	
<i>Joyce Munarski Pernigotti</i>	57
Por orgulho, por respeito e por muito amor	
<i>Nara Brasco Pampanelli</i>	63
Mensagem	
<i>Luzia Garcia de Mello</i>	67
Alguns fatos pitorescos ocorridos no período de 1957/1971 na área de Educação Física	
<i>Jaime Lerner dos Reis</i>	69
Quem sou eu para ser um professor ideal?	
<i>Sérgio Buttes Cordeiro</i>	73
Mágoas de março	
<i>Paulo Guedes</i>	85
Aplicação – Tempo de vida	
<i>Rosália Alvim Saraiva</i>	97

Meu Aplicação	
<i>César Pereira Lima</i>	101
Velho Aplic, ou ainda, “Conceito de Educação Integral”	
<i>Carlos Eduardo Légori</i>	105
Uma vez Aplicação, sempre Aplicação	
<i>Philippe Navaux</i>	107
Colégio de Aplicação – 50 anos	
<i>Olga de Garcia Falceto</i>	113
Discurso de Formatura 1966	117
O colégio dos velhos livros e dos velhos amigos	
<i>José Antônio Pinheiro Machado</i>	123
O Jacaré	
<i>Otávio Augusto Boni Licht</i>	127
O “ser diferente” no Aplicação (1963 – 1969): relato dos encantos e desencantos na trajetória de uma aluna negra	
<i>Maria da Graça Gomes Paiva</i>	131
O roubo da sineta que não houve, ou o colégio novo que não é mais (rememorações do Aplicação cinquentenário)	
<i>César Augusto Barcellos Guazelli</i>	139
Da Redenção ao mundo	
<i>Susana Sondermann Espíndola</i>	147
Aplicação, trivial e luxo	
<i>Marco Túlio de Rose</i>	149
O Colégio de Aplicação e a lista	
<i>Mário Roberto Weyne Corrêa</i>	153
Nossa liga extraordinário	
<i>Marta Milagre</i>	157
Anos 70 não deu pra ti, Aplicação, seguimos aqui!	
<i>Nelson Brasil Ferreira</i>	159
71-76 Born to be wild	
<i>Luciano G. de Mello</i>	165
O Aplicação contra o Aplicação	
<i>Elisabete Zardo Búrigo</i>	173

Dos alunos 1974 – 1980	
<i>Analy Fagundes Dias Fonseca</i>	177
Um caminho para uma concepção interdisciplinar	
<i>Adriana R. Pohlmann</i>	181
Um povo difícil de dominar	
<i>Guilherme Cavaleiro Dias Filho</i>	185
Os anos cinza	
<i>Ney Lemke</i>	189
50 anos de Aplicação, 31 anos com o Aplicação	
<i>Fernanda Luiza Fontoura Medeiros</i>	193
Tempos do Aplicação	
<i>Eduardo Veiga</i>	199
Retrospecto	
<i>Tatiana Gischkow Golbert</i>	201
Era uma vez, no Aplicação	
<i>Lisiane Alvim Saraiva</i>	203
Colégio de Aplicação: comunidade & democracia	
<i>Nelson de Boer Moussalle</i>	207
O aluno que não fui	
<i>Paulo Ricardo Kralik Angelini</i>	217
<i>E se eu vestir avessa a camiseta?</i>	
<i>Marlon Mello de Almeida</i>	219

Dos cadernos dos alunos

CAP	
<i>Louize Paz de Oliveira</i>	225
Dias bons e ruins no Aplicação	
<i>Martina Bevilacqua</i>	226
Dez motivos para gostar do Aplicação	
<i>Guilherme de Araújo Tomazoni</i>	227
CAP, aqui é o “canal”	
<i>Fernanda de Souza Nery</i>	228

Dez motivos para ser do CAp	
<i>Henrique Vieira de Souza</i>	228
Dez motivos para gostar do CAp	
<i>Robert Lockman Diensmann</i>	229
A idéia	
<i>Jean Felipe Bueno Dela Libera</i>	230
Cinqüentão, mas com um Corpinho de 49	
<i>Cláudio Farias</i>	231
Homenagem da Câmara de Vereadores de Porto Alegre	
<i>Pedro Américo Leal, João Carlos Nedel, Carlos Alberto Garcia, Aldo Antonello Rosito, Jorge Luiz Day Barreto</i>	235
Realizando com o coração... (Os 50 anos do Aplicação)	
<i>Comissão do Cinqüentenário</i>	247
Índice dos autores	251
Índice dos títulos	252

Editorial

A estratégia adotada firmou como princípio geral a relação ensino-aprendizagem, enfatizando sua característica oportunidade de crescimento tanto para o professor como para o aluno, num clima de expressões pessoais coordenadas.

Graciema Pacheco

Sempre havia um espírito de busca consciente, uma perspectiva científica, cultural e histórica. As coisas não apareciam sem um estudo aprofundado de nossa realidade, o contexto geral. O contexto maior incluía também aquilo que fazíamos.

Isolda Paes

O campo era fértil por parte dos alunos, e a rica convivência com os demais colegas (professores) servia a todo momento como reforço propulsor. Tudo era feito com muita devoção e amor ao ensino e à aprendizagem.

Olga Paraguassu

Ano 2004: alegre comemorar dos 50 anos do Colégio de Aplicação. Comemorar, no sentido original da palavra, o de *memorar com, juntos lembrar*, são os vários encontros que alunos, ex-alunos, professores e servidores da ativa e aposentados realizam. Emoções e vivências emergem de um tempo já distante para muitos. Nesse reviver de vidas que pela instituição passaram, parte da história em conjunto construída é lembrada.

A história é mestra da vida - nos asseveram os antigos romanos. Ela nos ensina a tirar lições dos acontecimentos e a organizar melhor nosso tempo e nossos ideais. Também as instituições possuem sua memória histórica. Graças a ela guardam consciência de si e de suas tarefas para o futuro.

É nos princípios que nortearam as fundadoras, seguidos (ou não) pelos professores ao longo de 50 anos que devemos pensar. A Escola e a sociedade passaram por grandes transformações, mudanças essas que fazem refletir sobre quais as tarefas do futuro. E as incertezas desse futuro serão menores, sem dúvida, se não esquecermos dos princípios que por 50 anos impeliram a muitas e reconhecidas realizações.

A presença de tantos (e emocionados) depoimentos de ex-alunos neste volume comemorativo de *Cadernos do Aplicação* confirma a importância da Escola na formação desses jovens e de todos aqueles que ainda passarão por aqui. Claro que também houve sérios problemas, tendo em vista a conjuntura histórica do país que se refletia nas relações Aluno-Escola-Universidade. Isso aparece nos textos, tendo como exemplos a lembrança de aluna que saiu do Colégio por não concordar com o fechamento da CACA e também o relato de discriminação sofrida por aluna negra.

Como não existem boas escolas sem bons professores, importante observar o que dos mestres permanece na lembrança dos alunos. Não deixemos de ver a aula de vida na entrevista do professor-símbolo da Instituição, Sérgio Cordeiro, revelando o que o colégio lhe ensinou nos 39 anos em que nele atuou.

Na ocasião em que celebramos uma história de 50 anos, muito pertinente é a observação de Nelson Brasil Ferreira, aluno de 1970 a 1975, quando escreve: "Complicação. Para contar, tem de lembrar. E voltar aos velhos tempos é também desenterrar cacos de nós mesmos; é abrir cofres cuidadosamente trancafiados; é destampar caixões hermeticamente lacrados. Viver não é fácil, como dizia Riobaldo do *Grande Sertão*". Para concluir, nada mais adequado do que lembrar as palavras da Professora Vera Moraes, segunda Diretora da Escola: "...a maturidade de uma instituição é dinâmica e só se mantém a partir da consciência e do respeito pelo seu passado e da reno-

vada projeção de seu futuro, capazes de criticamente orientarem a ação de seu presente, que submetida constantemente ao crivo da reflexão, engendra o novo agir”.

Parabéns, Aplicação! Guardemos o melhor de sua herança! Seja de muito sucesso o novo agir! É preciso um novo agir. Não se vive só de lembranças, precisamos estar atentos às demandas do hoje e do amanhã.

Tadeu Rossato Bisognin



Professora Graciema Pacheco – 13/04/1994.

Colégio de Aplicação: A busca da espontaneidade, da comunicação e da interação social criadora¹

Graciema Pacheco

Decidida que foi, pelos órgãos competentes da UFRGS, a instalação do Colégio de Aplicação, nos termos do Decreto-lei nº 9.053, de 12 de março de 1946, e do Artigo 107 dos Estatutos da Universidade, coube ao grupo de professores da então Cátedra de Didática Geral e Especial, do currículo de Licenciatura da Faculdade de Filosofia, a tarefa de explicitar e interpretar as proposições doutrinárias que norteariam, na prática, as atividades da nova instituição.

Como referencial básico e postura determinante, foi considerada a peculiaridade, talvez se pudesse dizer, o privilégio de sua inserção no contexto da Universidade, organismo fundamentalmente comprometido com a presença e o desenvolvimento do saber, tanto pela pesquisa própria como pela coordenação com outras agências de feição igual e semelhante. E, ainda, pela comunicação, tanto diretamente pelo ensino, como por modalidades outras de associação e interação com grupos e entidades externas. E isso no empenho de atendimento das

Fundadora do CAp/UFRGS e sua Diretora de 1954 a 17/02/1981. Faleceu em 15/01/1999.

1 Depoimento publicado na seção *Um pouco de história* da revista *Cadernos do Aplicação* v.2 n.2, 1987.

necessidades e urgências do meio social que lhe é imediato. Sempre numa atitude prospectiva de ampliar e aprimorar os seus fazeres, vale dizer, orientando sua ação segundo as coordenadas do espaço e do tempo.

Haveria ainda a acrescentar a presença de mais uma faixa etária, correspondente aos ciclos ginásial e colegial, com possibilidades de completar-se até o começo da escolaridade primária.

Fixados os marcos de atuação do Colégio de Aplicação em decorrência, seja das características que justificam e singularizam o desempenho universitário, seja pelo atendimento às disposições legais emanadas dos órgãos competentes do Ministério da Educação e Cultura, através da Diretoria do Ensino Secundário, decidiu-se que, sem ferir as disposições regulamentares em vigência nas demais escolas do mesmo nível, o Colégio de Aplicação, já em seu primeiro desempenho, assumisse o caráter experimental, propondo-se a uma revisão crítica dos programas oficiais vigentes, dado ser o mesmo objeto de repetidas e insistentes reclamações da parte de professores, autoridades escolares e estudiosos da educação escolar brasileira.

Voltando retrospectivamente a esse começo, pode-se verificar que o resultado, ambicionado e ambicioso do projeto em sua aplicação ficou, a rigor, na estreita dependência do que emergisse da aproximação entre o professor e o aluno e resultasse no encontro, característico da aceitação mútua, na caminhada construtiva, ao mesmo tempo marcada pela individualidade e a convergência.

Acordaram os professores configurar sua intenção integradora no atendimento dos seguintes pressupostos:

- a) Valorizar conteúdo cientificamente atualizado;
- b) Praticar com os alunos metodologia coerente com a natureza da matéria de ensino;
- c) Direcionar-se no sentido de estimular o aluno à descoberta de relações significativas, intuindo-as e expressando-as sob a forma de pensamento organizado e linguagem própria;

d) Propiciar condições para o livre jogo da comunicação de pessoa a pessoa, nos subgrupos e no grande grupo, através de meios variáveis e compatíveis com a realidade a ser tangenciada.

Preparados teóricos e afetivamente solidários no entusiasmo, acolheram os professores o desafio, que poria em causa não só os seus conhecimentos, mas sua inventividade na busca de coerência de suas idéias e propósitos, e a diversidade nas situações concretas.

Sensíveis à autenticidade do acolhimento, os alunos colocaram em jogo sua animadora espontaneidade. E é essa atmosfera de estimulação e conquistas recíprocas, a coincidência de expectativas e propósitos que dão densidade à ação pedagógica e justificam sua essencialidade.

Facilitada foi essa complexa tarefa pela comunidade de trabalho que se estabelecia entre os docentes em reuniões ou encontros, nos quais objetivos e resultados eram definidos e interpretados à luz de enfoques teóricos e práticos, consubstanciados em indagações de caráter operativo, centradas na verificação dos progressos dos alunos individualmente considerados.

Em consequência, a organização administrativa traduziu os mesmos pressupostos e articulou-se em coordenações verticais no tempo e complementares no imediato, as quais se empenharam em facilitar a atualização do professor em termos de conteúdo, a par do aprimoramento correspondente de técnicas e procedimentos de ensino e o acerto com as demais áreas da instituição, no sentido de preservação de uma unidade dinâmica do todo, orquestrada pela aspiração de conseqüente renovação.

Na época, 1954, os docentes que integravam a cátedra de Didática Geral e Especial já haviam trabalhado, a partir de 1947, um acervo comum de ensinamentos sobre a ciência da educação e áreas afins, e constatações diretas com apoio no qual vinha sistematicamente enfocando a problemática da escola brasileira, com ênfase no que respeita aos então chamados ciclos ginasial e colegial – dada sua participação no preparo

de um novo professor para os mencionados níveis, exigência que apenas se introduzira no país.

A estratégia adotada firmou como princípio geral a relação ensino-aprendizagem, enfatizando sua característica oportunidade de crescimento tanto para o professor como para o aluno, num clima de expressões pessoais coordenadas.

O plano de ação – instrumento em si mesmo orgânico, sistemático e flexível – teve seu desenvolvimento centrado na criatividade, no incentivo às diferenciações individuais e na idéia do ser humano como um ser de comunidade; na sua execução, um ponto de partida muito próximo das situações comuns, na rede pública de ensino. A primeira turma, vale dizer, uma primeira série do curso ginásial – a seqüência de quatro anos deveria completar-se nos anos seguintes – foi constituída com candidatos excedentes do Instituto de Educação General Flores da Cunha e do Colégio Estadual Júlio de Castilhos, preenchidas as trinta vagas disponíveis com voluntários, independente da classificação obtida nas provas da admissão aos prestigiosos educandários citados.

De início a sala de aula foi uma dependência no prédio central da própria Faculdade de Filosofia, com espaços bem definidos e limitados para movimentação, recreação, práticas esportivas e atividades sociais espontâneas.

Ampliou-se o conceito da situação de aula, pondo-se ao alcance dos alunos os inesgotáveis recursos oferecidos pela sua própria comunidade: a Praça da Matriz, a leitura na Biblioteca Pública, a consulta a documentos no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, a visita a museus e exposições, a ida a concertos e espetáculos, a leitura de um conto de Darcy Azambuja e a entrevista com o autor, o Centro da Cidade e a leitura do texto em que Érico Veríssimo descreve a caminhada de Clarissa pelo mesmo percurso, cais do Porto e a Doca das Frutas, o Parque da Redenção, o atelier e a oficina, sempre com o objetivo de propiciar ao aluno vivências e discriminações capazes de acrescentar sua visão da realidade próxima como apoio para esquemas conceptuais progressivamente mais abrangentes e dinâmicos.

É a procura do conhecimento pelo professor juntamente com o aluno. Que tal procura é válida comprova o fato, ocorrida bem adiante, quando na disciplina de Biologia um aluno propôs explicação para o fenômeno em estudo, não aceita pela professora por não constar até então na literatura científica na área. Acontece que dias depois a imprensa noticiava ter um cientista chegado justamente à explicação antecipada pelo aluno.

Historicamente, o Colégio de Aplicação da UFRGS não foi pioneiro no sistema universitário brasileiro. Por isso mesmo beneficiou-se dos ensinamentos de outras tentativas de inovação, que não deixaram de acontecer no país, sobretudo a partir dos anos vinte deste século. É que a diversidade e a instabilidade das circunstâncias criaram no Brasil, como em qualquer outra parte, quadros diferenciados e com exigências específicas. Sob inspirações e designações diversas tem-se insistido na atualização da educação, em seus objetivos, em seus procedimentos, o que para ocorrer demanda sólido embasamento teórico e muita sabedoria prática.

Todo começo traz os seus riscos, - não obstante costumam ser decisivos - não seria prudente ignorá-los. Contudo, no caso do Colégio de Aplicação, muito valeram prestigiosas solidariedades, a começar pelo seu patrono, o eminente e saudoso Professor Luiz Pilla. Foi ele que ao assumir a Direção da Faculdade de Filosofia incluiu em seu plano de atividades a instalação do Colégio de Aplicação. Com rara diligência tudo providenciou para que num prazo mínimo fossem tomadas todas as providências legais e regimentais para que o Colégio tivesse o seu primeiro ano letivo em 1954. Fez mais o digno Professor Luiz Pilla: instituiu um Conselho de Direção integrada por três professores catedráticos para dar assistência administrativa à Direção do Colégio de Aplicação e os indicou. Não menos pronta foi a atuação da Inspetoria Seccional de Porto Alegre, MEC, através de seu representante, o Professor Dr. Albino de Bem Veiga, a quem a Diretoria do Ensino Secundário delegou a atribuição de acompanhar e avaliar as atividades do Colégio de Aplicação, para seu devido reconhecimento legal.

Em seu relatório de 1º de dezembro de 1954, em duas ocasiões, o mencionado inspetor, analisando os resultados alcançados pelo Colégio de Aplicação, ressalta a imediata repercussão dos mesmos em nosso meio educacional.

Subjacente a todas as tendências e procedimentos esteve o compromisso com uma expressão ética da educação, tanto em seus efeitos imediatos como em sua projeção futura, a sociedade em que vivemos e a que desejaríamos para nossas crianças: moderna, justa, fraterna. E esse novo homem, confiante em si mesmo, dono de seus poderes, será aquele capaz de “assumir, não todas, mas cada uma das atitudes essenciais do ser humano”, sob a inspiração da sensibilidade e da razão, preservando sua dignidade e a do outro.



Professoras Graciema Pacheco e Isolda Paes na década de 1970.



Professoras Graciema Pacheco e Isolda Paes na Câmara de Vereadores de Porto Alegre na homenagem aos 40 anos do CAP (14/04/1994).

Depoimento da Professora Isolda Paes¹

A idéia que me ocorre assim pega de surpresa é lembrar, em primeiro lugar, a inovação sempre presente no Colégio. Por que queríamos inovar? Porque sentimos a necessidade de ter um colégio especialmente com essa característica: ser um elemento chave na evolução do ensino entre nós. Tínhamos uma responsabilidade não só junto à Universidade, mas junto também ao meio sócio-econômico-pedagógico.

Nós pensávamos, na época, que a escola estava exaurida, era uma escola cansada. Ela repetia, ano após ano, sempre as mesmas experiências com os alunos, e outras coisas. Então tivemos a oportunidade de modificar o conteúdo. Os conteúdos todos eram dados, mas nós não seguíamos aquela sequência tradicional, o conteúdo era todo trabalhado, e nos dava oportunidade para uma atividade criativa, criadora... Hoje, pensando em tudo isso, não sei te dizer, vejo que mudou muito. Lembro que fazíamos, por exemplo, no início de janeiro um seminário de uma semana. Era o exame da experiência do ano anterior e nele retomávamos as nossas funções de uma maneira que procurasse manter sempre aquela tradição de ir em busca do melhor. Sentíamos que precisávamos acompanhar a vida lá

1 Depoimento dado à Professora Nara Brasco Pampanelli em março de 1994. Publicado na revista Cadernos do Aplicação - Especial 40 Anos - v.7 n.1, 1994. A Professora Isolda Paes foi co-fundadora do CAP/UFRGS em 1954, nele permanecendo até 1972. Faleceu em 26/01/2002.

fora. Hoje eu acho que não está tão fácil. Os professores não ganham muito. Trabalham em muitos lugares. Naquela ocasião surgira assim como uma coisa nova, como uma esperança nova. Trabalhar no Colégio era um destaque pessoal. Ser estagiário (por dois anos) era um privilégio. São todas essas coisas, então, que estavam a nosso favor.

Hoje eu não sei, mas acredito que desde que vocês consigam se reorganizar, assim de uma maneira muito forte, no sentido de que todos cheguem. Tem que ser um trabalho meio lento, mas que conscientize a todos. Isto é importante fazer. Os professores têm de fazer como nós fazemos com as crianças. Elas faziam tudo porque aquilo era importante. Estavam convencidas de que aquilo era o melhor. Elas se entregavam de corpo e alma para fazer as atividades.

Eu acho que faz falta para nossa estrutura atual uma integração bem mais profunda, uma análise a nossa situação. Por exemplo, o Colégio analisar o que se passa aí fora, como se faz o ensino. Há tantas coisas que estão sendo todos os dias acusadas de errôneas, de insatisfatórias. Será que vocês não poderão descobrir – principalmente estudando esse momento atual da vida brasileira – o que é importante para esse menino de hoje, e reformular alguma coisa em termos de um homem novo; um homem nessa sociedade tumultuada e terrível (com mortes, assassinatos de crianças, etc). Quer dizer, é uma outra escola, nós não podemos nos afastar desse contexto. O que podemos/poderíamos fazer aqui para levar essas crianças a uma consciência de cultura certa, forte, em termos de sua responsabilidade na vida? É muito maior a responsabilidade que vocês têm para com essas crianças.

Então eu acho que vocês têm que repensar a escola nessa realidade. Mas um repensar assim sempre a partir daquela idéia de que se observa o que existe, se colhe e se analisa o dado, e se conclui. Eu acho que isso é um princípio muito importante. Eu chamo, nós chamávamos na ocasião, de pesquisa em ação. Vocês

poderiam situar o Colégio, inicialmente, dentro de Porto Alegre. Como é que ele está situado em relação às outras escolas? Como ele é visto hoje? O que há de maravilhoso e não maravilhoso nas outras escolas? O que há realmente no nosso Colégio? Creio que está faltando ao Colégio – isso é uma idéia muito superficial que eu tive – de repente, repensar outra vez; repensar na trajetória, nesse momento, e ver quais são as suas responsabilidades fundamentais nessa hora, e o que nós estamos esperando para o menino que vai para uma Universidade. O que ele deve levar em termos de maturidade, conhecimento; qual o caráter, a moral e as responsabilidades sociais. Eu acho que isso é fundamental. Também acho fundamental colocar o Colégio primeiro em nossa realidade, com cada um dos professores se responsabilizando por colher dados, ver outros colégios e analisar tudo.

O importante para nós é descobrir qual o papel do Colégio agora. O Colégio tem um papel muito importante e muito grave, porque ele está inserido num ambiente universitário. E a universidade se caracteriza principalmente como um centro de informação – deve ser da Ciência, da Arte, do conhecimento – e o Colégio não pode ficar afastado disso, ele tem que formar esse homem para atuar nesse centro de interrogação. Se a Universidade não está sendo este centro, ela deveria ser.

Vejo atualização e constantes questionamentos ainda presentes no Colégio. É isso. Agora eu te digo uma coisa. Nós estamos acompanhando que as escolas estão todas sendo computadorizadas. Isso deve ser um avanço. Não sei até que ponto isso é bem explorado, se não é um ponto negativo, de repente. Mas queria examinar isso para verificar se é válido, se é verdadeiramente válido, ou se isso não vai mutilar alguns setores da criança, no sentido de que prepara para determinados aspectos e às vezes não prepara para outros. Onde fica a formação humanística, no sentido do moderno, da Ciência, da Cultura, da Arte?

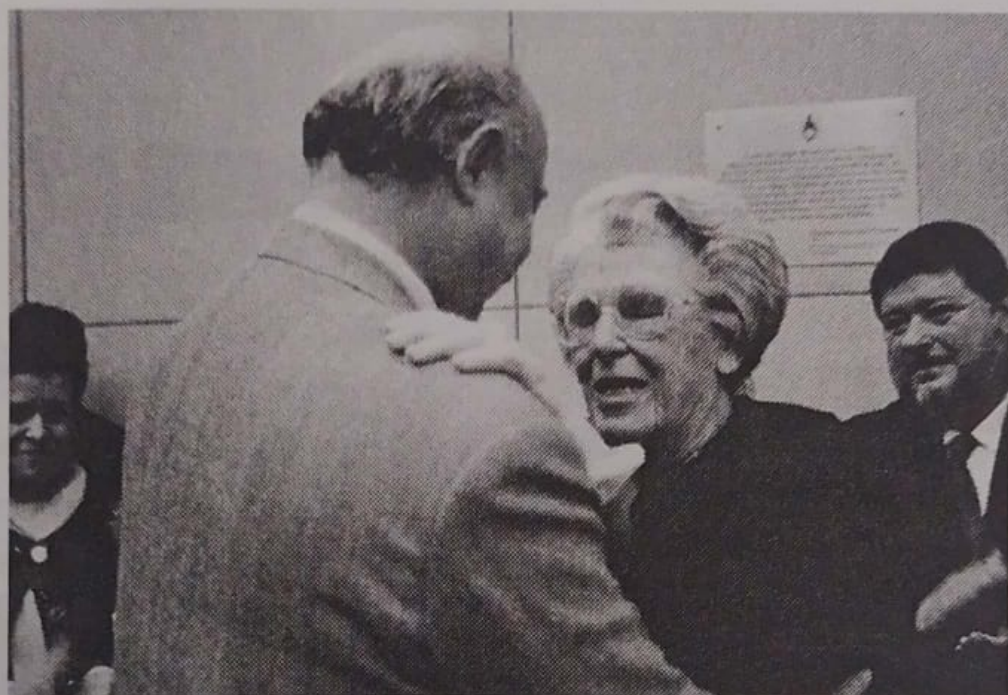
Nesta minha narrativa, um pouco comovida (porque este Colégio está na minha alma, no coração e no corpo inteiro) talvez não tenha ficado muito presente o que estava por trás dessas experiências de sucesso. Sempre havia um espírito de busca consciente, uma perspectiva científica, cultural e histórica. As coisas não apareciam sem um estudo aprofundado da nossa realidade, o contexto geral. O contexto maior incluía também aquilo que nós fazíamos. Isso então caberia a vocês retomarem dentro da escola.

O Aplicação precisa retomar o trabalho em conjunto. Que pessoas se ocupariam de retomar esse caminho? O que seria mais importante agora na área do ensino seria analisar todos os elementos que chegam até nós, por exemplo, de ecologia, de coisas que nos chegam pela televisão, esses programas, tudo enfim que possa contribuir para ver quem é esse homem atual. O que essa criança precisa saber para crescer culturalmente e também entender a sua sociedade e se entender. Ela precisa interagir com o computador. Como ela tem que interagir para que o computador entre na sua vida para melhor, em benefício. E aí talvez criar um grupo de interação para estudar essa realidade e planejar um novo currículo, uma nova proposta, uma nova estratégia. Nós não estamos longe, estamos a caminho. Vejo que o Colégio está fazendo muita força para isso.

É preciso fazer da escola um lugar onde o aluno saiba que nela vai encontrar respostas, isso é importante para ele. No momento em que isso for importante para ele, certamente formulará posteriores respostas. É isso aí, a escola deve se caracterizar como um centro de atividade intelectual, cultural, humana, forte, que irradie e supra as necessidades do aluno. Isso é o que o colégio fazia. Os alunos sabiam que o colégio era importante para eles. Traziam contribuições para a sala de aula que nos comoviam, que a gente não esperava.

O aluno deve ser um investigador, deve ser um buscador de coisas, deve interpretar a sua realidade e trazê-la para sua

sala de aula. É preciso renovar a sala de aula, deixá-la mais dinâmica, criar estímulos de apoio e motivação. Esse estímulo seria um acompanhamento do trabalho com amor e respeito.



Professora Isolda Paes abraçando o Vice-Reitor Sérgio Nicolaiewsky (ex-aluno do colégio) no dia da inauguração do atual prédio do CAP em setembro de 1996. Ao fundo, o Reitor Hégio Trindade.



Colégio de Aplicação – primeiros anos.



Colégio de Aplicação – primeiros anos.

Discurso da Professora Olga da Fontoura Paraguassu na homenagem recebida no dia da inauguração da Sala de Atividades Múltiplas

Estar aqui me emociona profundamente, ao mesmo tempo em que enseja reviver o Colégio de Aplicação; este ambiente sempre tão grato para mim, pelas múltiplas oportunidades que sempre me foram oferecidas de crescer continuamente.

Permitam reportar-me ao ano de 1957, quando aqui cheguei, atendendo ao gentil convite da Professora Graciema Pacheco, então Diretora, para fazer parte do corpo docente da Escola. Confesso que aceitei o desafio, um pouco assustada, com o receio de não poder corresponder à expectativa de tão honrosa missão.

No entanto, não foi difícil cumprir com minhas obrigações, porquanto contava com o apoio da Direção. O campo era fértil, da parte dos alunos, e a rica convivência com os demais colegas servia, a todo o momento, como reforço pro-

Olga da Fontoura Paraguassu foi professora de Desenho e Artes Plásticas do CAP/UFRGS de 1956 a 1983. Após o afastamento da Professora Graciema Pacheco, foi designada Diretora *Pro Tempore* em 18/02/1981, até a posse da Diretora eleita Vera Regina Pires Moraes em 03/05/1981. Faleceu em 10/09/2000.

pulsor. Tudo aqui era feito com muita devoção e amor ao ensino e à aprendizagem.

Iniciei minhas aulas como professora de Desenho.

Desse período, guardo gratas recordações. Um dos enfoques era trabalhar com a figura humana. Na ânsia de despertar a criatividade e autenticidade dos alunos, fui introduzindo o estímulo-vivo (presença de modelos) nas provas de avaliação.

E, assim, no primeiro exame, os alunos receberam, como modelo-vivo, os "Gaúchos de São Sepé", dupla de lindos garotos, pilchados, que cantavam, trovavam e dançavam. O modelo não-estático serviria para impulsionar os alunos a se expressarem livremente, de acordo com a magia do momento!

Nesse dia, eu me senti muito grande! Os desenhos excederam em variedade, movimento e colorido. O nível dos trabalhos dos alunos surpreendeu-nos, a mim, aos professores da Escola e aos próprios alunos.

Gratificada com esse resultado, passei a escolher atividades e locais que oferecessem incentivos autênticos para o aluno. Entre eles, é oportuno destacar:

- apresentação de alunos da Escola de Dança da Professora Tony Seitz Petzhold;

- uma demonstração do Corpo de Bombeiros, simulando um incêndio, quando foi inaugurada a Escada Magirus, grande novidade no momento;

- uma barraca de ciganos, com demonstração das atividades ali desenvolvidas, ao vivo, entre tantos outros!

A essa altura, chegavam ao Colégio de Aplicação duas professora da área: Imira Damiani Pinto e Maria Anita Tollens Linck, que assumiram a disciplina de Artes, passando eu para o Desenho Técnico.

Com esse esforço, foi mais fácil prosseguir o trabalho com maior abrangência na dinâmica dos incentivos escolhidos. A partir daí, foi possível realizar na disciplina de Desenho Técnico exames simultâneos em todas as séries do Curso Colegial,

chegando a ser montado, com os resultados deles, um filme estático, com quadros que reproduziam:

1) aulas ilustradas graficamente, com as principais regras básicas do Desenho Técnico, com o título: “Perspectiva Simplificada”;

2) aplicação das regras anteriores em trabalhos criativos;

3) desenho das principais casas e obras arquitetônicas de Porto Alegre, aplicando os conhecimentos já adquiridos.

E assim se sucederam muitas outras experiências, envolvendo alunos do Colégio de Aplicação, alunos da Didática Especial de Desenho da então Faculdade de Filosofia, professoras de Artes do Colégio, professora de Didática Especial e a comunidade em geral, tendo como finalidade verificar o resultado do aprendizado dos alunos do Colégio de Aplicação na sala de aula e avaliar os alunos de Didática Especial, cuja atuação servia como estágio da Prática de Ensino, ou seja, representava sua atividade culminante na disciplina.

Ainda com muita emoção, lembro-me do título de algumas dessas atividades:

- No Cais do Porto;
- A Revoadada das Pandorgas no Morro;
- Atividades no CPOR;
- Profissões;
- Meios de Transporte;
- Natal dos funcionários da SEC e de seus filhos (a pedido da SEC);
- No Circo de Cavalinhos;
- O Zoológico de Sapucaia do Sul;
- Aula de História, enfocando a abolição da escravatura, tendo como modelo-vivo um filho de escravo com 80 anos.

Aqui peço desculpas por abusar com tantas reminiscências, mas o fato é que elas pertencem ao Colégio, fazem parte da história do Colégio de Aplicação.

Neste momento, não posso deixar de consignar meu profundo agradecimento à minha mestra Graciema Pacheco, aos

Diretores que a sucederam, aos Diretores da Faculdade de Educação, aos queridos alunos e funcionários.

Ao meu muito caro Professor Jorge Luiz Day Barreto, atual diretor desta Instituição, meu eterno reconhecimento e a certeza de que o Colégio de Aplicação não pára de inovar. Parabéns por mais esta iniciativa de criar a Sala de Atividades Múltiplas, que, certamente, será mais um campo para a exploração da criatividade deste Centro de Cultura.

Porto Alegre, 1991.



Foto 6. Professores da década de 1960. Professora Olga Paraguaçu é a primeira à esquerda.



Foto 7. Na homenagem aos 40 anos do CAP, Vereador Lauro Hagemann, Professoras Isolda Paes, Olga Paraguaçu, Graciema Pacheco, Nara Pampanelli e Vereador Luiz Braz.

Colégio de Aplicação 1981-1984: um inventário de vida

Wera Regina Pires Moraes

Lembrar lembranças! Trazer à tona pedaços de minha vida, como educadora, que outrora configuraram um todo pleno de sentido, realizações e dificuldades, acertos e desacertos, avanços e recuos...

Meu relacionamento com o Colégio de Aplicação iniciou-se no ano de 1964, quando aluna de Didática da professora Graciema Pacheco – que teve a ousadia de criar e fazer viver essa Escola – fui convidada para iniciar aí uma nova experiência: assumir como professora polivalente de uma classe de 6ª série, com alunos da comunidade escolar de Porto Alegre, que não tinham obtido sucesso no exame de admissão ao ginásio então vigente.

O trabalho realizado seria, em tudo, similar ao desenvolvido pelos alunos da 1ª série ginasial do Colégio, utilizando os mesmos materiais e recebendo a orientação dos professores das diferentes disciplinas desse grupo de alunos. Os bons resultados obtidos nessa experiência levaram à proposição e desenvolvimento de outra: a criação de uma segunda turma de 1ª série ginasial, com professora única nas disciplinas básicas, de alunos também selecionados por exame de admissão ao

Diretora do Colégio de Aplicação da UFRGS de 1981 a 1984.

Aplicação, realizando-se o trabalho com esse grupo, de forma paralela à 1ª série tradicional, que tinha professores de formação específica nessas disciplinas.

As atividades de acompanhamento e pesquisa na turma da nova experiência indicaram resultados acadêmicos similares e níveis superiores de ajustamento pessoal/social de seus alunos, em relação aos do grupo que realizava o trabalho regular. Em função desses dados passou o Colégio de Aplicação a trabalhar com professora única na 1ª série ginásial, dando-se continuidade a essa modalidade na 6ª série do I Grau, quando da reforma de ensino.

O tempo passou...

Era 22 de maio de 1981, quando o professor Cícero Marcos Teixeira e eu chegamos ao Salão Nobre da Faculdade de Direito para tomarmos posse como vice-diretor e diretora do Colégio de Aplicação, designados para tal após indicação em lista tríplice eleita pelos professores do próprio Colégio. Professores, pais, alunos, funcionários e autoridades da Universidade presentes. O professor Cícero, docente há vários anos no Aplicação - muito justificadamente amado pelos alunos - é ovacionado por eles, e eu, assessora da Direção e membro do Conselho Diretor de então, contento-me em não ser vaiada pelo alunado, que ocupa a parte superior do salão, trazendo consigo um pequeno cão que, esporadicamente, latia...

Início o discurso de posse dizendo:

"É a idéia de compromisso, de serviço que justifica nossa presença aqui hoje. O homem é por excelência aquele que é capaz de comprometer-se, comprometer-se consigo mesmo, com o outro, com o grupo, com a sociedade. E o homem educador, o profissional da educação, só pode assumir o espaço pedagógico que lhe é concernente, na medida em que, reconhecendo a existência desse espaço, compromete-se com ele. Tal compromisso exige ação e reflexão sobre a realidade, em movimento caracterizadamente crítico e questionador. É esta a idéia de compromisso que temos em vista ao assumirmos a direção do Colégio de Aplicação."

O silêncio se faz. Apresento meu credo educacional e dirijo-me a cada um dos grupos que concretizam o existir de uma escola na dinâmica de sua interdependência: alunos, professores, pais, funcionários e direção.

A emoção era indescritível ! pelo sentido de compromisso que nos envolvia e a convicção da imersão em um universo afetivo-pedagógico-administrativo de ação e reflexão, caracterizado por uma dinâmica dialética da certeza e da incerteza, do permanente e do transitório, do solidário e do solitário, da busca e do (des)encontro, capaz de engendrar outra busca...

Relembro minha fala e a partir dela evoco momentos e vivências importantes e inesquecíveis...

Alguns dos ditos naquela ocasião parecem exigir serem reproduzidos aqui, pela força, balizamento e apoio que significaram no continuado processo do agir e refletir ao longo do trabalho no Aplicação. Assim, dizia naquela ocasião que:

- “- educação implica conscientizar, o que vale dizer: compromisso, participação, investigação, crítica e diálogo;
- o desenvolvimento pessoal/social está no cerne da experiência educativa e em função desse propósito há de se organizar o processo de ensino/aprendizagem;
- a interdependência, eqüidistante da dependência e da independência, é meta prioritária na vida em sociedade, passível de promover o homem lúcido, participativo e criativo que, com o outro, busca transformar o contexto em que vive, ou consolidá-lo;
- uma escola só tem sentido em função dos seus alunos, sujeitos da educação que participam dessa comunidade peculiar, que inclui outros alunos, professores, funcionários e direção;
- respeito mútuo e flexibilidade são fundamentais à convivência humana; fatores capazes de levar os indivíduos à maior tolerância, à valorização do novo, à aceitação da discordância e à manutenção do diálogo;
- fidelidade e compreensão são fundamentais para o homem. A fidelidade que não escraviza mas liberta, porque é crítica. A compreensão que leva a aceitar, mas não se confunde com pactuar;
- é responsabilidade nossa buscar o conhecimento disponível e tentar produzi-lo pela experiência e pela investigação, de forma a tornar mais efetivo o fazer pedagógico;

- se a situação educacional ampla ou restrita está em crise, é preciso agir para transformá-la; pouco ou nada fazer é não apenas grave, mas imoral;
- questionar quem assume a maior responsabilidade na formação do aluno, família ou escola, seria talvez mascarar pela imprecisão uma questão que efetivamente é fundamental: como podem escola e família agirem mais compreensivamente na formação do educando”.

Tais proposições foram assumidas, também, como princípios da ação pedagógico-administrativa na escola, juntamente com as concepções de vida e educação como uma unidade, e as idéias de comunicação, espontaneidade e interação social criadora que nortearam o fazer e refletir no Colégio de Aplicação, desde sua criação em 1954.

E foram esses, em verdade, os princípios que orientaram ao professor Cícero, a mim e à comunidade escolar a desenvolvermos um trabalho solidário e compartilhado, buscando tornar realidade a letra inerte de um discurso de posse, convictos da importância de um ideário, discutido e assumido em conjunto.

Dissemos aos alunos que “uma escola só tem sentido em função de seus alunos”, no momento em que reivindicavam mudanças, queriam ser ouvidos e rebelavam-se contra regras existentes. Assim, o início da gestão não foi fácil: aceitavam o Vice-Diretor, tinham resistência à Diretora. A confiança e a colaboração do alunado teve que ser construída e a trabalhosa construção iniciou-se com uma assembléia, em que participaram professores e alunos, coordenada por representantes dos dois grupos.

Os encaminhamentos feitos nessa assembléia e sua execução foram cruciais para o desenvolvimento dessa confiança e a colaboração entre alunos, corpo docente e direção. As dificuldades foram inúmeras, a atenção e a coerência exigidas, a superação de umas e a disponibilidade e firmeza nas ações foram marcando o trabalho e levando ao estabelecimento de um clima de interapoio e ajuda que, como todo o “clima”, sofria

eventualmente de mudanças intempestivas ou indesejáveis... e assim foi durante toda a gestão 1981-1984.

O primeiro ano de trabalho talvez tenha sido particularmente difícil e oneroso, mas frutificou! Além das atividades peculiares à vivência da escola, outras, de certa forma diferenciadas, deram destaque à vida escolar desse ano e à escola como um todo.

Assim, visando a ampliação e manutenção de um bom clima de trabalho no ambiente escolar e atendendo à proposição dos alunos que reivindicavam a revisão das normas escolares em vigência, foi criada uma comissão paritária para reestudo dessas normas. Tal comissão composta por seis membros – dois alunos, dois pais e dois professores – realizou e organizou o levantamento de sugestões de alunos, de todas as turmas do Primeiro e Segundo Graus, em relação ao estabelecimento de regras de convivência solidária, que foram discutidas pelos professores e a escola no seu todo.

As normas de convivência solidária então “promulgadas” passaram a ser observadas – nem sempre conforme se desejaria... Porém o que marcou, mais que tudo, foi a beleza e significação do **processo** de sua elaboração.

Ainda nesse ano de 1981 foi realizada a Iª Semana Cultural do Colégio de Aplicação, com programa elaborado pelos alunos da CACA (Comunidade dos Alunos do Colégio de Aplicação) e as Áreas de Ensino. Entre as promoções de destaque estiveram a Olimpíada, a Gincana “Tenditudo” e a encenação de peças teatrais. A peça teatral “Por que não?” elaborada e levada ao palco por alunos da 2ª série do II Grau, sob orientação da professora Olga Reverbel, chamou a atenção da comunidade de alunos, pais e professores, possibilitando discussão sobre sexualidade e adolescência de forma definida e franca. A peça foi apresentada no Colégio e, posteriormente, no Teatro Renascença, ocasião em que se estabeleceu debate sobre o tema, com a participação dos psiquiatras Luís Carlos Osório, Rafael Célia e Rogério Aguiar. Tal fato foi considerado inovador e corajoso.

A Semana Cultural do Colégio de Aplicação realizou-se nos anos seguintes, no mesmo período da Semana Acadêmica da UFRGS, tendo oportunizado momentos valiosos de alegria e confraternização.

Também os professores no início da gestão 1981-1984 viviam momentos de preocupação e incertezas diante da perspectiva de enquadramento do magistério de I e II Graus do Colégio de Aplicação – nessa época o corpo docente era formado principalmente por professores horistas, sem vínculo empregatício formal.

Criou-se, então, um grupo de trabalho com vistas à organização e realização do processo de enquadramento do pessoal docente admitido até 31/03/1981, atendendo ao Decreto-Lei nº 1874, de 08/07/1981. Como resultado de uma atividade minuciosa e trabalhosa que envolveu o Departamento de Pessoal da UFRGS, professores especialistas do Ensino Superior, a Direção e Docentes do próprio Colégio de Aplicação, deu-se, finalmente, o enquadramento.

O estabelecimento de parceria, o trabalho solidário de professores e direção marcaram a gestão 1981-1984. A convicção de que respeito mútuo e flexibilidade são determinantes ao fazer lúcido e criativo apoiou a atuação dialógica e crítica, presente ao longo de toda a gestão e manifesta de forma relevante nas atividades do Conselho Diretor. Este Conselho, que contava com a presença das coordenações dos dois Graus e das Áreas de Ensino, do Serviço de Orientação Educacional e representantes da congregação da Faculdade de Educação, desempenhou suas funções de órgão normativo, deliberativo e consultivo, de forma integrada, colaborativa e questionadora, fazendo análise e tomando decisões sobre as medidas pedagógico/administrativas relacionadas à vida escolar.

Assim, nasceram o Gabinete Pedagógico, o Serviço de Apoio Escolar (SAE), o Seminário de Inverno e criou-se a Divisão de Polivalência, com o objetivo de integrar os professores do currículo por Atividades e por Áreas. Da mesma forma, fruto de muita discussão, tomou-se a polêmica decisão de introduzir o sorteio público para ingresso no Colégio de Aplicação, vigente ainda nos dias de hoje.

O Gabinete Pedagógico merece aqui destaque pelo que representou à época. Surgindo da necessidade de reunir professores especialistas e docentes em serviço que se debruçassem sobre a problemática das séries iniciais e se preocupassem com a formação docente para essas séries, o Gabinete é assumido como um centro do pensar e do fazer na sala de aula, buscando no professor também o pesquisador. As dificuldades não foram poucas – a necessidade de pensar interdisciplinarmente, por exemplo – mas as atividades desse órgão vieram a configurar-se, efetivamente, como integrantes do processo pedagógico da escola.

Nesse mesmo período buscou-se dotar o Colégio de regimento próprio; apoiada em anteprojeto já existente, uma comissão especial, com assessoria e consultoria da professora Maria Carmem Rosa de Souza, da FAGED, realizou estudos e redigiu a forma final desse documento, que enviado à Congregação da Faculdade, foi aprovado em dezembro de 1983, sendo encaminhado ao Conselho Universitário da UFRGS para exame e aprovação.

Prosseguindo em sua vocação à investigação, o Colégio de Aplicação, durante o período 1981-1984, realizou e concluiu pesquisas relevantes, incluindo padronização e realização de testes, utilização de microcomputadores, elaboração e adaptação de questões e material de ensino. Destaca-se pelo envolvimento com a comunidade escolar, o projeto de “Produção e Adaptação de Materiais Instrucionais para Escolas de I Grau”, finalizado com a publicação de sete volumes relativos à Língua Portuguesa, seis volumes à área de Matemática e oito à de Ciências.

Lembrar lembranças! Enquanto escrevo os pensamentos se atropelam, buscando menção e prioridades neste manuscrito, informando e criticando ausências! Impossível lembrar tudo! mais difícil e improvável registrar tudo o que foi pequeno ou grande, fácil ou trabalhoso, conservador ou inovador, relevante ou ...

Contudo, ainda se impõe mencionar dois importantes segmentos da vida escolar do Colégio de Aplicação: os funcionários e os pais de seus alunos.

Minhas recordações trazem à memória a seriedade e o empenho dos funcionários, a quem na primeira hora lembramos a importância do papel nas tarefas didático-pedagógicas, pelo fato de serem, em grande parte, responsáveis pela infraestrutura administrativa da Escola. A mensagem era: espírito de trabalho, compreensão e solidariedade. E a isso todos corresponderam!

Também a Comunidade de Pais e Mestres do Colégio de Aplicação (COPAME), órgão representativo dos pais dos alunos, marcou, sempre, sua presença: participando, apoiando e discutindo. Aos pais a mensagem foi: envolvimento e colaboração, e deles isso tivemos, de forma mais firme ou mais frágil, eventualmente. E assim, num dos momentos mais graves vividos pelo Colégio – a paralisação de suas atividades em 1984 – os pais, por meio da COPAME manifestaram publicamente seu apoio, da mesma forma que apoiaram o retorno das atividades, vivendo junto com a direção, professores e alunos, memorável assembléia.

Com os alunos, professores e Direção, também os funcionários e pais participaram das atividades que marcaram as três décadas de vida do Colégio de Aplicação em 1984. E, pressionada pelas recordações, retomo então o pronunciamento feito naquela ocasião em que comparando a maturidade do homem aos 30 anos, segundo os povos antigos, à do Colégio ao comemorar essa idade, dizia: “Assim, aos 30 anos ousamos dizer termos atingido a maturidade institucional conscientes de que a maturidade de uma instituição é dinâmica e só se mantém a partir da consciência e do respeito pelo seu passado e da renovada projeção de seu futuro, capazes de criticamente orientarem a ação de seu presente, que submetida consistentemente ao crivo da reflexão, engendra o novo agir”.

Relembrações... Quatro anos do Colégio de Aplicação da década de 80 – no século passado registre-se – passam diante de mim ... e revejo o empenho com que todos no Aplicação nos lançamos a dar visibilidade ao compromisso assumido, à autenticidade e à competência no serviço, buscando uma participação real e não ilusória de todos os segmentos, não apenas a

ratificação do já decidido; tudo isso manifesto em ação e disponibilidade para ouvir, redirecionar e/ou consolidar...

Então ... apresso-me a concluir este já alongado escrito inspirado e roteirizado por um discurso de posse de vinte e três anos atrás. E percebo ter realizado quase um “inventário” da vida escolar do Colégio de Aplicação de 1981 a 1984, mais que isso, leio nas suas entrelinhas, o “inventário” de minha própria vida, de vez que nesses quatro anos – junto com o professor Cícero - emprestei a esse Colégio, a essa sempre jovem/madura escola de cinquenta anos, meu fazer e meu pensar plenos de energia, solidariedade, crítica, compromisso e fé.

Porto Alegre, abril de 2004.



Em abril de 1996 (da esquerda para a direita), Professoras Nara Brasco Pampanelli (diretora na época), Lourdes Maria Pivato (vice-diretora), Isolda Paes e Vera Regina Pires Moraes (Diretora de 1981 a 1984).



Professores do CAp/UFRGS na década de 1960, incluindo as professoras Graciema Pacheco, Isolda Paes (a de maior estatura) e a professora Vera Moraes (de óculos).

Memórias

Regina Maria Varini Mutti

Devo dizer que o convite para figurar na galeria de fotos dos diretores do Colégio de Aplicação, de início, me emudeceu. Mas é claro que, passado o primeiro impacto, corri ao saguão da Reitoria para bater a fotografia, honrada por “fazer parte da história do Colégio”, conforme disse, gentilmente, o fotógrafo Ricardo, quando me deu a notícia por telefone. De fato, essa homenagem, o depoimento na rádio e a escrita deste texto fizeram com que as experiências vividas retornassem. E quanto ao “fazer parte da história do Colégio”, melhor seria dizer: é o Colégio que faz parte da minha história! Desejo, então, registrar um pouco do significado do Aplicação para mim, ressaltando como esse vínculo se constituiu e permanece.

Começo evocando o passado mais distante, buscando registrar as experiências fundadoras de sentidos... O começo da história situa-se nos idos de 1971, 1972, bem antes de assumir a Direção, no quadriênio 85-88. Alguns cenários e discursos dessa época vêm à memória, mas não como cenas estáticas. Os acontecimentos de épocas diversas acabam se interpondo uns aos outros, é impossível resgatá-los cronologicamente ou demarcar exatamente o que é de uma época ou de outra. Assim, não contemplo a minha gestão como diretora

Professora de Língua Portuguesa e Literatura do CAP/UFRGS de 1971 a 1993.
Diretora de 1985 a 1988.

diretamente. Deixo fluírem lembranças diversas. Ao revolvê-las, aparecem alguns nós no tecido dessa rede de significações. E creio que é desse modo, no complexo desses laços, que vai surgindo o contorno do sentido que dei ao acontecimento direção na minha história.

Entrei no Colégio como estagiária e fui exercendo, durante muitos anos, em várias dimensões, com seus novos (e também mesmos) desafios do cotidiano, as militâncias da profissão. Uma identificação muito forte me impeliu a querer fazer parte do Colégio! Pertencer ao Colégio de Aplicação representava uma distinção, um primeiro passo para a realização profissional. A dedicação ao ensino, o prazer de ensinar podia ser visto nos olhos dos nossos pares. Todos pareciam participar desse clima. Ouviam-se vozes contando as maravilhas que tinham ocorrido na sala de aula, explicando as atividades e as reações dos alunos a cada experiência. A vontade de relatar costumava ser tão urgente que ocorria mesmo nas escadas e saguões entre os andares, além de na sala dos professores, que ficava no segundo andar do prédio no Campus Central.

Sala especial, a dos professores! Espaçosa, iluminada, geralmente ensolarada, cujas janelas, ao fundo, emolduravam no outono uma grande paineira rosa, aos fundos do prédio da Rádio da Universidade. Dali também se via o barracão de madeira (do Brizola) que abrigara o Colégio antes de sua vinda para esse edifício... No recreio movimentado das manhãs, na época em que entrei para o Aplicação, lembro que também tomávamos café em xícaras de porcelana, acompanhado de bolachinhas doces e salgadas, delicadeza providenciada pela Dona Inah, com o esmero e a sensibilidade em tratar as pessoas que a caracterizavam. Ao mesmo tempo, ela supervisionava o recreio, a circulação dos alunos. O recreio era longo em duração, de modo a facilitar formas espontâneas de convivência e descanso. Mas os alunos não podiam entrar livremente na sala dos professores nem afastar-se das proximidades do prédio. O espaço era aberto, no Campus Central, sem muros, gerando

cuidados diversos e disputas com a Faculdade de Educação quanto aos limites de uso. Mas a “quadra” era do Colégio, primeiramente de areião, esburacada, depois asfaltada. Nas manhãs e nas tardes ensolaradas, era bonito observar, das janelas, a movimentação dos alunos jogando bola, correndo. Na frente da entrada do prédio, ficavam os mastros para hasteamento das bandeiras. Mas como era difícil fazer cumprir os rituais da Semana da Pátria, naquele tempo! Já a proximidade ao Parque Farroupilha estimulava a que fosse tomado como uma extensão do espaço físico do Colégio, inclusive em aulas ao ar livre nos dias de primavera.

Mas voltando ao cenário da sala dos professores. Lembro da Dona Olga Paraguassu ali, em atividade constante, empenhada em fazer do Colégio um lugar especial, integrando os alunos “novos” (daquela turma que funcionava na Escola Técnica...), providenciando a “casinha” no pátio das Alfas, assumindo depois a direção *pro tempore*, lá por 1980. Recordo que os professores iam chegando, e aqueles que dariam aulas após o recreio, entre as conversas, ficavam revisando os planos, conferindo o material, que cheirava a álcool, as mãos manchadas com tinta azul do mimeógrafo (imaginem-se que foi somente em 86 que alugamos uma copiadora “xerox”...). Era a época dos materiais mimeografados e das máquinas de escrever! E a propósito: que habilidade tinha a Leila, que datilografava toda a Revista “Cadernos do Aplicação”! E isso foi assim desde os anos 80 até lá por 93, quando esta começou a ser digitada. Hoje vejo com satisfação que a Revista conseguiu manter a periodicidade, vem garantindo sua qualidade, com a editoria competente do Prof. Tadeu Rossato Bisognin!

Na sala dos professores, naquela época inicial, falava-se de tudo, mas principalmente se as atividades planejadas tinham dado certo. Comentava-se sobre os alunos, tiravam-se dúvidas sobre algum conteúdo junto aos colegas, noticiava-se, em voz baixa, alguma decisão vinda da direção. Assim como as alegrias, era possível presenciar também o mal-estar quando algum pro-

fessor estava com dificuldades: lá iam os coordenadores em socorro, ajudando a resolvê-las. Mas dependendo do caso, poderia levar ao desligamento do Colégio, a qualquer momento, ou mais adiante, em janeiro, no Seminário de Verão, quando eram tomadas decisões para o próximo ano letivo. Não havia vínculo empregatício, os enquadramentos vieram depois. E nos anos 70 não eram bem vistas mobilizações reivindicatórias, dado o contexto político do país. As não-coincidências no campo da política não podiam ser manifestadas, eram silenciadas até como medida de preservação. No entanto, o currículo podia conter, em certa medida, e dentro da sala de aula, a tematização de algumas polêmicas. É preciso convir: quanta diferença, entre aquela época e a de hoje, quanto à liberdade de expressão, em seus diferentes aspectos!

Dona Graciema quase sempre podia ser encontrada na sua sala, que ficava bem próxima à dos professores, no corredor; à direita de quem entrava, adiante de uma pequena sala de espera. Ela costumava ficar atendendo ou estudando. Reservada, entrava na sala dos professores somente às vezes, mas a sua autoridade pairava ali, na hora do recreio. Era por sua iniciativa que chamava os professores com quem queria conversar. Muitos receavam entrar para falar-lhe diretamente, em geral eram intermediados pelos coordenadores. Mas posso testemunhar a sua perspicácia para ouvir a quem se tornasse seu interlocutor. Nessas ocasiões, costumava fazer comentários pertinentes a cada situação. Dizia que a inteligência se mostrava também através da flexibilidade para entender a argumentação dos outros e deslocar-se de posições rígidas. Seu modo de exercer a liderança caracterizava-se por estimular aqueles que a rodeavam a assumir compromissos no Colégio.

Era na sala da direção, semanalmente, que se realizava a mais importante reunião do Colégio, designada como "reunião de coordenação". Presidida pela diretora, acontecia às quartas-feiras no início da tarde, com o objetivo de acompanhar o processo das atividades no Colégio e tomar decisões.

Os professores aguardavam o término dessa reunião para se dirigirem àquelas outras das quais participavam. A administração congregava os aspectos pedagógicos junto com os político-administrativos. Esse perfil de direção holística condizia com o caráter diferenciado do Aplicação. E assim também o fato de que era uma direção colaborativa, cujas decisões eram discutidas, através de reuniões institucionalizadas e sistemáticas. O espaço para propostas conjuntas, para comunicação e avaliação do processo era a tônica do Colégio. As mudanças históricas que se seguiram, com a mudança da direção após vinte e cinco anos, deram espaço a que novos atores fizessem suas interpretações do Colégio, encenadas nesse palco, sob nova regulação. Mas que foram possíveis porque se contou com uma base bem constituída.

Dona Graciema fazia uma ponte entre o Colégio e a Faculdade de Educação, onde lecionava, embora essa vinculação entre as duas instituições, nos anos 70, já mostrasse rupturas de fato. Os laços dependiam muito das pessoas, e por esse motivo talvez demoraram a romper-se de todo. Mantiveram-se, de várias maneiras, durante a gestão da Profa. Vera Moraes, que também era do quadro funcional da Faculdade, e inclusive na minha gestão, embora a minha situação fosse diferente: eu era do quadro funcional do Colégio, recentemente instituído. Essa questão dos vínculos do Colégio com a Faculdade de Educação ("órgão auxiliar") e com a Universidade foi tema discutido (e sofrido) em seminários, congregações, inclusive nos encontros de Colégios de Aplicação das outras universidades brasileiras naquela época. Hoje já não se discute a autonomia do Colégio, que existe de fato e de direito. Todavia, a situação de as universidades manterem escolas não se mostra totalmente pacífica.

Guardo por Dona Graciema uma grande admiração. Ela mostrou que a educação se faz importante no dia-a-dia da escola, aliando-se o esforço individual ao coletivo. Firme na posição de que a instituição escola tem potencial para fazer

diferença, conseguiu mobilizar um grupo forte que ousou pôr em prática uma proposta de escola inovadora no seu tempo. Eu, que entrei cerca de dezoito anos após a fundação do Aplicação, ainda pude constatar, diria que diretamente, os princípios educacionais fundadores. Princípios que, alicerçados no imaginário constituído, continuaram marcando as práticas desenvolvidas no Aplicação nas gestões que se seguiram, até os dias de hoje.

Eu era uma jovem professora quando entrei para o Aplicação, muitos colegas também eram jovens, os nossos alunos eram adolescentes (ainda não se iniciara a quinta série nem as Alfas). Não só, mas o fator faixa etária por certo correspondia ao ar de juventude que circulava no Colégio: muito que fazer, tempo de fazê-lo. Esse estado de ânimo abrigava também certa ansiosa expectativa. Ser professor significava poder realizar-se na sala de aula e essa atribuição se bastava, por si só já consistia numa tarefa complexa. No Aplicação sempre havia novas propostas nas quais se engajar, trabalhos a elaborar para apresentações em reuniões, mudanças a incorporar e pôr em prática, novos modelos a testar, a pensar, problemas a resolver, idéias a propor... Os grupos se formavam, se organizavam e os resultados apareciam... Posso aqui citar de memória: a experiência do quarto ano, o conselho de classe participativo, a polivalência, a implantação das alfas, a criação de um núcleo de pesquisa, bem como o fato de nunca abrir-se mão dos seminários de verão e de inverno. A avaliação crítica das experiências era constante, durante o processo, a partir da qual se decidia continuar, transformar ou suspender uma experiência.

Eu comecei a circular no Aplicação como monitora do Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação (onde estou atualmente). Minha atividade ligava-se às práticas de ensino das licenciaturas, cujos estágios, em sua maioria, ainda eram cumpridos no Colégio, embora de fato a universidade já estivesse voltando os estágios para todas as escolas, alterando a política de centrá-los em escola experimental.

Entretanto, a minha orientadora na monitoria, D.Isolda Paes, me dirigiu ao Aplicação, com a tarefa de “conhecer o campo”, mapeá-lo, observando e entrevistando pessoas envolvidas com os estágios nas diferentes áreas das licenciaturas. Desse modo, eu estaria coletando dados para o planejamento dos estágios naquele segundo semestre - os cursos ainda eram seriados, situação que mudou logo depois. Ela atuava também no Colégio, fazendo parte da Direção e coordenando Português e Literatura. As professoras regentes de classe do Colégio eram ex-estagiárias de Prática de Ensino em Português. A elas cabia ajudar os estagiários na elaboração do plano de ensino e acompanhar todo o processo. Os estágios eram efetivados em grupos. Eu era, pois, estagiária de Letras no Aplicação quando fui selecionada para ser monitora das Práticas de Ensino. Estagiei em uma turma de quarta série ginásial. No semestre seguinte, fui lecionar para uma e depois duas turmas do então curso Colegial, uma das quais fora a do meu estágio. Desses alunos, que acompanhei dois anos e meio, guardo preciosas lembranças. Eles se misturam às ambivalências desse tempo em que eu parecia corresponder a uma imagem de colega mais velha de meus alunos. Fui, com eles, nesses anos iniciais, protagonista de acertos e equívocos, nas pedagogias que levávamos a efeito. Fui aprendendo e me tornando, ao longo dos anos, pelo menos, mais experiente, embora cada nova turma sempre trouxesse desafios diferentes. A Direção também promoveu outras perspectivas de relação com os alunos. Desse modo, hoje, quando tenho notícias dos alunos e ex-alunos do Colégio, cumprindo suas trajetórias de vida social e pessoal, posso sentir aquela cumplicidade de ex-professora!

Junto com a docência de Português, ao iniciar no Aplicação, passei também a fazer parte do Laboratório de Ensino. O cotidiano da regência de classe significava estar sempre ocupada em planejar, trocar experiências, pesquisar, discutir questões e replanejar para o dia seguinte... Os trabalhos eram compartilhados no grupo de professoras, eram supervisionados.

As mais experientes assessoravam o trabalho das colegas; no Aplicação, era natural essa prática, fazia parte do aprender a ensinar e ensinar aprendendo! Encontrar ajuda fazia parte das práticas do Aplicação. Essa disponibilidade para estar junto eu pude sentir mais ainda quando assumi a direção. Os múltiplos desafios foram divididos com a Vice-Diretora, Profa. Nara Pampanelli, e com os outros todos que participaram dessa primeira direção sob a responsabilidade de uma professora do Colégio. Ampliar modos de olhar as relações institucionais e humanas em sua complexidade foi o legado da experiência na Direção para mim. Sou grata à oportunidade que tive de crescer, principalmente quanto à compreensão do outro e de mim mesma, a partir da experiência da Direção.

Nos anos 70, a participação dos professores era centrada nas suas práticas docentes, como já referi. As informações da Direção geralmente vinham através da Coordenação, que integrava as reuniões com a Direção. As reuniões de professores eram pedagógicas e cabia aos coordenadores exercer a supervisão. Essa atribuição mudou na primeira metade dos anos 80: as coordenações, eleitas por seus pares, passaram a ter um sentido mais político. O impacto era grande, na medida do desejo de participar. E tornava-se necessário aprender, na prática do dia-a-dia, a exercer a convivência democrática da representatividade, particularmente por aqueles que iam assumindo cargos de gestão.

Já o pedagógico, na nova formação discursiva vigente no Colégio, transitou para os grupos, os quais foram buscar novas formas de regulação. A posição de orientador/supervisor/pedagógico buscava guarida, de certa forma dividindo-se entre os cargos criados. A transição continha sentidos do novo e antigo discurso, ainda vivo no imaginário de todos, que reaparecia sob a forma de ressonâncias discursivas.

A concepção de professores colaboradores, na época inicial, pressupunha passagem rápida pelo Colégio, pois o objetivo era que logo após esses se lançassem no sistema, bem preparados; embora sabida de todos, tal condição foi mudan-

do na prática, o grupo de professores foi ficando. E foi esse grupo tornado fixo que logo passou a ter, potencialmente, acesso a qualquer posição administrativa, com o enquadramento funcional na Universidade (junto com a Escola Técnica) e a escrita de um regimento do Colégio que estava para ser aprovado mas já era praticado, no qual ficava consagrado o novo modelo de Conselho Diretor. A nova interpretação da dimensão político-administrativa consistiu numa transição histórica de impacto, que está valendo até hoje; ocorreu sob a direção da Profa. Vera Moraes, tendo como Vice-Diretor o Prof. Cícero Marcos Teixeira (quadriênio 1981-1984). Foi uma época de questionamentos e de novas proposições. Uma grande mudança foi em relação ao ingresso dos alunos, que passou a ser via sorteio público amplo, buscando-se democratizar o acesso ao Colégio e, em consequência, trabalhar com maior heterogeneidade.

Na gestão subsequente, a minha, trabalhei com as novas condições de gestão instituídas e já em desenvolvimento, tendo em vista a sua consolidação e amadurecimento. Buscava integrar as dimensões administrativa, política e pedagógica, com a participação ativa de todos. Sendo as transformações operadas no Colégio ainda recentes, e também sob efeito da abertura política que se conquistava no país, ocorriam mobilizações, posicionamentos, reivindicações diversas. O Colégio tinha saído recentemente de uma primeira e longa greve, vivia um tempo de reorganização e de intenso envolvimento de todos, que ocupavam os espaços instituídos de reuniões. Contava-se com o "Conselho Diretor", o "Gabinete Pedagógico", as reuniões semanais a cargo das "Coordenações de Grau" e das "Coordenações de Divisão". Reunia-se também a COPAME, congregando os pais, e a CACA, os alunos. O "Conselho Diretor" agregava representantes de quase todas as áreas de conhecimento e do SOE; participavam, ainda, três representantes da Faculdade de Educação e representantes dos alunos do Colégio; os funcionários eram

representados pela secretária do Conselho (a Carmen Lanczos). Os pais ampliaram a sua presença, bem como os alunos seu envolvimento nas discussões. O Colégio dialogava também com a Faculdade de Educação, tendo representação em seus colegiados. E a Reitoria solicitou que o ingresso no Colégio contemplasse o fator sócio-econômico e atendes-se filhos de funcionários, inaugurando uma grande polêmica que gerou ações de direitos. A disputa pelas vagas numa boa escola pública é grande.! Os sorteios do Aplicação saíam nos jornais, com fotos que mostravam a aglomeração dos candidatos, torcendo para serem contemplados...

Em meio aos embates diversos, e talvez justamente por isso, o trabalho do Colégio seguiu crescente, de modo que as metas elaboradas e avaliadas em conjunto (Linhas de Ação e Metas, 1985) foram viabilizadas, os resultados apareciam. Foi uma época de construção! O número de professores de 40 horas aumentava, repercutindo na variedade de iniciativas de projetos de pesquisa e extensão, por parte do Colégio, resolvido a ocupar esses espaços na Universidade. Esteve presente, por exemplo, nas primeiras tentativas da Pró-Reitoria de criar um "Núcleo" de extensão às escolas da comunidade; levou muitas experiências ao "Centro Cultural"; participou de projetos integrados, como o "OEA Fronteiras"; propôs encontros e pesquisa-ação com professores da rede pública de ensino; providenciou os primeiros passos para fazer uso das tecnologias digitais na educação; criou a revista "Cadernos do Aplicação", para estimular a produção e a divulgação de experiências... O ensino de qualidade se garantia, através da articulação entre as Divisões de Ensino, Coordenações de Grau e SOE. O Colégio estava entre os primeiros quanto à aprovação de alunos no vestibular. Diante desses fatos que consigo nomear, observo que se mantinha, nas lutas de dia após dia de trabalho, na crença e perseverança de que no Aplicação se podia fazer um bom trabalho, a identificação fundamental com saberes do discurso fundador da instituição, parti-

cularmente a “interação social criadora”, a busca de excelência, de competência, a comunicação, a troca de experiências, a valorização da participação de cada um.

Mas volto às lembranças da época inicial como professora: o Laboratório de Português ficava numa sala aca-nhada do quarto andar (prédio do Campus Central), próximo à biblioteca, esta, sim, num espaço muito agradável, iluminado, que era onde costumávamos estar e trabalhar. Trabalhávamos na interpretação e redefinição de currículo, elaborávamos nossas estratégias de ensino com grande esmero. Os materiais de ensino que elaborávamos buscavam ser singulares, desafiando os alunos a pensar e a participar ativamente; eram dirigidos a cada uma das turmas em especial. Eram aplicados, comentados e revisados; não se valorizava a cópia de materiais já utilizados em outra turma sem uma reflexão que o justificasse, nem a adoção de livro-texto para ser seguido, pois o princípio era que cada situação pedagógica merecia um tratamento específico, que demandava criação. Nesse sentido, era usual que recorrêssemos a livros teóricos da lingüística, além das obras de referência tradicionais, como gramáticas e dicionários (havia de diversos tipos!) e, sobretudo, muitas obras literárias que líamos e discutíamos para encontrar um texto interessante, digno de integrar a estratégia de ensino “bem bolada” que o ensino que almejávamos requeria. Esse trabalho se integrava ao objetivo de evidenciar a relação entre o tema em estudo e o contexto. “A sala de aula devia funcionar como um laboratório para repensar o que se está vivendo no mundo”: esse era um enunciado do discurso pedagógico vigente. A leitura era uma ênfase nos planos de aula, de modo que sempre buscávamos encontrar o texto que conjugasse critérios de valor literário à presença das estruturas lingüísticas que queríamos trabalhar. Era comum que nos puséssemos a discutir questões de língua que a aplicação dos planos que fazíamos suscitava. E assim estávamos sempre aprendendo mais. Era uma

característica do Aplicação, esta de os professores terem o hábito de discutir questões de sua área. Característica que continua e foi notada por vários estagiários de Letras, recentemente, tal como me relataram.

Os alunos do Aplicação perguntavam, era marcante o seu interesse intelectual. Faziam jus ao que deles se esperava, como alunos do Aplicação: argumentavam, discutiam os conteúdos com os colegas e com os professores, gostavam de polêmicas, não eram passivos. Muitas aulas se constituíam como debates e seminários, nos quais se praticava a constituição de pontos de vista. Dizia-se que os alunos do Aplicação eram “difíceis” porque colocavam questões aos estagiários e professores. Com o ingresso através de sorteio público, nos anos 80, e por fim com a mudança para o Campus do Vale, o perfil ficou mais heterogêneo, semelhante ao das outras escolas públicas. Mas o ensino que “parte da realidade do aluno”, a estrutura que prevê que a voz do aluno seja ouvida (por exemplo, nos conselhos participativos e muitas outras formas de escuta e fala), a disposição para a investigação sobre a prática, o aproveitamento dos recursos provenientes de sua inserção na universidade e da comunidade são fatores que permitem ao aluno do Aplicação ter uma formação muito boa. Vejo que se destaca pelos textos que sabe escrever. Basta ler a sessão “Do caderno dos alunos”, na Revista Aplicação, para constatar sua argumentação e criatividade. Acrescento ainda o depoimento de estagiários atuais. Dizem que os alunos do Aplicação “respondem” às propostas feitas, “produzem” apesar de uma dispersão (desgastante...), com os alunos do Aplicação se consegue fazer um ensino interessante. Desejo que o Aplicação persista na ousadia de buscar novas formas de ensinar e aprender, numa relação de parceria democrática entre professores e alunos, com limites respeitados. Efetivando práticas condizentes com a mudança de século. E que o aluno do Aplicação não perca a alegria e a espontaneidade que o caracteriza.

E volto ao passado... O currículo de Português e Literatura que encontrei quando fui lecionar no Aplicação tinha sido

elaborado recentemente, creio que no Seminário de Verão. Era sofisticado, resultava de aplicação interdisciplinar de elementos de várias teorias: lingüística, comunicação, semiologia, literatura, desenvolvimento. Apresentava-se por série e seu mapeamento indicava hierarquias quanto à organização através de eixos integradores, não lineares. Cada série tinha um foco principal, a partir do qual poderiam ser criadas as experiências planejadas para a série. Era bem articulado teoricamente, aberto a interpretações, de modo a servir de guia, sem uniformização, às atividades e seleção de conteúdos pelos professores. Esse currículo manteve-se durante muitos anos, seguido mais à risca por alguns professores, tangenciado por outros, compreendido ou incompreendido, por vezes deixado de lado com a mudança dos tempos e ares do Colégio. Certa ambigüidade, companheira da flexibilidade, o caracterizava, e isso podia ver visto de modo positivo ou negativo. Suscitava questionamentos e rejeições. No entanto, apesar de criticado, costumava reaparecer como argumento subjacente às decisões. Parece que era motivo de orgulho também poder contar com um currículo tão bem pensado, no qual a escolarização culminava com o princípio da autonomia e o estilo próprio do aluno... Deve-se convir que ainda teria atualidade! Lembro que foi a partir desse currículo que o grupo de professores da Divisão trabalhou na pesquisa "Conjuntos Pedagógicos", no início da década de 80. E quando era necessário apresentar o currículo de Português, lá ia ele, com suas "bolotas" instigantes. A primeira vez que me deparei com esse currículo foi porque devia tomá-lo como referencial para o planejamento da segunda série do Ensino Médio (na designação atual); para essa série – em 1972! – o foco integrador das atividades era: "Comunicação de Massa"! Eu trabalhei então a linguagem dos "mass media"(sic!): cinema, rádio, televisão, jornal, propaganda... A tônica do ensino de língua era ampliar o seu uso pelos alunos, a partir do enfoque dos contextos culturais, e não o estudo centrado sobre a língua enquanto abstração. E nisso os conteúdos de Português eram "diferentes"! Desde essa época, como lembro, as estratégias se dirigiam

à formulação de pontos de vista. Trabalho de discurso, que passa pelo uso da língua. Essa prática, estimulada, ia dar no “estilo próprio”, que era a categoria mais avançada do currículo de português! Na sala do quinto andar onde se instalou a Divisão de Português e Literatura, mobiliada com uma mesa grande, conseguida pela Eliana Marcolin, compartilhávamos as responsabilidades de trabalho e de vida.

Reconheço que os meus interesses de pesquisa sempre foram tributários da prática e reflexão que fiz como professora do Aplicação e que a maneira de ensinar de que eu gosto, que estimula os alunos a formularem o seu discurso, em qualquer nível de escolarização, eu fui constituindo através do Aplicação. Percebo claramente que essa referência parece ser um elemento identitário do professor do Aplicação, que se mostra também em suas outras atuações profissionais. Reencontrei esse laço quando nos reunimos – a Joyce Pernigotti, a Lígia Goulart, a Liane Saenger, a Vera Ávila e eu – para formularmos um projeto pedagógico dirigido ao sistema de ensino.

De mais longe agora, posso ver que o Colégio continua a empenhar-se em interpretar as mudanças da contemporaneidade, fazendo jus ao seu discurso fundador. Este contém em si o princípio de que é possível e necessário reformular o discurso pedagógico, praticando novas alternativas que façam sentido. Apon-to o trabalho do Colégio com as novas tecnologias educacionais, especialmente o Projeto Amora, que considero como uma manifestação da criatividade que se espera do Aplicação. Esse projeto mostra o amadurecimento do núcleo de pesquisa, pesquisa-ção que caracteriza o Colégio, em colaboração com pesquisadores de outras unidades da Universidade.

A mudança para o prédio novo foi uma oportunidade de revitalizar a instituição em suas diferentes dimensões. Sobre essa passagem, as direções da Profa. Nara e do Prof. Barreto é que têm muito a dizer. Assim também o têm todos os coordenadores, professores, orientadores, alunos, funcionários e famílias que dão sentido ao Colégio no presente. Hoje são novos

alunos, muitos professores são novos (alguns permanentes, concursados, outros substitutos), novos compromissos e projetos surgem... Mas desde uma primeira vista dirigida ao entrar no novo prédio, só de observar os modos de circulação e de interação, já se constata que é o Aplicação, cinquentenário, que continua...

Como primeira leitora deste texto, observo a emoção de que se reveste a narrativa. Muito mais teria ainda que recordar, de fato, o sentido nunca nos parece completo! Gostaria de ter referido muitas outras pessoas, muitas outras coisas de que gosto no Aplicação, mas seria impossível fazê-lo, nos limites deste texto. Brevemente, posso ainda dizer o quanto me encantavam as exposições de artes plásticas, as apresentações de música no saguão do segundo andar, os trabalhos de teatro!

Enfim: iniciei este texto com a galeria e o modo como esta poderia fazer sentido para aqueles que a visitarão no futuro. Vejo essas imagens representando histórias de vida diversas que de alguma maneira se entrelaçam, porque vinculadas à história do Aplicação. Bastaria apenas que as imagens sugerissem o seguinte: as nossas vidas ganham sentido por meio dos vínculos fortes que construímos!



Professores Cícero Teixeira (Vice-Diretor de 1981 a 1984),
Louremi Saldanha, Graciema Pacheco, Regina Mutti (Diretora) e
Nara Brasco Pampanelli (Vice-Diretora) em 1985.

50 anos do Colégio de Aplicação

Jorge Luiz Day Barreto

A primeira palavra que me vem à cabeça quando inicio este texto para dar um depoimento sobre o “meu” Colégio de Aplicação é ALEGRIA. E a partir dela um caleidoscópio de emoções começa a perpassar pela minha mente. São imagens, cores, sabores e muita, muita vibração.

Tento retornar, olhar para trás, sentir, reviver as lembranças, mas o meu tempo é o atual, e tudo que vivi na “minha” escola durante esses quase 30 anos estão presentes e vivos no meu cotidiano. A energia, a disposição e o bem querer continuam presentes como naquele longínquo 1º de março de 1976 quando cheguei ao Colégio de Aplicação.

Dito isso, pretendia fazer um inventário das coisas vividas neste Colégio, mas seriam tantas as lembranças a serem descritas que, por certo, necessitaria uma revista só para elas.

Preferi então fazer uma breve análise do Aplicação que já nasceu com o olhar universitário, voltado para a formação do professor, na medida em que esse espaço institucional foi historicamente construído e vivenciado como locus específico para experimentar a relação e a integração dos diversos níveis de ensino, alimentando permanentemente o projeto educacional, pela via da reflexão teórico-prática concretizada pela pesquisa acadêmica.

Essas bases foram tão criticamente lançadas que, hoje passados 50 anos, mantêm a energia e a firmeza nos seus princípios geradores, constituindo-se em um centro de investigação educacional que atende objetivos de um saber reflexivo consonante com as necessidades da sociedade em que está inserido.

É importante salientar que o compromisso do Colégio de Aplicação com a produção e difusão de conhecimento em relação à Educação Básica não se esgota em si mesmo. Ele está envolvido com a questão educacional numa perspectiva social mais abrangente e para isso interage com diferentes realidades, mantendo vínculos com várias unidades da UFRGS e de outras universidades, além de parcerias com instituições públicas e privadas.

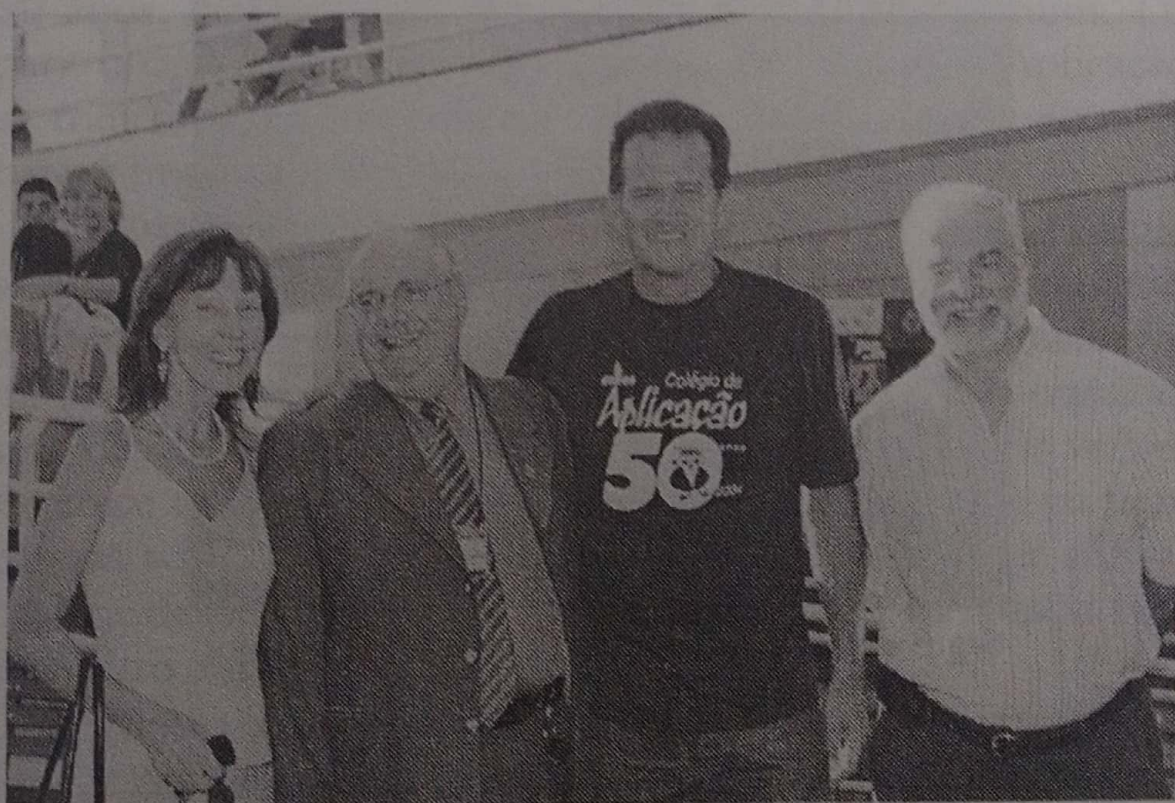
Todas essas ações qualificadas são fruto do trabalho responsável e competente dos professores e técnicos de todos os tempos, porque, além de excelentes profissionais, souberam entender o significado do Aplicação – uma escola-laboratório – que sempre se apoiou e se apóia no tripé: Liberdade – Autonomia – Responsabilidade. Isso sempre gerou uma consciência crítica em relação ao fazer pedagógico de todos que por aqui passaram ou que ainda permanecem.

A trajetória desses 50 anos de nossa escola é rica em histórias de sucesso, sendo permanentemente lembrada pela comunidade gaúcha e brasileira como sinônimo de qualidade de ensino. É por isso que ao finalizar este depoimento gostaria de homenagear a pessoa responsável pela criação do nosso Colégio de Aplicação, a professora Graciema Pacheco. Ela, com sua liderança, competência e ética, forjou em várias gerações valores indispensáveis ao exercício de uma cidadania crítica, criativa e transformadora.

Um parágrafo para o meu agradecimento a essa escola que me acolheu, qualificou as minhas ações educativas e desempenhou papel fundamental na minha formação como cidadão. Obrigado, Colégio de Aplicação, pela oportunidade de

dirigi-lo por 12 anos. Fique certo que dei o melhor de mim para torná-lo cada vez mais forte e respeitado e, se mais não fiz, foi por não saber como amá-lo mais. Levo no meu peito uma marca do nosso CAP forjada pelo amor que sentimos quando aqui vivemos as nossas vidas como educadores, dirigentes e, principalmente, como seres humanos.

Um grande abraço a todos que participaram, participam e participarão desta linda história de como fazer uma instituição educacional transitar por décadas com qualidade, ética e reconhecimento, sendo por isso imortal nos nossos pensamentos. Que venham mais 50 anos!



Marininha Aranha Rocha (Vice-Pró-Reitora de Pesquisa), Aldo Antonello Rosito (Coordenador da Coordenadoria de Educação Básica e Profissionalizante), Jorge Luiz Day Barreto (Diretor do CAP) e Paulo Kroeff (Diretor da Faculdade de Psicologia) em abril/2004.



Segurança e Diretor do CAP/UFRGS: Jorge Carlos de Souza da Silva e Jorge Luiz Day Barreto.

Os meus cinqüenta anos e os cinqüenta anos do Colégio de Aplicação

Joyce Munarski Pernigotti

Estranho começar este texto com números, mas destes 50 anos, meus e dele, trinta e dois foram em comum. Dá para imaginar que nos misturamos. Para mim, o Aplicação se transformou em uma questão de família, numa acepção bem completa.

Esta história começa quando tínhamos 11 anos. Colégio velho, dois barracões tipo “escolinha do Brizola” e eu, uma menina meio desengonçada e tímida, fui sendo capturada por modos de ser e de viver que fariam diferença. Tinha orgulho, sim, de fazer parte daquele colégio, minhas irmãs mais velhas, Berenice e Ianina, já estudavam lá e “se achavam”, e eu também as achava... importantes. Meu pai trabalhava por ali, Faculdade de Engenharia e Instituto Tecnológico. Era passar para um outro patamar, o dos adultos.

Minha sexta série foi desterritorializante!

Olhando de agora mais desterritorializante ainda, pois era a primeira versão do projeto de sexta série numa época em que o ensino ainda era Primário, Ginásio e Colegial – Clássico ou Científico. Nessa sexta série tive o meu primeiro contato com uma proposta de renovação curricular, ou melhor, Revo-

lução Curricular. Pastas em vez de cadernos, datilografar textos, teatro – *Tartufo*, de Molière, inesquecível! Aulas na Redenção, o passeio de Clarissa. Nunca poderia ter imaginado antes que um colégio pudesse ser um lugar tão legal. Essa experiência produziu uma marca tão importante na minha vida que, se olho para trás, tenho certeza que ela tem tudo a ver com a minha opção profissional – a Psicologia nos processos educativos, questão com a qual me ocupo até hoje com intensidade de quem se vê como iniciante. Acho também que essa vivência de sexta série me pôs comprometida com a idéia de afetar outras crianças e jovens com o encantamento do aprender, que gerou, na minha despedida, quando já tínhamos 43 anos, o Colégio e eu, o envolvimento no projeto Amora.

Quando tínhamos 12 anos, nos mudamos para um novíssimo e enorme prédio azul e branco bem ao lado desses barracões. Tudo muito espaçoso e cheio de novidades. Dois espaços eram “chocantes”, o salão do segundo andar, que no fundo era nossa sala de aula, e a sala de Artes no quinto andar. No primeiro aconteceram eventos importantíssimos, como a visita do Vinícius de Moraes, dando um show não só musical, mas também na conversa que a ele se seguiu. Aquele espaço do quinto andar era maravilhoso, a sala de Artes, nele usávamos materiais completamente novos para mim e fazíamos coisas inimagináveis, como inesquecíveis xilogravuras. Foi tão inesquecível que, por completa inabilidade, acabei raspando uma goiva na perna, deixando uma marca que por muito tempo carreguei. Não era só isso, as exposições que a “Dona Imira” nos instava a visitar semanalmente fizeram com que o gosto pelas artes plásticas ficasse impregnado em mim.

O Colégio sempre teve coisas curiosas. Lá pelos nossos 15 anos, no auge da adolescência, pelo menos na minha memória deve ser por essa época, aprontávamos barbaridades nas brincadeiras de trancar a escada na subida do recreio e deixávamos a “Dona Inah” louca! Aliás, a Dona Inah tinha idéias interessantíssimas (acredito que eram dela). Em vez de soar campainha, bater sino para marcar a hora de entrar em aula, tocava uma música – sempre cuidadosamente escolhida e pre-

ferencialmente comemorativa a datas –terminada a música, fechava a porta da sala.

Olhando daqui pra lá, o Colégio era muito inovador, em vez de Clássico e Científico tínhamos o Colegial com planos de estudos individualizados, coisa que hoje ainda se almeja, mas quase ninguém consegue fazer. Não tinha uniforme, coisa incomum na época, cada um vestia o que queria, e vestir lembra o tempo da minissaia, recém-lançada. A Dona Inah reclamava se nossas saias eram muito curtas, tínhamos que andar na linha!

Nossa adolescência era para mim tempo de escolhas de vida e de afetos. Quando concluía o terceiro ano, passei a namorar o Paulo, meu marido até hoje, que era neto da diretora, pessoa até então muito distante e temida, a Dona Graciema. Namoros não eram permitidos no Colégio. Lembro do pânico que se instaurou em mim quando, certo dia, descia a escada de mãos dadas com o Paulo e a encontramos no saguão. Não sabia se devia me abduzir, dissolver ou explodir. Mas nada disso aconteceu, não fui expulsa, nem advertida, nem suspensa. Começava ali uma virada na minha relação com essa pessoa encantadora, amorosa e estimuladora que foi decisiva na minha escolha profissional e tanto fez na minha vida pessoal. A tal ponto que tive o privilégio de conviver intimamente com ela, para mim, a Bisa. Durante os quinze últimos anos de sua vida, moramos na mesma casa, e a tivemos como parceira na educação de nossos filhos João e Pedro.

O Colégio e eu tivemos uma breve separação, tempo suficiente para que eu pudesse mudar meu vínculo, um novo papel na nossa relação. Quando estava no segundo ano da Faculdade retornei na condição de professora. Dia 9 de setembro de 1974 dei minha primeira aula na vida. Como única ex-aluna do Colégio de Aplicação na primeira turma da recém-criada Faculdade de Psicologia da UFRGS fui convidada a voltar. Louca de medo, teria que dar aulas nas turmas de segundo ano do II^a Grau, alunos quase da minha idade, meus contemporâneos no Colégio e, ainda mais, uma dessas turmas era a da minha irmã Cláudia. Bom, dá para imaginar quantas torções tive que fazer em mim mesma para dar conta dessa tarefa.

Nem eles, nem eu me via como professora. A frase ABERTA A SEGUNDA TEMPORADA DE CAÇA AOS ESTAGIÁRIOS estava escrita acima do quadro. Eu me considerava menos do que uma estagiária pela minha total inexperiência no ramo. Consegui sobreviver, é óbvio, já que hoje estou escrevendo sobre isso. Nesse dia inaugurei uma prática, muito divertida, que me acompanha até hoje: dar aulas. Hoje em tele/videoconferência com as mais avançadas tecnologias da informação e comunicação, coisa muito moderna.

Nesse mesmo ano, portanto tínhamos 20, passei a ser um clone da Dona Inah no quarto andar, pois era necessário ter mais alguém no controle da gurizada lá em cima. Lógico que é mais engraçado ainda, eu do alto desses 20, negociando com meus contemporâneos a respeito de questões de disciplina. Acho que devia implorar para que eles não me deixassem mal. Não deve ter sido um desempenho muito ruim, pois até hoje, quando encontro alguém desse tempo, damos gostosas gargalhadas pelas lembranças. Quanto a isso tenho que mencionar a Luciana Canarim, colega de turma de minha irmã Roberta, que se lembra de muito mais coisas do que eu - até nem sei se ela não inventa algumas para me deixar com a sensação de desmemoriada.

Quando me formei, 23 anos tínhamos. Eu já completamente capturada pelo germe da Educação passei a desempenhar a função de Psicóloga. Ano de 1978, introdução das séries iniciais, primeira turma de Alfa 1. Tinha sido construído um apêndice - "um puxadinho" no térreo que abrigou essa primeira turma. Meu trabalho era com ela. Outra experiência marcante, em que as utopias poderiam ser postas à prova: 25 crianças ávidas por conhecer sendo acolhidas em um ambiente alegre e preocupado com o aprender.

Nesses 32 anos fui assumindo funções, as mais diversas, desde a Direção, num dos episódios traumáticos que o Colégio viveu, quando do ingresso de filhos de professores. Olhando daqui para lá acho que dá para entendê-lo. Nossa dedicação e amor a essa escola eram tamanhos que nossa crença na qualidade do trabalho desenvolvido disparava um desejo incontrolável de oferecer aos nossos filhos um pouco daquilo

que supúnhamos ser as melhores formas de aproximar as pessoas do conhecimento.

Participei da outra mudança de prédio, para o Campus do Vale, onde finalmente conseguimos contar com uma estrutura física capaz de dar vazão às múltiplas propostas que compunham nosso imaginário. Permaneci, depois da mudança, apenas por dois anos, mas foram momentos de realização, pela criação coletiva do projeto AMORA, que me fez sentir o vigor da crença no possível, pela implicação feroz e radical com que nos pusemos a acionar mecanismos criativos. Tenho certeza que tal proposta é inspiradora de caminhos para transformar a educação.

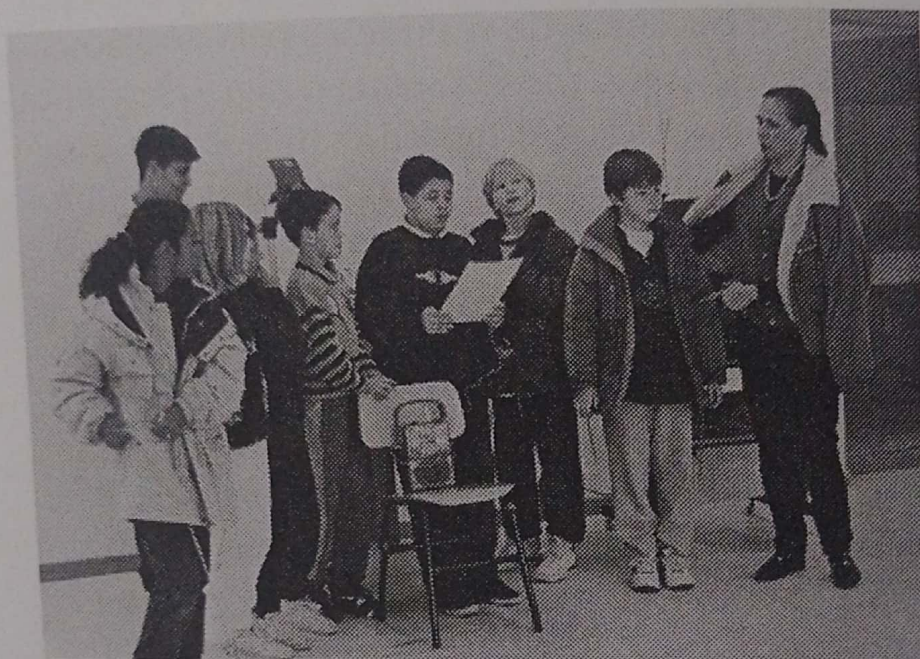
Outra lembrança que salta é a teia de conexões que se estabelece por conviver num lugar tão dinâmico e acolhedor de pessoas em formação. Hoje é difícil reconhecer nos adultos, que a toda hora encontramos nos mais diversos lugares, muitas das nossas crianças, como também é difícil não deixar de ver, naquelas que reconheço, a expressão infantil escondida no rosto marcado pelo tempo. O baile dos cinquenta anos foi um momento muito especial, quando emergiam pessoas e tempos que trazem saudade.

Tenho dúvidas de que alguém tenha passado mais tempo no Colégio do que eu, talvez o professor Cordeiro, só que a vantagem que penso ter em relação a ele é o fato de que o vivi por meio de ocupação de diferentes posições, começando pela de aluna. Não é querer contar vantagem, não... é dizer tão somente que, agora, quando completamos os nossos 50, posso olhar para nós e dizer que nos atravessamos, ainda que com a separação de corpos que hoje vivemos, me sinto parte dele assim como ele é parte de mim.

Como nesses 32 anos as coisas e as pessoas mudam, a vida como professora, psicóloga, coordenadora do SOE, do Ensino, diretora, supervisora, aluna, limpadora, pintora, sei lá o que mais o colégio me proporcionou viver deixou marcas, modos de ser, de perceber, de pensar, de sentir que se construíram num espaço de liberdade, de criação, um misto de transgressão com imaginação, forças que sempre busco acionar quando me deparo com novos desafios.

Ambos com cinquenta, aparentemente maduros, resolvidos... mas só aparentemente, dúvidas e incertezas nos movem, mas vigor, força, ímpeto de ser e fazer constituem nossos modos de existência. Quis deixar registrada a minha alegria de ser parte desse Colégio, alegria que nele pude construir e culti-

var na expectativa de que ele possa continuar sendo germe na mente e no coração de muitas crianças, como foi para mim.



Professora Joyce M. Pernigotti orientando apresentação de trabalhos no Projeto Amora – 1998.



Professoras Joyce M. Pernigotti, Vera Ávila, Vivian Arusievicz, Maria Conceição Stumpf, Beatriz Magdalena e Fabíola Lemanski – 1995.

Por orgulho, por respeito e por muito amor...

Nara Brasco Pampanelli

Com muito orgulho, ainda me vejo transitando pelas salas do “velho” e do “novo” Aplicação. Nesse colégio, encantador, construí parte da minha história, como professora, como coordenadora de equipes, como vice-diretora e, também, como diretora.

Em 1977, ao terminar o Curso de Letras na UFRGS, fui convidada pela professora Eliana Marcolin para assumir algumas aulas de Literatura. Insegura, preocupada... aceitei o convite. Sabia que tinha um grande desafio pela frente: ser aceita numa comunidade educacional exigente, diferenciada e crítica. Do tipo: tudo pode acontecer, de forma diferente, no dia de amanhã. Mesmo assim, eu já estava lá.

Anos difíceis, principalmente para o ensino das disciplinas das áreas ditas “humanas”. Do pessoal para o coletivo, entenda-se: estávamos vivendo o auge da Ditadura Militar no país. Tínhamos, necessariamente, que pensar, todo dia, se o planejado para a aula não era comprometedor para o Colégio, para nós ou para os alunos... Anos muito complicados! Mesmo assim, éramos, acredito eu, arrojados. Não deixávamos de fazer - às vezes pisando em ovos - aquilo em que as nossas cabeças acreditavam. Não dando muita ênfase aqui, pulando

uma página lá, divagando acolá, íamos construindo o dia-a-dia com os seus detalhes, entre os anos 70 e meados dos anos 80.

Aprendi, nos três, quatro, cinco... oito primeiros anos de Aplicação, a ter coragem para enfrentar situações de desafio, dentro ou fora do colégio. Aprendi a ler o tempo. Aprendi a entender a alma de uma instituição. Aprendi a trabalhar com crianças, bem como com os adolescentes. Aprendi a tecer críticas e ouvi-las, uma vez que faziam parte do nosso cotidiano, das nossas reuniões das quartas-feiras, dos Seminários de Verão, enfim, nas salas de aula. Em todos os momentos, a crítica se fazia presente - era pegar ou largar. Enfim, aprendi que a trajetória de um bom professor é aceitar a não ter "sossego". Hoje parece tudo mais ameno; amanhã, tudo virou uma "droga". E é assim mesmo! Não existe outro jeito! Temos que nos conformar com a incompletude mágica do que é ensinar, e do que é aprender. Entre o equilíbrio e o desequilíbrio, vão sendo conduzidas estas complexas instâncias as quais constroem um tempo em construção.

Em alguns momentos, cheguei a pensar em sair do Aplicação. No entanto, havia algo mais forte que me vinha à cabeça: aqui é também a tua casa; aqui tens uma missão. Realmente, com o tempo, fui entendendo melhor o significado da mensagem intuitiva. No colégio, conheci grandes "mestres" do ensino inovador. Conheci, também, aqueles, os nossos alunos, em sua maioria, responsáveis por tornarem a inovação uma prática em suas vidas a serviço da sociedade. E eles estão por aí... espalhados pelo mundo todo. Sem modéstia, sempre são os de "ponta", orgulho nosso, oriundos desse contexto de "ires e vires", formador das diversas gerações do Aplicação.

Respeitosamente, por tudo o que havia aprendido em menos de uma década aproximadamente, aceitei a participar da primeira eleição direta, na condição de vice-diretora, compondo uma chapa com a professora Regina Maria Varini Mutti. Fomos eleitas e, durante quatro anos (1985-1988) participei efetivamente da coordenação pedagógica, técnica e administrativa da escola. Foi, sem dúvida, um período que considero muito rico, especialmente porque repensamos o Aplicação,

diuturnamente. Talvez um dos projetos desse período tão importante a destacar seja a publicação do primeiro número da revista “Cadernos do Aplicação”, lançado em 1986 (meados). Na escola, muito se falava da falta de registros de experiências pedagógicas, da própria história da instituição. A revista surgiu com este propósito: documentar os relatos dos professores e dos alunos extraídos da sala de aula; os novos projetos de pesquisa que então se fortificavam; fatos e feitos que marcaram a história do colégio e, ainda, trabalhos diversos, de diferentes disciplinas, os quais constituíram o espaço *Dos cadernos dos alunos*. Graças a muitos colaboradores, sendo que um merece destaque, o professor Tadeu Rossato Bisognin, a revista sobreviveu. Essa mesma revista para qual nos dirigimos, registrando emoções, tempos e fatos de uma experiência pessoal junto ao Aplicação, na homenagem aos seus 50 anos. Ela acolhe os nossos depoimento com intuito de contribuir com “um pouco mais de história...”.

Ainda na década de 80, participei para a eleição de diretor. Concorri com o professor Barreto e o professor Telmo, colega já falecido. Saudades, Telmo! O Barreto foi eleito e, num clima de muito respeito, eu o Telmo participamos ativamente durante aquele tempo de gestão. Sempre estivemos juntos, unidos, nos momentos bons e nos momentos não satisfatórios. Parece que o adjetivo recorda os “pareceres descritivos”, mas não é bem assim. Foram momentos ricos, diversificados, com muitas mudanças que anunciavam novos tempos.

Em 1992, substituindo a professora Joyce Munarski Pernigotti, que substituíra o professor Barreto, assumi a direção do colégio (1992-1996). Eu e a Joyce concorremos. Fui eleita. Nesse período, muitas pessoas ajudaram a construir uma etapa importante do Aplicação. Gostaria de mencioná-las, recordando seus papéis de destaque: a professora Lurdes Pivatto, vice-diretora; as professoras Dóris Lubisco e Maria Carmem de Moraes Gomes, coordenadoras de grau na primeira fase de gestão; e as professoras Beatriz C. Magdalena, Joyce Pernigotti, Maria Conceição Stumpf, Mônica Strázulas, responsáveis, junto com os Coordenadores de Divisão e equipe

de professores do colégio, pelas grandes transformações pedagógicas, ocorridas nesse período.

Enfrentamos a mudança de sede, em 1995; aceitamos os desafios; projetamos e colocamos em prática o "Projeto Amora", ainda referência regional, nacional e internacional de inovação curricular do Ensino Fundamental. Junto com o Amora, repensamos o Colégio de Aplicação. Deixamos os nossos esforços para as próximas gerações.

Vivo, para quem o concebeu. Vivo, para quem o ajudou a se reconstruir em diferentes fases. Vivo, para todos aqueles que, por orgulho, respeito e amor deixaram, ou deixarão, suas marcas nas salas de aula, nos corredores e demais ambientes do Campus Central e do Campus do Vale, sedes abençoadas do amado Colégio de Aplicação.

Minha homenagem especial às professora Graciema Pacheco, Isolda Paes, Olga Paraguassu (in memoriam) e a todos os demais que idealizaram e construíram este maravilhoso colégio. Aplicação, parabéns pelos teus brilhantes 50 anos de história.



Diretora Nara Pampanelli e Professor Pedro Fonseca (Faculdade de Economia/UFRGS) na II Feira do Jovem Pesquisador em 1996.



Cerimônia de inauguração do atual prédio do CAP/UFRGS em setembro de 1996. Iara Wortmann (Secretária da Educação do RS), Maria Helena Guimarães Castro (representante do MEC), Nara Pampanelli (Diretora do CAP, ao microfone), Graciema Pacheco e Isolda Paes (fundadoras) e Lourdes Pivatto (Vice-Diretora do CAP).

Mensagem

Luzia Garcia de Mello

Xeste cinquentenário do Colégio de Aplicação, no qual fui professora de História nos anos 60, duas ou três idéias expressivas e sentimentos me vêm à mente e ao coração:

Primeiro, este colégio como um lugar de convivência criadora e de crescimento pessoal;

Segundo, este colégio como elo de gerações na busca constante do novo e na luta pela construção do conhecimento;

Terceiro, em todas as épocas, este colégio funcionando com muitos e diferentes horizontes de possibilidades, alçando vôos de criação.

Lembro neste momento de todos nós: professores, alunos, diretores, funcionários, pais, amigos do colégio, que convivemos no passado e no presente.

E, em especial uma referência carinhosa às professoras Graciema Pacheco e Isolda Paes - duas das fundadoras deste grande colégio!



Alunos do CAP/UFRGS em 1956.



Alunos em 1960.

Quem sou eu para ser um professor ideal?¹

Sérgio Buttes Cordeiro

Hoje tenho o magistério como minha profissão ideal. Se eu reencarnar é muito provável que continue a ser professor. A única condição é que teria de ter a vivência que hoje tenho.

Sou um homem muito feliz. Tenho 65 anos bem vividos. Sempre tive uma só companheira. Tenho quatro filhos (duas mulheres e dois homens) além de dois netos, muitos companheiros e, principalmente, muitos amigos. Por onde trabalhei muitos amigos deixei. Desavenças.... poucas. Aos 15 anos já estava no "basquete".

Estudei no curso noturno do Júlio de Castilhos. O 1º e o 2º ano do curso Científico fiz cada um deles duas vezes para "pegar base". Sem dúvida também por muita malandragem (muita festa, muitos jogos). Os professores de então não queriam saber se eu trabalhava ou não. Era pau e pau. O único que nos dava colher-de-chá era um professor de Português e

Entrevista realizada pela Professora Fernanda Camargo em 2003 para a disciplina *Seminário Avançado em Educação em Ciências e Matemática*, do PPG em Educação em Ciências e Matemática da PUCRS. São palavras da Prof^a Fernanda: "O Prof. Cordeiro para mim sempre representou a figura de um professor ideal. Desde que entrei no Colégio de Aplicação tive a felicidade de ter esse grande amigo como referência de profissionalismo e afetividade".

Professor de Biologia do Colégio de Aplicação de 1964 a 2003.

Literatura. Provas simples. Quando fiz vestibular a primeira vez, sabes no que rodei? Literatura Brasileira. Na prova oral (é, tinha prova escrita e oral) o professor da banca me mandou fazer uma apreciação literária de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Deu pra mim.

Fui um péssimo aluno no curso de Licenciatura de História Natural da PUC e um razoável aluno de Licenciatura na UFRGS. Também no Científico não fui lá essas coisas. Contudo, minhas vivências como aluno do Ensino Médio e como aluno universitário muito me ensinaram a exercer minhas funções como professor.

Tenho 39 anos de magistério. Comecei lecionando no Ginásio noturno do Colégio São Judas Tadeu quando ainda era aluno da licenciatura (agosto de 1964). Na mesma época iniciava meu estágio no Aplicação. Por solicitação do professor Cícero Teixeira, meu estágio foi até o fim do ano letivo. A escola me convidou para fazer um estágio remunerado em 1965. Fui "saído", como todos eram após 5 anos. Um pequeno lapso de tempo e retorno em agosto de 1970 para não mais sair.

No São Judas Tadeu fiquei uns 20 anos nos cursos noturnos (Ginásio e Técnico de Contabilidade). Dei aula por uns tempos em um Curso Pré-Vestibular -Andradas - (sei lá em que anos foi!).

Tornei-me professor por linhas tortas. Eu queria trabalhar na Petrobrás. Como não podia frequentar o Curso de Geologia - manhã e tarde - porque trabalhava, fui fazer o curso de História Natural da PUC que começava às 15h e tinha as práticas à noite. A Petrobrás permitia que os alunos do Curso de História Natural fizessem concurso juntamente com os geólogos. Quando eu estava no último ano as Faculdades de Geologia passaram a formar geólogos suficientes para atender a demanda da Petrobrás. Adeus alunos de História Natural! Deu para mim.

O que restou? Magistério. Que bom que as coisas tenham se encaminhado desta maneira. "Deus escreve certo por linhas tortas". Me encontrei.

Como tinha dado muita instrução no quartel para os soldados, não foi difícil a relação com os alunos. O que foi muito difícil no início foi responder aos questionamentos que aqueles caras faziam. Paguei meus pecados, mas valeu. Fui obrigado a estudar muito. Em consequência, muito aprendi.

De uma maneira bem simples, diria que o professor é um dos agentes da aprendizagem, da formação do indivíduo. Ele organiza as atividades de sala de aula de maneira que as mesmas propiciem aos alunos o desenvolvimento de habilidades e a construção de competências bem como a possibilidade do emprego das que já possui. A realidade de hoje, porém, faz com que o professor seja também orientador e conselheiro.

As atividades que antecedem as aulas e as que as sucedem às vezes são cansativas, a aula deve ser o “orgasmo” do professor. Na maioria de minhas turmas o prazer do contato com os alunos era tão grande que não sentia o tempo passar. Quando via já estava do fim da atividade. Para mim sempre foi um prazer a atividade com os alunos. Jamais a trocaria por uma atividade administrativa.

Sempre procurei interagir com os alunos não só na sala de aula como também fora dela. Conversar com os alunos mais problemáticos, procurar incentivá-los, entendê-los, orientá-los para melhorar sua auto-estima foi sempre uma preocupação em meu trabalho.

Vou relacionar alguns princípios que orientaram meu trabalho no 2º e 3º ano do Ensino Médio no Aplicação nos últimos anos. Essa metodologia de ensino foi construída juntamente com outros professores de Biologia ao longo de anos de trabalho:

- Construção de conceitos;
- Transformação de conceitos empíricos que o aluno tem em conceitos científicos;
- Estabelecimento de relações entre diferentes conceitos visando à organização de redes conceituais. Tal tipo de atividade ajuda muito quanto à expressão escrita do aluno;
- Cotidiano como ponto de partida e o produto de chegada;
- Contextualização no ensino de biologia;
- Utilização dos fatos do cotidiano como subsídios ao trabalho;

- Desenvolvimento de competências para a resolução de questionamentos a partir da análise de situações complexas;
- Interdependência interativa aluno/conhecimento/professor na efetivação do processo de construção;
- Compreensão da linguagem no entendimento da nomenclatura, biológica ou não;
- Prática como elemento de desafio e não de comprovação, ou seja, a prática antecedendo a teoria; e
- Busca de interdisciplinaridade.

São muitas histórias que tenho ao longo de tantos anos de trabalho. Vou contar duas. Uma há bastante tempo e uma bem recente.

Em uma turma do 3º ano existia uma moça que havia entrado no ano anterior na escola. Essa moça tinha uma auto-estima muito baixa, se é possível afirmar que ela a possuía. Ela “se escondia” de todas as maneiras possíveis para não ser chamada para responder a uma pergunta do professor. Um determinado dia ela compareceu ao laboratório de ensino porque não estava entendendo determinado conteúdo. Somente ela estava no laboratório. Na outra semana ela voltou ao laboratório. Terminou por entender perfeitamente o conteúdo em estudo. Na aula seguinte eu disse aos alunos que se não estivessem entendendo aquele conteúdo solicitassem o auxílio da Adriana porque ela saberia explicar perfeitamente a quem tivesse dúvida. Qual não foi minha surpresa ao encaminhar uma pergunta ao grupo sobre outro assunto e ver a Adriana de dedo levantado para respondê-la.

Foi um raro prazer em minha vida profissional ter ajudado uma aluna a melhorar sua auto-estima.

Recentemente passei um e-mail a um médico, doutor em genética, perguntando sobre como acontecia a gametogênese em indivíduo portador de determinada síndrome. O Roberto gentilmente respondeu a meu questionamento. Agradei a gentileza e tive a grata surpresa de receber um e-mail onde ele afirmava que a sua contribuição era muito pouco perto do muito que lhe ensinei, colocando ao final “do seu sempre aluno”.

Fui muitas vezes paraninfo de turmas que concluíram seus estudos no Aplicação.

Outra experiência importante na minha vida profissional foi a apresentação de trabalho no Congresso Sul-Brasileiro do Ensino de Biologia em Chapecó/ SC. O trabalho interdisciplinar sobre enzimas, motivo de pesquisa na então Divisão de Ciências, foi muito elogiado pelos participantes das atividades programadas. Um colega e eu ficamos extremamente lisonjeados pelas referências ao trabalho apresentado.

Fiquei contente ao receber o 2º prêmio no 1º Concurso Nacional de software educacional instituído pelo MEC. Mais feliz ainda porque o 3º prêmio coube a um grupo de professores do Instituto de Física da UFRGS.

Uma proposta pedagógica em que muito me envolvi foi o trabalho com etimologia. Em cada aula do 1º semestre, ao início da aula dois alunos escrevem duas palavras cada um (termos científicos ou não), separam os termos constituintes da palavra (prefixo, sufixo ou radical) e colocam o significado de cada um deles. "Traduzem" então o que a palavra significa. Elaboram um dicionário com a finalidade de entender os termos científicos.

No 2º semestre os alunos constroem "novas palavras" - neologismos - a partir dos termos constantes do dicionário. Eles são solicitados a dar outro nome a objetos já existentes ou nomear objetos que venham a construir etc.

Exemplo: criosomatoteca = crio + somo + teca (crio = frio; somo = corpo; teca = proteção. A palavra poderia significar roupa, casaco, ou seja, aquilo que protege o corpo contra o frio.

No final de determinado ano letivo cada aluno recebeu um papelzinho onde constava o nome de um colega, inclusive o do professor. Eles deveriam construir uma palavra que pudesse caracterizar o colega. O aluno colocava a palavra no quadro e seus colegas, pelo significado da mesma, indicavam quem era o colega a que a palavra se referia. Foi muito interessante pois muitos alunos foram identificados a partir do neologismo criado. Como entrei na brincadeira sobrou para mim o termo *leucotricoacrostoma*.

Posteriormente elaborei textos em que palavras eram substituídas por termos científicos (célula vermelha era substi-

tuída por eritrócito) ou o inverso, os termos científicos devem ser substituídos por palavras do nosso cotidiano não científico (cariólise por destruição do núcleo; androgênio por gerador de homem etc).

No início do ano combino com os alunos que não vou ficar chamando atenção de alunos que possam estar causando perturbação ao trabalho. Faço um risco no quadro. Em cima coloco uma atividade que o aluno deve realizar e entregar na aula seguinte, e embaixo coloco o nome do aluno que deve realizá-la. No início mando procurar dez palavras iniciando com determinado prefixo ou radical e explicar suas composições. A reincidência significa o dobro das palavras e assim por diante. Normalmente ao atingir 40 palavras eles não incomodam mais.

Se o aluno “esquecer” de fazer a atividade solicitada ela é automaticamente dobrada para a aula seguinte. Se esquecer de novo, não entra em aula.

Normalmente quando faço um questionamento peço aos alunos que pensem para respondê-lo. Após algum tempo, indico quem deve fazê-lo. Muitos alunos não conseguem ficar calados e respondem antes do indicado. A isso chamo “pitaco”.

Se a resposta for correta, tudo bem. Se não, dou um trabalho ao “metido” para ele aprender a esperar a sua vez de responder.

Avaliação do trabalho

A partir do levantamento das respostas dadas a questões objetivas e/ou discursivas, o professor pode saber o índice de acertos de cada questão. Assim, pode-se detectar as questões que os alunos mais erraram e, nas questões objetivas, quais as alternativas erradas mais escolhidas. Nas discursivas, quais eram as menos respondidas, quais os erros mais cometidos etc. Estas questões são retomadas em aula quando pode ser constatado que:

- o texto da questão não estava suficientemente claro para os alunos;
- o texto pode dar ensejo a mais de uma interpretação;

- o aluno não soube levantar os dados presentes na questão;
- o aluno não soube estabelecer as relações necessárias à solução; e
- o professor não foi suficientemente claro ao abordar o assunto.

O papel do professor é mostrar ao aluno como deveria ter procedido para resolver cada questão através do levantamento dos dados constantes da questão, do estabelecimento das relações necessárias à elaboração da resposta e de como o texto como deveria ser corretamente expresso.

Tais procedimentos ensejam ao professor saber das dificuldades que alguns (ou o grupo) apresentam em relação ao assunto em estudo.

O estudo a partir da prática

O aluno deve “aprender, fazendo o que não se sabe fazer” (Philippe Meirieu).

Por muitos anos nossa prática pedagógica em Biologia foi iniciar os estudos de um determinado assunto pela teoria e ilustrar essa teoria ao final dos estudos, através de práticas que pudessem comprovar aquilo que havíamos explicado. A mudança pedagógica quanto a esse item inicia-se com a introdução da contextualização dos temas a estudar, da construção do conhecimento e da transformação de conceitos empíricos que o aluno tem em conceitos científicos.

Essas mudanças parecem ter trazido uma sensibilização inicial do aluno quanto ao estudo a fazer. Achar explicações para fenômenos observados estimula o estudo em realização. Esse tipo de procedimento, essa maneira diferente de abordar certo tema parece estimular as aulas teóricas que sucedem a realização das práticas iniciais. Parece que para o aluno elas ficam “desejáveis”.

Tal metodologia ajuda na explicação teórica de fenômenos observados na prática. O aluno tem de “buscar” nas informações e conhecimentos que possui possíveis respostas que possam explicar os fatos observados na prática. Por exemplo, quando estudamos o processo da fermentação iniciamos a

atividade com uma prática - a produção de pão. Os alunos fazem a massa, observam o crescimento da mesma, constataam a importância da temperatura no crescimento, sovam a massa. A partir da fermentação iniciamos o estudo dos processos energéticos (fermentação, fotossíntese e respiração celular). Esse tema é propício à realização de atividades interdisciplinares com a Física e a Química, o que também é feito. O aluno é levado a sugerir hipóteses:

- para explicar o crescimento da massa do pão;
- para a necessidade de sovar a massa;
- sobre a ação do fermento;
- para diferenciar o fermento biológico do químico;
- para explicar a diferente "textura" do pão e do bolo;
- para explicar o "pão abatulado";
- para o emprego de diferentes quantidades de fermento em uma receita se essa é aviada em locais de diferentes altitudes.

A prática deve ser pois um elemento de desafio e não de "comprovação".

A contextualização do ensino e as redes conceituais

Qual a origem do trabalho com redes conceituais?

Quando o Colégio de Aplicação modificou a maneira de selecionar seus alunos de "prova de seleção" para "sorteio", a alteração no quadro discente foi muito acentuada. Ficamos com um grupo heterogêneo de alunos como todas as escolas públicas (esse era o objetivo da mudança). Muitos dos alunos que entravam no Ensino Médio tinham (e têm até hoje) dificuldades em se expressar, principalmente por escrito. Essa alteração coincide com a mudança feita pelo MEC diminuindo um ano letivo de escolaridade.

Nos defrontamos então com uma dupla dificuldades: alunos com dificuldades de abstração e de expressão. Tivemos de repensar nossa metodologia de trabalho.

Uma solução foi procurar no cotidiano do aluno fatos que pudessem ser relacionados, comparativamente, como “modelos” em relação aos fenômenos que ocorrem em nosso organismo e no meio ambiente.

Como detectamos o problema da dificuldade do aluno na expressão escrita, passamos a realizar atividades em laboratório de ensino e recuperação, nas quais tais habilidades eram básicas. Primeiro damos uma relação de estruturas, fenômenos que os alunos devem conceituar. Após solicitamos que eles estabeleçam várias relações entre esses conceitos.

Iniciamos com dois conceitos: cromossomo e DNA; célula haplóide e gameta.

Após passamos para três conceitos: fecundação, mamíferos e oviducto.

A partir de três termos solicitamos que os alunos expressem oralmente a relação estabelecida, iniciando as frases com os três diferentes termos.

Assim eles expressam a relação:

- A fecundação nos mamíferos ocorre no oviducto (inicia pelo 1º termo);
- Nos mamíferos, a fecundação ocorre no oviducto (inicia pelo 2º termo);
- É no oviducto que a fecundação ocorre nos mamíferos (inicia pelo 3º termo).

Com quatro, cinco ou mais conceitos temos o mesmo procedimento.

Este tipo de atividade ajuda bastante na melhoria da expressão escrita dos alunos.

Já no 3º ano conseguimos estabelecer relações entre diferentes conteúdos da biologia bem como algumas relações interdisciplinares.

Quando muitos alunos apresentam dificuldades em solucionar uma situação-problema produzimos um material pedagógico auxiliar que designamos “encaminhamento do racio-

cínio". Nele colocamos em seqüência as relações que o aluno deveria ter feito para responder o problema apresentado. Se ele conseguir responder aos questionamentos feitos é muito provável que consiga solucionar o problema apresentado. O que significaria isso? Que ele tem todas as informações necessárias à resolução porém não teve a competência para relacioná-los. Esse tipo de atividade ajuda no desenvolvimento de habilidades bem como no emprego dos conhecimentos que possui.

Um exemplo disso é o fato de que, em uma célula que não está em divisão celular, é possível identificar-se se pertence a um homem com a Síndrome de Klinefelter ou a um outro possuidor da Síndrome do Y adicional? Justifique sua resposta.

Algumas reflexões

Na pedagogia centrada somente no professor o aluno "escuta", "procura entender o que lhe está sendo ensinado" e "realiza exercícios de fixação" e "testes que comprovem seu saber".

Os testes visam à entrada na Universidade ou aos estudos seguintes nessas instituições. E aqueles que ficam pelo caminho? Terão condições de empregar os conhecimentos escolares em suas vidas?

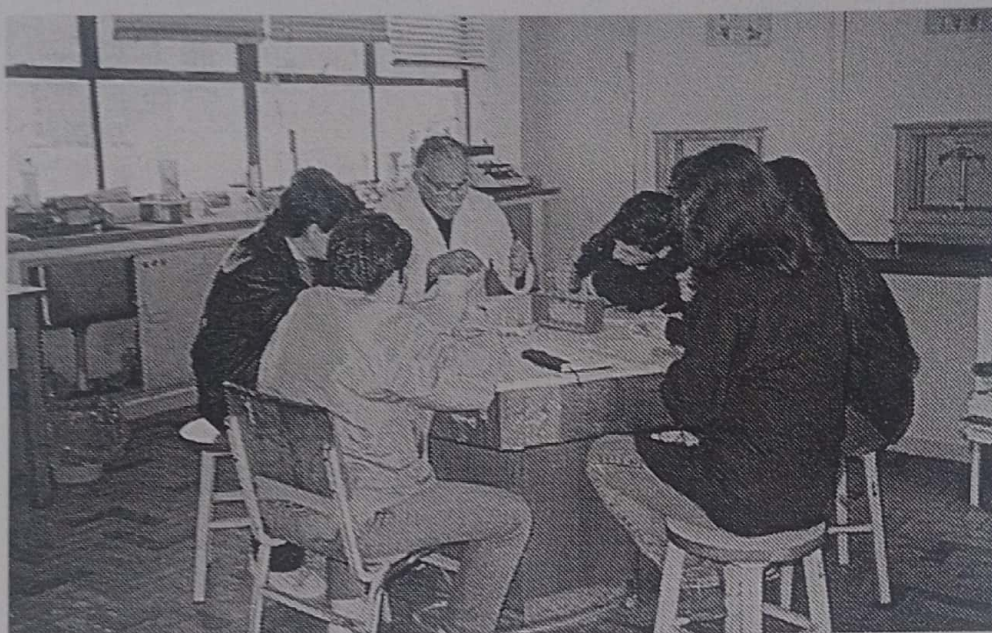
A dedicação a um ensino em que habilidades e competências sejam objetivos importantes leva a abrir mão de uma boa parte dos conteúdos tidos como indispensáveis. O MEC reconhece tal fato e diz no PCN de Biologia que não se pode abordar todos os conteúdos da biologia. As nossas escolas, porém, continuam a abordar um grande número de conteúdos que são percorridos rapidamente para poder estudar todos os títulos constantes dos programas de vestibulares (esse é o objetivo de nossas escolas de Ensino Médio, "preparar para o vestibular"). E se um dia as Universidades sortearem suas vagas? Qual seria a finalidade dessas escolas? Preparar para o sorteio?

As escolas estão sempre preparando o aluno para a etapa seguinte da escolaridade. O importante é que o aluno esteja preparado para o sucesso dos estudos seguintes.

O professor deve saber aonde quer chegar, como fazer para lá chegar, quais os obstáculos com que irá se defrontar e como deverá proceder para transpô-los e conseguir alcançar seus objetivos.



Professores da década de 60. Ao centro, o Professor Sérgio Cordeiro.



Professor Sérgio Cordeiro ministrando aula no Laboratório de Química e Biologia do CAP/UFRGS em outubro de 1994.

Mágoas de março

Paulo Coimbra Guedes

Eu não sei como o meu pai ficou sabendo, nem em que momento do ano de 1954, da existência de um colégio da Universidade. Lembro de uma conversa dele com o meu tio Antonio, pai do meu primo Zé, que também estava terminando o Primário, no Colégio São João. Eu estudava no Instituto de Educação, Escola Anexa. Meu tio dizia que ele era só um funcionário público, que não tinha pistolão pra conseguir uma vaga pro filho dele num colégio desses. Alguém mais que estava na conversa sugeriu que ele dissesse que era parente de não lembro quem.

A cena seguinte é eu e o Zé e um bando de guris como nós - tinha um cara que parecia mais velho, que não tinha um bom pedaço de um dos braços, e um outro que tinha um sotaque estranho, que foi chamado de Italiano por alguém que já me escapou da memória. Tinha umas gurias também, mas essa lembrança deve ser mais forte pro Zé do que pra mim, porque no São João, naquela época, só tinha guri. No Instituto não: era um colégio misto, isto é, tinha guris e gurias.

Só muito recentemente fui ter idéia do quanto o Instituto de Educação era também um colégio diferente, moderno, interessante. Assim como o Aplicação, o Instituto de Educação era escola-novista, mas que sabia eu disso, que sabe a gente da

nossa escola primária enquanto está na escola primária? Que termos de comparação a gente tem pra achar que a nossa escola primária é mais do que uma escola primária deve ser? O único desconforto prum guri suburbano, filho de pai são-borjense, era ter de cantar aquele hino: *juntas – juntas*, assim, no feminino – *cantemos a nossa marcha triunfal*.

Só muito recentemente descobri que eu gostava tanto do Instituto quanto gostei do Aplicação; a diferença é que o Aplicação foi, desde aquele entrevero preliminar do exame de admissão, uma experiência de diversidade, um exercício de termos de comparação. Eu já disse, meio de provocação, numa banca de mestrado na Faculdade de Educação, que eu me oferecia de objeto de estudo para quem quisesse examinar os efeitos da Escola Nova sobre a educação nesta cidade e que eu não conseguia entender qual é exatamente a bronca que os pedagogos bacaninhas têm contra a Escola Nova. Não falei exatamente *pedagogos bacaninhas*, mas ninguém até hoje aceitou a oferta.

Em 1955, todo mundo que terminava os cinco anos do Primário, aos onze ou, como no meu caso, aos doze anos de idade, fazia exame de admissão ao Ginásio, em qualquer colégio, ou seja, as coisas eram mais simples (ou muito mais complicadas) do que meu tio Antonio estava imaginando. Passamos - o Zé, eu, o italiano, que se chamava Roberto Stern, o sem braço não passou, passou o Fernando Rangel, que era meu colega desde a primeira série e morava na José Bonifácio, onde ficava a Escola Anexa, que continua lá, agora como um colégio independente. Passou um monte de gente, que eu fui conhecendo a partir de março de 1955 na sala 310 da Faculdade de Filosofia, no prédio que hoje se chama Anexo nunca consegui decorar que número da Reitoria.

Depois rolou que a turma que já estava lá - a primeira, a que está, de fato, comemorando cinquenta anos – tinha sido armada por convite, sem exame de admissão, e houve quem dissesse que todos eles tinham rodado nos exames de outros colégios e, por isso, tinham sido levados para lá. Para sermos

primeiros alguma coisa, dizíamos que éramos a primeira turma a fazer exame de admissão. Eu nunca me ocupei da dimensão desse mérito e não sei se teria tido, em algum momento da vida, condições objetivas de fazer essa avaliação. Na minha lembrança, eu fui absolutamente seguro pra aquele exame, não sei se por confiança ou por inconsciência; é bem possível que por confiança e por inconsciência. Só comecei a tomar tento do que representava ter sido aprovado e classificado nesse exame quando minhas irmãs, primos e primas e conhecidos começaram a não passar, um a um. Eu tentava atenuar imaginando que a concorrência era maior e que o exame estava cada vez mais difícil. Não sei se ocorreu aos que passaram a fazer parte de alguma das turmas que entraram depois de nós dizerem-se os primeiros que fizeram um exame de admissão mais difícil e mais concorrido.

Também não sei quando o exercício constante da comparação – entre os que vinham do Instituto e os que vinham do São João, entre os que tinham entrado conosco e os que não tinham aparecido em março de 1955, entre os que estavam gostando daquelas aulas e os que diziam preferir o jeito como os padres tinham conduzido as coisas no Primário, entre os que estavam acostumados com as meninas na mesma sala de aula e os não tinham a menor idéia do que fazer com elas, entre nós e os primos que estudavam no Parobé, no Julinho, no Rosário, e os guris da zona, que estudavam no Apeles Porto Alegre, no Inácio Montanha – não sei quando olhar pra nós e pros outros começou a me convencer de que o meu colégio era melhor do que o dos outros e de que nós éramos melhores do que os outros.

Pode ter sido porque os nossos professores nos diziam isso, não exatamente com a frase *vocês são melhores* mas nos botando a fazer coisas que os outros não faziam e nos poupando de fazer coisas que os outros faziam. Lembro que o Zé relutava: tanto que saiu, acho que no começo do primeiro ano do Científico. Foi pro Julinho e voltou em menos de um mês.

Contou que tinha lá um professor de Inglês baixinho, e a bagacerada botava o apagador em cima do quadro antes dele entrar em aula, e ele ficava pulando pra tentar pegar, e foi isso que fez ele voltar pro Aplicação e parar de falar mal do Colégio.

Não sei se era porque a gente não usava uniforme, e todos usavam nos outros colégios: tapa-pós ou calças e túnicas militares ou blusas de manga comprida com o nome do colégio no peito. Não sei se era porque a gente fazia reunião dançante no recreio no fundo da sala 310, que era um latifúndio (lá esteve a biblioteca da Faculdade de Filosofia durante um bom tempo), se era porque a gente voltava pro colégio de tarde pra fazer teatro em francês e em português ou ensaiar o jogral, se era porque a maluca da professora de Desenho nos levava pra Praça Argentina pra gente desenhar as pessoas que passavam, pro CPOR pra desenhar cavalos saltando, chamava os bombeiros para que desenhássemos eles subindo naquela escada. Se era porque a gente se reunia na casa de um ou de outro pra fazer trabalho de grupo – e os dos outros colégios não tinham a mais tênue idéia do que poderia ser isso –, se era porque nossas aulas de Ciências eram no laboratório, com microscópio, lâmina, dissecação de sapo, se era porque os nossos professores davam aula na Universidade.

Não sei se foi porque ao longo dos quatro anos de Ginásio e os três de Colegial não parou de aparecer coisas que só nós fazíamos: festas com reunião dançante naquele clube que hoje é dos funcionários da Assembléia em Belém Novo, viagem pras ruínas de São Miguel no fim da quarta série, aulas de literatura que também tratavam de livros recém-editados, pesquisas de campo com o professor de Biologia, coral que viajava pra cantar pelo estado. E tinha coisas que só os nossos professores faziam, como, por exemplo, nos perguntarem o tempo todo o que nós achávamos de tudo aquilo, nos mandarem escrever o que nós pensávamos e não apenas repetirmos o que tínhamos ouvido em aula. Nos mandavam ler livros e explicar o que tínhamos entendido dessas leituras. Normal, já faz tem-

po que tudo quanto é professor faz isso. Era incomum naquela época: só eles é que faziam isso sistematicamente, tão sistematicamente que dar nossa opinião se tornou pra nós o modo natural de falar em aula e de escrever trabalhos.

Um dos primeiros trabalho que eu escrevi no primeiro ano de Letras foi classificado como *pedante* pelo professor: *Tua opinião sobre Molière não tem a menor relevância; quer saber se assimilaste o que diz a tradição sobre ele*. Argumentei com o professor, que era francês e que começou a corrigir a minha pronúncia. Ligeiramente ofendido com a minha falta de modos, ele encerrou o assunto, repetindo que opiniões pessoais eram irrelevantes.

Claro que do ponto de vista da fortuna crítica de Molière, a nossa opinião, de aluno de primeiro ano, era irrelevante, mas, do ponto de vista de nossa formação pessoal e profissional, seria o mais importante dos dados para que o professor exercitasse o seu trabalho formativo. Isso, no entanto, eu só aprendi dando aula, me irritando muito com os alunos que – já deformados pela pedagogia materno-permissiva que começou a se alastrar pelos colégios da cidade a partir do fim dos anos sessenta – enunciavam suas opiniões como juízos definitivos e me acusavam de *tentar impor as minhas idéias* sempre que eu desmontava os argumentos deles. Fazendo isso, eu só estava fazendo com eles o que os meus professores do Aplicação faziam conosco: nossas opiniões eram o ponto de partida, nunca o de chegada. Como formula Jean Foucambert, o pedagogo francês que propõe a radicalização das idéias da Escola Nova, eles nos obrigavam a atuar nos limites do nossos saberes e dos nossos poderes.

Em 1961, nosso último ano no Colégio, nós resolvemos – eu, o Flávio Koutzii e o Saul Melo, deixar a barba crescer em homenagem, é claro, à Revolução Cubana. Dona Graciema Pacheco nos chamou no recreio – os três juntos – na porta do seu gabinete de Diretora e enunciou uma só frase: *Se vocês não têm tempo de fazer a barba, não venham pro Colégio*. Os três

grandes homens se reuniram em assembléia e decidiram, por unanimidade, fazer a barba. Como diz Paulo Freire, correndo riscos menores nos preparamos para enfrentar riscos maiores, isto é, ficou muito claro para nós que ali estava o limite dos nossos poderes. Eu li, no ano passado, um texto do Flávio sobre as críticas da esquerda ao governo Lula que me trouxe de volta, com toda a nitidez, aquele nosso recuo estratégico, aquela lição que Dona Graciema nos deu a respeito do essencial e do acessório.

Daí que, quando comecei a dar aula no Colégio Anchieta, em 1973, onze anos depois de ter saído do Aplicação, eu não conseguia entender por que os alunos, ao meio dia, simplesmente iam embora e só voltavam para ter aula no dia seguinte. Por que eles não voltavam de tarde, pra estudar, pra conversar, pra jogar basquete naquelas invejáveis quadras enfileiradas, com aquela profusão de bolas que os professores de Educação Física levavam pras aulas, pra ler naquela fantástica biblioteca, por que não faziam festas, teatro, coral, jogral? Por que, tendo um colégio incomparavelmente tão mais aparelhado do que os dois barracões de madeira onde a gente estendia uma rede de vôlei no recreio (e esse era todo o nosso parque esportivo), eles não ficavam o dia inteiro por lá? Que lugar tão mais interessante eles tinham pra ir de tarde além do Colégio deles?

Quem me explicou que eles eram ricos e, por isso, tinham piscina em casa, clubes para jogar até golfe, barcos para navegar, dinheiro para fazer festa em boate etc foi Cláudio Moreno, meu coordenador. Ele também foi aluno do Colégio de Aplicação, mas, mesmo naquela época em que ainda era mais novo do que eu, ele era muito mais versado do que eu em vida real. Levei ainda uns dez anos para perceber de que modo a grana que eles tinham me fazia diferente deles: foi depois da Anistia, quando eles descobriram que agora iam ter de assumir pessoalmente a defesa dos seus privilégios, e as nossas ações políticas começaram a se exercer também nas assembléias do Centro de Professores e no Sindicato e já não mais

nos limitavam à função de escudos a protegê-los do autoritarismo da instituição. Foi então que começaram a aparecer frases do tipo *nós estamos pagando esta merda e não queremos mais aquela professora* ou *por que tu não dá aula como o Fulano lá do cursinho?* ou *pra que Filosofia, cara? Isso não cai no vestibular*. Antes disso, eu, suburbano de media classe média, nunca me senti nem menos do que eles nem constrangido a disfarçar diante deles minha mediamedice suburbana.

Por quê? Porque eu atravessei os meus sete anos de Aplicação construindo a convicção de que eu não era um qualquer. E cheguei ao terceiro ano do Colegial com a certeza de que, se eu não tivesse feito parte daquela instituição incomum, eu jamais teria tido como descobrir que eu queria estudar Letras para me tornar escritor. Noutro colégio – pensava eu – eu teria acabado médico, como qualquer um. Foi mais ou menos com essa fala que eu escandalizei o professor Tuiskon Dick, que mandava um assistente dele nos dar aula de Química mas baixava lá para nos aplicar provas orais. Sei lá como ele ficou sabendo que eu tinha desistido de fazer vestibular pra Medicina e me perguntou por quê.

Aquilo não foi uma bravata; foi uma formulação desajeitada de uma comparação que eu estava fazendo de mim comigo, entre o que eu achava que seria capaz de fazer como médico e o glorioso futuro que me esperava como escritor. Na minha turma e nas mais próximas, as que eu conhecia melhor, tinha todo tipo de gente, desde filhos de latifundiários, de industriais, de comerciantes, de professores universitários e de artistas, de médicos, de advogados, tinha filhos de funcionários públicos como eu, o Zé e o Fernando Rangel, de empregados de bancos, de representantes de laboratórios.

E eu nunca tive motivo pra achar equivocada minha impressão de que todo mundo foi fazer o vestibular que resolveu que ia fazer. Lembro da Bete Souza Lobo lamentando a contida comemoração do pai dela pelo primeiro lugar dela em Letras, primeiro lugar que bem poderia ter sido o do Direito.

Flávio Koutzii foi fazer Filosofia, João Carlos Juchem foi pra Economia, que não era moda naquele começo dos sessenta. E ainda não ouvi falar que algum daqueles que foram fazer Medicina, Engenharia e Direito tenha sido profissionalmente frustrado por uma escolha pela moda e não pela vocação. E acho que acabo de descobrir o maior motivo para ter orgulho de pertencer a esse grupo.

Dei aula também no Segundo Grau do João XXIII entre 1977 e 1980: eram crianças que estavam saindo de um Colégio onde tinham entrado de mamadeira em punho, e o João XXIII, que comemorou quinze anos nessa época, era uma referência na rede particular como resistência à ditadura, mas a identificação dos alunos com o colégio era tão tênue quanto a dos alunos do Anchieta.

E aí está uma das grandes mágoas: não houve, na minha vida de professor, experiência nenhuma que pudesse se aproximar em riqueza, em variedade, em desafio, em crescimento emocional e intelectual, da minha experiência de aluno do Colégio de Aplicação. Por que mágoa? Por que eu não sei, afinal de contas, qual foi a contribuição do Colégio de Aplicação para o processo e o sistema educacional nesta cidade, neste estado. Hoje, quando minha filha de doze anos (49 anos separam os meus doze anos dos doze dela) se reúne com os colegas para fazer trabalho em grupo, o que dá pra ver é que os professores dela propõem trabalhos de grupo exatamente do mesmo modo como faziam os meus vanguardeiros professores no Aplicação de 1955: reúnem-se e façam o trabalho. Nenhuma instrução adicional, como se fazer trabalho de grupo fosse um saber que as crianças adquirem do mesmo modo que as abelhas adquirem o saber de fazer mel. O que foi mesmo que os professores desta terra aprenderam com a experiência do Colégio de Aplicação?

Tenho muita curiosidade de saber como os professores do Colégio de Aplicação de 2004 propõem trabalhos em grupo para os alunos deles: quero saber o que foi que os professores do Colégio de Aplicação aprenderam com a experiência do Colégio de Aplicação. Por quê? Porque minhas voltas ao Colé-

gio de Aplicação me levaram a colégios muito diferentes do meu Colégio de Aplicação. A primeira delas foi em 1967 para fazer meu estágio e a outra em 1988, para orientar estágio.

Em 1967 – e isso foi ainda antes do AI-5 – quem supervisionava os estágios era Dona Isolda Paes, minha professora de Português na primeira série do Ginásio, que lia para nós coisas tão interessantes quanto trechos descritivos de *A cidade e as serras*, e eu enxergava o caminho, o mato, as árvores, sentia o cheiro do capim enquanto ela lia. Leu pra nós *A maravilhosa viagem de Nils Olgersson através da Suécia*, livro com que me encontrei anos depois e desisti de ler porque achei muito mais interessante ficar com a leitura dela na lembrança dos meus ouvidos infantis. O conteúdo que tínhamos de apresentar aos alunos do terceiro ano do Colegial era o realismo português, e ela nos proibiu de sequer mencionar o fato de que Eça de Queirós escrevera um livro chamado *O crime do padre Amaro*: *Se vocês disserem isso, os alunos vão querer ler, e nós vamos ter problemas com os pais*. Meu choque maior nem foi pela censura explícita mas porque essa proibição só teria eficácia se não recomendássemos leituras adicionais aos alunos e se eles se contentassem só com o que diríamos em aula. No meu Colégio de apenas cinco anos antes nós não nos contentaríamos só com o que nos dissessem em aula.

Em 1988, supervisionando estágio de Prática de Ensino, não gostei do que me contaram minhas estagiárias nem do que vi nas salas de aula. Em vez dos desafios intelectuais que fazíamos aos estagiários que entravam em nossas salas de aula, aqueles alunos faziam a mesma bagunça comum de qualquer colégio; o pior, no entanto, foi que, na única vez em que a professora da turma me viu dentro da sala aula, ela me disse algo como *Os adolescentes são assim mesmo agitados, e a gente tem de se adaptar ao ritmo deles*. Fiquei imaginando com quem ela imaginava que falava: com um professor de Prática de Ensino que nunca tinha entrado numa sala de aula?

Depois disso, só estive lá já neste século para fazer um palestrão para uma centena de alunos a respeito de redação de vestibular, o único detestável tema a respeito do qual eu

me sinto - me sentia - obrigado a falar. E até ser convidado para escrever este texto nunca tinha recebido uma comunicação, convite ou coisa assim para qualquer comemoração que o Colégio tenha feito.

E outra das minhas grandes mágoas não é o sentimento de só eu ter sido excluído da memória do Colégio mas a tristeza por terem sido queimados os registros de todos nós. Minha impressão é de que o Colégio de Aplicação – tal como qualquer outro colégio ou qualquer outra instituição comum – relegou sua história a uma prática vulgar de comemorações formais. Não é a lugar de honra no panteon que eu aspiro; muito pelo contrário, o que eu queria era estarmos todos nós que já pertencemos àquela instituição incomum presentes no registro da história do Colégio não pelo que fizemos fora dele mas só pelo singelo fato de termos pertencido a ele.

É claro que me chateou não ter sido convidado para dar aula lá no tempo em que se dava aula lá por convite, me incomoda nunca ter sido convidado para dar algum palpite a respeito de ensino de Português para os professores de Português de lá depois que produzi uma tese a respeito disso. Não entendo por que nunca me chamaram, pelo menos, para discutir com os professores de Português do terceiro ano do Ensino Médio o paradigma de avaliação do vestibular que eu produzi em 1998 e que ainda vem, com modificações e acréscimos, orientando aquele processo. O que eu queria mesmo, no entanto, era ter feito parte do processo de consolidação daquela identidade que me acolheu e me constituiu, que me deu régua e compasso pra traçar o meu próprio rumo nesta vida. O que eu queria mesmo era ter sido intimado a escrever o meu primeiro texto a respeito do Colégio no fim do ano de 1962 e que esse hipotético texto tivesse sido lido junto com os de todos os que já estavam fora de lá, e que essas leituras tivessem gerado uma boa discussão. Eu queria, portanto, que este meu texto processando minha dor e minha delícia de ter sido aluno do Colégio de Aplicação não fosse o primeiro mas o quadragésimo segundo.



Alunos e professora – 4ª série ginásial – 1958.



Alunos Rosemary, José Antônio e Eliane – 4ª série ginásial – 1958.

Aplicação – Tempo de Vida

Rosália Alvim Saraiva

E escrever algo sobre o Colégio de Aplicação é como retornar a um tempo mítico, aquele tempo em que éramos personagens que se faziam nas suas histórias, enquanto acreditavam em todos os possíveis da vida.

Assim, há 47 anos, *ser selecionada para fazer a prova de seleção* (não é redundância, era assim mesmo) para o ginásio em uma Escola nova, com apenas três anos de existência, foi uma das melhores coisas que poderia ter acontecido na minha história. Algo que interferiu na minha forma de aprender e, conseqüentemente, na minha forma de continuar a aprender (e a ensinar) por toda a vida.

Naquela época, o que mais me impressionava, como uma menina de 11 anos, era o Aplicação ser uma escola da Universidade – eu me sentia diferente de todos os outros alunos de outras escolas. *Eu era aluna do Colégio de Aplicação da Universidade do Rio Grande do Sul!* Tudo era diferente. Não tínhamos uniforme e não desfilávamos no dia sete de setembro (como as outras escolas), não tínhamos cadernos, tínhamos pastas, não tínhamos livros didáticos, fazíamos trabalhos em grupo, pesquisas na biblioteca da Universidade, fazíamos todos os testes psicológicos possíveis (acho que éramos cobaías e não sabíamos!), tínhamos aulas de educação sexual

(meninos e meninas separados, risadinhas envergonhadas, mas, que ousadia !), fazíamos educação física com uniformes supermodernos (sainhas curtas por cima de short com elástico nas pernas – um must!), podíamos falar, perguntar durante as aulas, debater, discutir, discordar dos professores e entradas e saídas não eram controladas (mas aprendemos a usufruir deste espaço para construir nossa autonomia). Summerhill dos Pampas? Aprendemos a conviver em grupo porque nos permitiam trabalhar em grupo (e conseguimos perceber o outro como constitutivo do nosso processo de aprendizagem) e, apesar de termos vindo de escolas muito diferentes, nos parecíamos em uma coisa – fomos selecionados para sermos alunos do Aplicação. Se não me engano, alguém já escreveu sobre isto. Por que os alunos do Aplicação sentem-se diferentes dos outros alunos de outras escolas...

Acredito que agora entendo isso. Porque naquela distante época, ela já era uma escola que nos fazia pensar. Porque, já naquele tempo, acreditava que os alunos eram sujeitos ativos que podiam construir seu conhecimento porque pessoas *no e do* mundo, porque nossos saberes eram levados em conta, porque tínhamos problemas a resolver, porque tínhamos todos os recursos dos novos conhecimentos da Universidade à nossa disposição, tanto materiais como pessoais. Ter vários professores-estagiários não era um terror, aprendemos com a diversificação. Tínhamos aula com professores titulares que, sob a coordenação de Dona Graciema e de Dona Isolda, com suas idéias educacionais avançadas, tentaram (e conseguiram, na época) fazer uma escola pública de qualidade, usando os recursos da Universidade em proveito da comunidade (mesmo que com um grupo escolhido).

Eu amava ler, e a Literatura era presença constante nas aulas de Português. Eu adorava História e aprendi muito com os trabalhos de pesquisa nos múltiplos espaços da Universidade. Eu não gostava de Ciências, mas os Laboratórios dos prédios de Química e de Física eram “o máximo” e frequentá-los, melhor ainda. O barracão era de madeira (sempre esperando

o novo prédio!), o cheiro dos cachorros queimados do Biotério era insuportável (será que eles viravam sabão mesmo?), o bar da dona Antonieta e depois o da Arquitetura eram “trilegais”. Nossas reuniões-dançantes (na casa de uma “escolhida”) de quase todo o santo sábado eram inesquecíveis. Mas, houve um tempo que queríamos uniforme, queríamos desfilar no sete de setembro... Contraditório? Não, apenas adolescentes, querendo fazer o que não podíamos, apesar de fazermos muitas coisas que os outros não faziam na escola.

Aprendi muito no Aplicação, aprendi para a vida. Aprendi a não aceitar todas as respostas como verdades, a não ser dogmática, a não ter medo de me posicionar para defender meus pontos de vista, a não aceitar como verdade as verdades dos outros por acomodação, mas a discuti-las para ampliar minha rede de conhecimentos, a trabalhar em grupo, a interagir, a pesquisar em diferentes fontes, a estabelecer relações como forma de compreender o mundo, *a aprender a aprender*. Não me lembro de disputar notas (e as tínhamos). Isto não era o mais importante, apesar de termos prova oral, prova escrita e segunda época. E a segunda época em Inglês privou-me do que seria o meu momento mais inesquecível – a formatura do Ginásio, na Reitoria. Isso me marcou muito. Foi a única formatura que não queria ter perdido; as outras, que vieram depois, não tiveram o mesmo significado para mim. Coisas da vida e da concepção de avaliação que não acompanhou a evolução da proposta inovadora da escola. Nada diferente do que acontece hoje em dia nas escolas. É considerada produto, quando deveria ser processo... Tanto que passei com nota máxima na segunda época!

Quando terminei o Ginásio, queria ser professora, mas continuei no “Científico”. Na verdade, o que eu não queria era me separar da escola, do meu grupo. Mesmo em outra escola, voltava lá de vez em quando para assistir a uma aula. O tempo passou, casei, fiz graduação em Letras, Mestrado em Educação, área em que trabalho até hoje. E como o Aplicação me ajudou na necessária transgressão para buscar mudar a escola.

Eu sei que a inovação é possível se acreditarmos nela. E para provar que acredito nisto, dois dos meus filhos estudaram no Aplicação, o mais velho, Luis Roberto Alvim Saraiva, da 5ª em diante, a caçula, Lisiane Alvim Saraiva, da 1ª até o 3º ano do Ensino Médio. Ambos formados, já atuando no mercado de trabalho, fizeram vestibular sem fazer cursinho. Aprenderam a pensar...

Sempre que passo pelo lugar onde existiam os velhos barracões, lembro com saudade de um tempo que não era regido só pelo relógio – o tempo Chrónos – mas também pelo tempo da vida – Kairós. Tempo, que como afirma Hugo Hassman (1998), foi dedicado pela minha escola do coração “a produzir vivências do prazer de estar aprendendo”, tempo institucional a serviço da sincronização entre tempo cronológico e tempo vivenciado, tempo vivo fecundo para a construção do conhecimento *na escola* e para a formação de seres humanos inseridos *no mundo além da escola*.

Meu Aplicação

(Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia
da Universidade do Rio Grande do Sul)

César Pereira Lima

De calças curtas (compridas, na família, somente ao atingir-se a altura da mãe), em 18/12/1956, prestei admissão ao Aplicação. Com a aprovação, ganhei a desejada e bela caravela, estilo Santa Maria (como a do descobrimento da América). De 57 a 60 frequentei o ginásio, no primitivo prédio de madeira. Quatro salas de aula, dois banheiros, secretaria, sala de professores e da Direção onde a austera, mas visionária, Graciema Pacheco imprimia sua competente e particular maneira de dirigir o Colégio. Isolda Paes, com candura, afeto, mas incontestável qualidade, era o contraponto.

O cuidado com o material de secretaria, entretanto, não era o forte. Carbonos de provas, eventualmente, repousavam no lixo e os mais antenados logo os descobriram.

Por razões que até agora ignoro, como morava próximo e ia caminhando, era o primeiro a chegar e gostava de sê-lo. Sentado nos bancos longitudinais no puxado que nos resguardava da chuva, ficava estudando e aguardando os demais.

Atravessar todos os dias o Parque da Redenção, onde o atual espelho d' água fora a piscina de competição, construída para o Centenário da Revolução Farroupilha, em 1935, ainda

funda e com peixes, fazia nossa alegria, minha e de meu irmão, Paulo, ao retirarmos o artesanal espinhel de alfinetes entortados, com minhocas, atados na linha de encerada, surrupiados da máquina de costura de nossa mãe, colocado pela manhã e retirado após a aula. Carpas eventualmente pescadas nadavam no tanque de nossa casa, do outro lado da Redenção. Cuidávamos delas com o carinho dispensado a bichos de estimação. Jamais permitimos que a frigideira fosse seu destino.

Quando não havia aula, e a mesada permitia, passear nos barquinhos do lago era a distração preferencial.

Treze eram as disciplinas. Latim por quatro anos. Até grego, com o Prof. Donald Schüller, havia. Ainda hoje, lembro das falas das fábulas de La Fontaine no teatro em francês que fazíamos com a Prof^a Ruth (*Le Corbeau et le Renard*). E como se lia sobre a batuta do Prof. Carlos Appel, sempre obrigados a entregar ficha de apreciação para confirmar a tarefa. O mais trabalhoso, lembro, foram *Os Maias*. Lembro, também, das aulas de Canto Orfeônico, meu grande suplício. A mãe, para tentar aprimorar nosso ouvido, colocou-me e a meu irmão em aula particular de música. Como o piano não era nosso forte, passamos à gaita-piano. Certo dia, a professora chamou-a e vaticinou: eles não têm jeito mesmo, é melhor abandonarem a música, pois “se eles insistirem, eu desisto”.

Excursões do colégio eram muito comuns. Aumentava o conagraçamento. Passeios de dia inteiro. Belém Novo era o destino mais freqüente. Por vezes, íamos de barco à Praia da Alegria, onde passávamos próximo à Ilha do Presídio. Neles, o grande conagraçamento, consistia nas reuniões dançantes, onde muitos namoros tiveram início.

Com o tempo, o primitivo prédio transformou-se em depósito com a inauguração de dois maiores, pela ampliação inevitável do Colégio de Aplicação. Entre eles, foram construídas duas canchas de vôlei, que praticávamos nos recreios.

O Colégio Aplicação, tachado, ironicamente, por alguns, como uma escola experimental, propiciou aos que o freqüentaram formação humanista mais completa que os

demais. Também, tendo aula como tínhamos, todas as manhãs, inclusive aos sábados, e algumas tardes por semana, os índices de aprovação nos vestibulares confirmavam, ano após ano, a qualidade de seu ensino.

Apesar de não ter cursado o último ano do Ensino Médio, que completei no exterior, até hoje, a turma de 1963 se encontra, se reúne e tem se apoiado mutuamente. É o espírito do Aplicação que permanece em nós. Colega que ficou mais de vinte anos sem ir aos encontros, ao retornar, confessou: a vivência com vocês no Aplicação foi a melhor época da minha vida.

Meu Aplicação - 2

A festa do 50

Ontem, foi a festa do Aplicação. Na chegada, o sucesso estampado. A fila de automóveis, para entrar no Farrapos, quase atingia o topo da Cristiano Fischer.

No 41º ano de formatura, poucos foram os colegas que encontrei. Apenas quatro. Mas foi, amplamente, compensado pelos inúmeros amigos e conhecidos que, agradavelmente surpresos, constatávamos ter frequentado o Aplicação.

Foi bom encontrar o Peixinho (Jaime Werner dos Reis), professor de Educação Física que, duas vezes por semana, lutava por nos inculcar a importância dos exercícios físicos no Estádio Ramiro Souto da Redenção. E a Prof. Maria Luiza, sempre elegante, que de História tudo sabia. E o Prof. Cícero, de Ciências que, aos 79, está completando seu Doutorado, num exemplo de amor ao que escolheu como profissão e o fez exemplarmente.

Espero que conagrações como esse se repitam e que não se esqueçam de nós.



Alunos na Casa Almirante Alexandrino – 1959.

Velho Aplic

ou, ainda,
"Conceito de educação integral"

Carlos Eduardo Légori

Meu ser p'ra sempre moldado
em tuas salas de madeira,
acostumei-me a julgar
o mundo pelo que penso.
E este legado imenso
- que me permitiste herdar -
fez-me voz do teu recado
pela minha vida inteira.

Em classe, enquanto eu ouvia
e aprendia a ser alguém,
tu me dizias, também:
"Todos têm igual direito!"
e "Não terás que ser perfeito,
mas busca o melhor possível,
e torna o inatingível
tua meta de cada dia!"

E, nas tardes em que gazei
(com a tua cumplicidade...),
me encontrei. E hoje, componho
com as verdades que alcancei
e gravei no coração:

marinheiro de onze anos,
aportei na liberdade
e ancorei no cais do sonho,
singrando os meus oceanos
nos barcos da Redenção!

Uma vez Aplicação, sempre Aplicação!

Philippe Navaux

Era março de 63, primeiros dias. Na sexta, após uma semana de aula no Científico, nome dado para o Ensino Médio na época, fui informado de que, na segunda-feira próxima, deveria me apresentar no Colégio de Aplicação. Tinha feito no ano anterior, em outubro, testes de conhecimento e entrevistas com a Prof^a Santana, visando a ingressar no Aplicação, após o que pouca notícia tinha recebido. Portanto, foi uma surpresa ser chamado, pois meus pais já haviam pago a matrícula em outro colégio e adquirido os livros.

Na segunda, lá estava eu no Colégio de Aplicação, que tinha a fama de ser inovador na sua forma de aprendizado, além de ser experimental. Será que iria ser cobaia? E de quê? Sou encaminhado para a sala de aula, num dos barracões de madeira, atrás da Rádio da Universidade. Eram dois conjuntos de barracões de salas de aulas, com um pátio entre eles onde ficava a cancha para os jogos de vôlei nos intervalos das aulas. Além disso existia um terceiro barracão com duas salas pequenas para atender ao último ano, o terceiro, que era dividido em Clássico e Científico. Pois foi nesses barracões que passei os três anos seguintes.

Sou bem recebido pela turma, com a gozação normal de ser belga e portanto canarinho belga. Primeiras aulas, Literatura, com Carlos Appel, e primeira surpresa: “Que livros havia lido de autores brasileiros? Tinha lido *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freyre?”. Claro que não. “Pois leia para as próximas semanas.” E assim fui ler... e depois Machado de Assis, José de Alencar, entre outros tantos autores. Lembro da série de livrinhos de poesias, acho que mais de 10, que tive que comprar, de Alfonso de Guimarães a Castro Alves. Que diferença entre o ensino que vinha tendo e esse do despertar ao conhecimento através do pensar. Estava habituado a receber bastante informação, mas pouco a pensar e deduzir em cima do que estava lendo.

Nas semanas seguintes, fui devagarzinho me enturmando e conhecendo os colegas. Eram o Maciel e o Hamilton que possuíam carros, o Hugo e o Silvio com as melhores notas, as gurias Claudia, Alida, Celi e Lodeiro que andavam sempre juntas. O Joel Leon que morava perto de casa. O Pato, Pacheco, que era parente da D. Graciema, Diretora do Colégio, o Mâncio amigo dele, o Gravina, a Marisa que até hoje é professora da UFRGS, o Miguel, o Rubin, a Cleide, cuja filha veio a ser colega da minha filha no Aplicação, a Regina, hoje professora aposentada da UFRGS, o Sobreira, a Flávia Poli, que veio a casar com o baterista do conjunto em que o Joel tocava, o Gilberto, o Vinicius, a Heloisa, a Lavinia e tantos outros de que tentarei lembrar e acertar os nomes ao longo do texto.

Lembro dos primeiros professores, como o Cícero, de Biologia, e o Chemelo, de Física. Mas, em pouco tempo, as aulas de Física passaram a ser ministradas pelo pessoal do Instituto de Física, liderados pelo Anildo Bristoti. Como muitos eram jovens professores, alguns ainda eram estudantes, sempre havia a tentativa de a turma colocar em xeque o professor. Bastava haver certa hesitação para que alguém perguntasse se a abordagem do assunto era a apresentada, o que, em geral, deixava o professor em dificuldades. Fim do ano de 63, lembro

bem, estávamos em plena aula quando veio a notícia de que tinham assassinado o Kennedy. Foi uma surpresa, com muita gente dizendo que não era verdade, mas, à medida que se confirmava o fato, reinou um mal-estar e a sensação que o mundo estava vindo abaixo.

Segundo ano científico. Fomos para a sala ao lado da Arquitetura, bem na ponta dos barracões. Tinha sempre uma turma de engraxates, tentando tomar uns trocos de nós, hoje, inclusive, um deles é funcionário do bar do Antonio. Foi o ano da “revolução”, época conturbada em que saía da aula com o Joel e, para chegarmos em casa, pois morávamos no centro, passávamos pelo quartel do Exército que ficava no início da João Pessoa, na praça do Portão. Sempre apareciam histórias sobre presos no quartel, cujos gritos se poderia ouvir.

Foi também o ano em que os colegas Júlio e Dora começaram a namorar e até hoje continuam juntos, casados. Por sinal, na turma, entre os colegas, teve também a Ianina e o Cegonha, Enio Dexheimer, jogador de basquete e que veio depois a ser piloto da Varig, que se casaram.

Nossas aulas eram preferencialmente pela manhã, mas algumas atividades como a ginástica eram à tarde. Várias vezes essas aulas foram lá no estádio Ramiro Souto, Parque Farroupilha, sob o comando do prof. Peixinho, apelido carinhoso do prof. Jaime que era nadador. Fazíamos ginástica e depois saía um futebol ali mesmo no estádio.

Uma das situações divertidas eram as aulas dos estagiários da Faculdade de Educação. Tradicionalmente todos os anos recebíamos os futuros professores, estudantes da Educação, para que viessem treinar seus conhecimentos de didática junto a nossas turmas. Só que nessas horas os alunos é que faziam de tudo para testar os ou as futuras professoras. Normalmente, na primeira aula, a turma não se acalmava enquanto não escorresse alguma lágrima da “fessora”. Não era com maldade, mas a provação era através de perguntas difíceis ou então simplesmente pela indiferença da turma, para desespero da estagiária.

Uma vez, no terceiro ano, o pessoal estava mais endemoniado e resolveu preparar a aula. Haveria uma apresentação de trabalhos. A sala foi reorganizada e foi colocado bem no centro um vaso sanitário com tampa e tudo, rolo de papel higiênico, papel aparentando uso, além de fazer marcas de pés ao longo da parede e do teto. A professora, quando entrou, levou um tal susto que chamou dona Isolda que, prontamente, foi até a sala e perguntou aos “meus filhos, por que fizeram isto?”, todos eram filhos da dona Isolda. Evidentemente que nada foi apurado e só sei que a aula foi suspensa até tudo voltar à ordem. Não era hábito deixar os alunos de castigo, ao contrário, o diálogo era a arma empregada para esclarecer e resolver situações. Agora, é importante frisar que nunca houve maldade nas brincadeiras, era mais um testar os professores das maneiras mais insólitas possíveis.

No terceiro ano, 1965, fomos para as duas salas de aula no último barracão, e a turma se dividiu entre os alunos que iriam para o clássico e os que iriam para as áreas científicas. Foi nessa época que tivemos aula de Matemática com o Boeira, que sempre aproveitava a aula para ler o jornal e comentar dos jogos do Internacional. Tínhamos também a Lia Marquardt, que nos ensinava Português e que, embora fosse muita amiga da turma, às vezes sofria com ela.

Todos os dias para sinalizar a hora do intervalo era batido o sino, tarefa muitas vezes sob a responsabilidade de D. Glória. Pois um belo dia o sino desapareceu. Já havia desaparecido uma vez e voltado logo, mas dessa vez ele não voltou tão cedo, porque tinha sido levado pela nossa turma e ficado na casa de um colega. Depois, como era praxe nas turmas terceiranistas, havia a viagem de fim de ano. Dessa vez, a viagem foi para Montevideu e o sino viajou junto, indo soar seus badalos nos pampas dos nossos hermanos. Levou muito tempo até que o sino voltasse à secretaria.

Quantas boas recordações a lembrar.

Pois, por incrível que pareça, após 39 anos de formatura,

a turma continua unida e se encontrando anualmente. Tradicionalmente, em dezembro, aqueles que estão por Porto Alegre se reúnem em algum restaurante para confraternizar e relembrar os bons tempos, além de conhecer os netos dos colegas, pelo menos em fotos. Também quando alguém aparece por Porto Alegre sai uma convocação emergencial. Assim foi quando a Freda veio de Brasília, o Telmo de São Paulo, o Lenuza dos States.

Quando dos 30 anos da turma, foi feita uma festa de peso, na casa da Alida e do Fuhrmeister, com a presença de mais de 20 colegas, além de alguns professores, inclusive a D. Graciema e a D. Isolda. Veio gente de outros estados e do exterior. Apareceram o Hugo, hoje um bem-sucedido empresário da construção civil de São Paulo, a Miriam, hoje professora da Unisinos, a Lodeiro, o Arnaldo, além dos que sempre aparecem e que já foram citados. Festa de arromba, que foi até altas horas e que teve até fogos de artifício para comemorar o aniversário.

Além disso, durante o ano, alguns mais fervorosos se telefonam para um jantar em geral numa churrascaria, às vezes na residência de alguém, reunindo-se de 6 a 12 pessoas. Em janeiro e fevereiro sempre sai o churrasco na casa da praia do Levenzon com sua esposa Fanny. Tradicionalmente aparece o Hamilton que assa a carne com o Levenzon, a Maria Inês com o marido, a Dora e o Júlio, às vezes a Iara, a Marcia, o Cantergi com a esposa, o Joel, a Alida com o marido Fuhrmeister.

Fica aqui a homenagem da turma de 65 aos 50 anos do Colégio de Aplicação pela formação recebida que nos molda até os dias de hoje.

Colégio de Aplicação – 50 anos

Olga Garcia Falceto

Dormi com o Aplicação na cabeça e acordo às três da manhã sem sono.

Preciso pôr no papel minhas lembranças, o agradecimento pela importância que o Colégio teve para mim. É quase como se eu devesse isso. A quem? Ao Colégio? Provavelmente a seus idealizadores, na verdade suas idealizadoras. À D. Graciema e à D. Isolda, dirigentes severas aos nossos olhos da época. E penso na importância do Colégio, como carinhosamente o chamávamos e chamamos, para a formação de meu caráter e de minha capacidade intelectual. Lembro das primeiras aulas de Português com a D. Rebeca, fantásticas, das aulas de História da D. Elita, quando pela primeira vez me senti muito burra... Pior do que isso, me senti limitada quando ela propôs que fôssemos conhecer a Câmara de Vereadores e eu não queria. E não queria antes mesmo de ouvir as suas argumentações sobre a importância da Câmara (aprender a ser humilde é fundamental, mas era difícil naquele ambiente em que nos considerávamos parte dos "eleitos"). Mais tarde, a D. Núbia (era este seu nome?) nos mostrou, com rigor que me

Aluna do CAp/UFRGS de 1960 a 1966. Professora Adjunta do Departamento de Psiquiatria e Medicina Legal da UFRGS /Chefe do Serviço de Psiquiatria da Infância e Adolescência do Hospital de Clínicas de Porto Alegre./Professora do Instituto da Família.

parecia algo exagerado, como a Geografia estava em todas as atividades humanas. E tinha, também, o Prof. Nelson, de Ciências, de cujas aulas de sexualidade (em 1961) lembro ainda. E tudo que aprendi com a D. Maria Anita, especialmente o prazer que me acompanha até hoje, de visitar exposições de arte. Agora lembrei da incrível D. Olga que, como prova de final de ano de Artes, trouxe um circo para que o desenhassemos. Lembrei dos palhaços no meio do pátio, entre os dois pavilhões de madeira com umas seis salas de cada lado. Um pequeno espaço que era um mundo tremendamente amplo, porque amplas eram as idéias que o regiam. E a forma coordenada como aprendíamos, com todas as disciplinas abordando os mesmos assuntos, com maravilhosos passeios para nos estimular! O Colégio de Aplicação era, realmente, um colégio experimental do qual a Faculdade de Filosofia podia se orgulhar.

Entreí no Colégio em 1960, depois de um duro exame de admissão. Ficamos quatro em primeiro lugar: Miguel Bodea (que em paz descanse), Roberto Moraes, eu e alguém de cujo nome não lembro. Mas, como eu era a mais moça dos quatro, “ganhei” o primeiro lugar. Por que isso foi tão importante para mim? Certamente porque a prática de não termos notas ao longo do curso não foi suficiente para anular os princípios competitivos que a sociedade nos transmitiu. Mas, também e principalmente, porque foi um grande feito para uma menininha de 10 anos, que tinha chegado ao Brasil sete anos antes, vinda da Espanha da pós-Guerra Civil (via França, onde nasci só por acaso histórico). Agora sei que, talvez, a maioria de nós era descendente de imigrantes recentes: judeus, italianos, alemães... Quantas histórias trocamos, quantas outras seriam secretas...

A “era prédio novo” não teve, nem de perto, o charme da “era Colégio velho”. Mas já não sei onde mais me descobri como gente. Os primeiros grandes amigos, os primeiros namorados (peço desculpas à D. Graciema que tentava controlar nossos hormônios nascentes sem sucesso), as primeiras grandes bagunças em aula, os primeiros trabalhos “intelectuais” e

as grandes sacadas.... Gente, fico emocionada ao lembrar todas aquelas experiências tão importantes. E os queridos amigos que tenho até hoje... Talvez as lembranças do Ensino Médio (Científico naquele tempo) sejam mais complicadas porque junto com o despertar de nossa consciência social veio a dor da chegada da ditadura de 1964. Daqueles anos lembro, com especial carinho, das aulas de Filosofia da Prof^a. Margot, da Introdução à Ecologia e ao Mundo que tivemos com a Prof^a. Magda, hoje a Magda amiga, das aulas de Literatura do Prof. Appel e da minha curta passagem pelo coral. Com os cidadãos Magda Zanoni e Carlos Appel tivemos as mais significativas aulas de democracia e, como consequência, vivenciamos o sofrimento de vê-los expulsos do Colégio, sem podermos fazer nada para evitar isso. Mas, mesmo essas experiências dolorosas foram grandes lições de vida.

E por isto tudo digo: - Obrigada, Colégio de Aplicação, obrigada, Colégio, porque sem ti eu não seria nem de perto quem sou.

PS.: Agradeço a colaboração da colega e amiga Maria Lúcia Sampaio que tornou mais literárias as minhas lembranças.

Discurso de formatura – 1966*

Senhores,
não vimos aqui para tecer apologias a nossos grandes mestres
- NÃO QUE ELES NÃO O MEREÇAM;
tampouco pretendemos com nossas palavras reformar o mundo,
- BEM QUE NÓS O DESEJAMOS;
muito menos vimos chorar um fim que se aproxima
- MAS ESTAMOS CHORANDO.

Vimos refletir com os senhores. O fazemos com um olhar que busca as essências do momento vivido, da forma que o Aplicação tem nos ensinado. Pois o Aplicação é antes de mais nada uma escola de viver, que nos ensinou uma sinceridade e uma visão crítica da coisa que são nossa perspectiva ante ao mundo.

Há anos,

- DE GRAVATAS QUE NOS ENFORCAVAM
- DE VESTIDINHOS BRANCOS ENGOMADOS

ingressamos no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da URGs. Tomamos contacto com um novo regime e dentro deste, com uma nova colega de quem a princípio não gos-

* Texto enviado por Maria Lúcia Pereira de Sampaio, acompanhado do seguinte bilhete: *Prezados professores, este foi o discurso de formatura da turma de 1966 (2º grau). Foi lido na forma de jogral. Em contato com uma colega, estou tentando lembrar os autores. Era lido por Ana Lúcia Rocha, Carlos Júlio Peixoto, Paulo Renato d'Almeida, Renato Peixoto Dagnino, Olga Garcia Falceto, Gilberto Flores Cabral, Evelyn Berg e por mim, Maria Lúcia Pereira de Sampaio.*

tamos, pois era incômoda e exigia muito de nós: a Liberdade. Custamos a nos acostumar com ela, mas pela convivência nos afeiçoamos de tal modo que quando mais tarde nos foi negada, lutamos com unhas e dentes para que ela não partisse. Mas a liberdade não deixou só sua lembrança: deixou também em cada um de nós, individualmente, uma maneira de pensar e agir, e sobretudo a própria necessidade dela. A liberdade propicia a Criatividade e esta foi uma constante em nossa formação. Ela foi estimulada ao longo de nosso aprendizado e, quem sabe, foi até em demasia: no afã de dizer coisas muitas vezes faltava-nos as próprias coisas a dizer; vagando em generalidades, esquecíamos o específico, do técnico; chegamos a fazer teoria e esquecer a prática; a tentar ao abstrato, esquecendo o concreto... Esta visão das coisas se tornou clara na nossa vivência comunitária, na nossa experiência de comunidade. A teoria de Comunidade nós a sabíamos de cor. Estudamos as relações entre os homens, estudamos regimes de governo e rejeitamos as formas conhecidas para estruturar nosso Grêmio Estudantil, que logo foi personalizado sob o nome de Comunidade.

Tivemos no entanto grandes dificuldades em realizar uma comunidade, e isso nos deixou a pensar: se foi assim aqui dentro, como será lá fora?

Estaremos nós preparados para enfrentar o mundo?

Senhores, chegamos agora à indagação fundamental que se impões a nós: estará o Aplicação neste momento apenas distribuindo diplomas referentes a matérias de conhecimento inútil, ou estará ele nos formando para ir ao encontro e à solução dos problemas de uma sociedade?

E o que temos que enfrentar não é fácil. Somos adolescentes numa sociedade adolescente. Da mesma forma que sofremos revezes em nossa tentativa de maturidade, nosso meio, nosso país, os sofrem.

Os senhores não são culpados pelo que está aí. O próprio tempo, essa medida inexorável dos atos humanos, que

transforma o presente em passado a cada instante, transforma o vencedor no derrotado, a vida na morte e a morte na vida, transformou também o que era válido no retrógrado.

“Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança; (*todos*)
Todo mundo é composto de mudança, (*ML AL CJ*)
Tomando sempre novas qualidades. (*D PR ML*)

Continuamente vemos novidades (*fem.*)
Diferentes em tudo da esperança (*D*)
Do mal ficam as mágoas na lembrança, (*fem.*)
E do bem, se algum houve, as saudades. (*fem.*)

O tempo cobre o chão de verde manto, (*AL ML CJ*)
Que já foi coberto de neve fria. (*PR D*)
E a mim converte em choro o doce canto. (*CJ AL ML*)

E, afora este mudar-se cada dia, (*fem.*)
Outra mudança faz de mor espanto, (*masc.*)
Que não se muda já como soía. (*todos*)”

(Camões)

Sabemos que os senhores desejaram nossa Liberdade, nos fizeram ser o que somos, e desejam que mudemos tudo – e por isso nos preparamos durante estes sete anos e outros mais. É pena que alguns de seus contemporâneos não compreendam esta verdade fundamental. Não compreendam que nós estamos aqui para mudar, e que na medida da nossa força transformadora nós e os senhores estaremos felizes. E eis que encontramos todo o sentido da nossa Liberdade, da nossa Criatividade e até das tantas teorias e abstrações aprendidas. E para salvar o mundo de um louco que de uma torre mata 31 de seus semelhantes.

- TEXAS, AGOSTO DE 66

ou salvar um piloto suicida que mergulha para a morte

- JAPÃO, 2ª GUERRA MUNDIAL

e impedir que a poeira atômica delineie nossos corpos assim como a poeira divina os moldou.

E o próprio tempo se encarregará de nos colocar nessas cadeiras onde os senhores hoje sentam e ouvir nossos filhos vociferando. Pois enquanto houver um jovem que se revolta e um velho que pede calma, o mundo estará salvo. E estamos aqui para nos revoltar o mais sinceramente, empenhadamente possível. Dando tudo de nós mesmos no comprometimento extremo de nossos corpos e mentes. Não queremos reformular estruturas pelas próprias estruturas, mas sim, reformular o homem. Nosso comprometimento se dá no sentido de dar o máximo de nós mesmos, de viver consciente e dinamicamente. Para então sim, reformar estruturas.

E houve alguém que ao longo de nossa formação compreendeu perfeitamente o papel de pedagogo, que não é o de formar, e sim, o de fazer brotar e dirigir nossa existência à fecundidade e à reformulação. Dona Graciema é esta pessoa. Foi ela quem dirigiu nossa convivência com a Liberdade. E uma menção especial deve ser feita ao Prof. Carlos Appel, que nos impulsionou através de sedimentação cultural e nos abriu a perspectiva de uma cosmovisão.

E, dentre todas as coisas que o Aplicação nos deu, a mais importante, a mais simples e a mais forte por si própria foi a capacidade de ver, pois que vendo se age, e como disse José Martí:

“QUEM VÊ SEU POVO EM DESORDEM E AGONIA, OU LHE BUSCA UMA PORTA OU NÃO É UM HOMEM HONRADO”.

De Carlos Drummond de Andrade:

MÃOS DADAS

Não serei o poeta de um mundo caduco. (*DAGNINO*)

Também não cantarei o mundo futuro. (*ML*)

Estou preso à vida e olho os meus companheiros. (*masc.*)

Estão taciturnos (*masc.*) mas nutrem grandes esperanças. (*ML DE*)

Entre eles, considero a enorme realidade. (*todos*)

O presente é tão grande, não nos afastamos. (*todos*)

Não nos afastamos muito, vamos de mãos dadas. (*todos*)

Não serei o cantor de uma mulher, de uma história. (D)
Não darei os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista de janela (fem.)
Não distribuirei entorpecentes (fem.) ou cartas de suicida (D)
Não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins. (D)
O tempo é minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, (todos)
a vida presente. (todos)



A coruja do Colégio de aplicação em 1964 (enviada por Maria Lúcia Sampaio).

O colégio dos velhos livros e dos velhos amigos

José Antonio Pinheiro Machado

Lord Byron, num dos seus ditos de que mais gosto, afirmava: "Em Veneza estão as ilhas verdejantes da minha imaginação". Para mim, essas ilhas estão nos sete anos decisivos da minha vida, que passei no Colégio de Aplicação. E assim é, também, para quase todo o pessoal da nossa aula, a gloriosa turma que se formou em 1967. Tanto é verdade que nos reunimos periodicamente. A "Aula" se tornou uma entidade, uma espécie de clube ou seita, à qual devemos lealdade. Há uma reunião mensal, à qual nem todos comparecem. As presenças são variadas, depende dos compromissos de cada um. Mas, no mínimo, uma meia-dúzia está sempre lá. No final do ano, sim, o quórum é sempre quase completo. Em dezembro é o reencontro certo de todos nós. Mesmo aqueles que não comparecem, com raras exceções, se sentem na obrigação de oferecer alguma explicação. Ainda que seja esfarrapada, a "falta justificada" é sempre uma homenagem à "Aula".

Começamos no Aplicação em 1961, no tempo dos barracões de madeira. Ali foram os nossos anos de Ginásio. No meio do curso Colegial passamos para o prédio novo. "Ginásio", Colegial"... Aqueles que são jovens há mais tempo sabem do

que eu estou falando. Fiz o Exame de Admissão (ainda existe isso?) à Primeira Série Ginásial com sarampo, ardendo de febre. Eu temia ser surpreendido e desmascarado, como se existisse alguma lei que proibisse alguém de enfrentar desafios com febre. Mais tarde, nas aulas de literatura da Dona Isolda, diante das lembranças de Castro Alves, escrevendo poemas apaixonados, delirando de febre, e escrevendo sempre, até a morte, meu exame de admissão ganhou para mim uma aura romântica.

O Luiz Antônio, o Stringhini, o Sérgio, o Freitas, a Bete, a Débora e todos os outros, — os guris e as gurias da aula, — vivemos muitas emoções juntos. Devo ao Aplicação ter conhecido os colegas daquele tempo, muitos deles se tornaram amigos fraternos e referências da vida inteira. E os professores inesquecíveis: a Tânia, o Peixinho, as minhas tias Graciema Pacheco (a Tita) e Iná Medeiros Pacheco, entre tantos outros.

Mas o Aplicação me estimulou também a cultivar outras amizades que eu aprendi em casa: os livros. Algumas daquelas emoções de menino, vividas na realidade ou nos sonhos das leituras, fui organizar muito depois. A morte do meu escritor favorito desde sempre, Ernest Hemingway, por exemplo. Aprendi a gostar de Hemingway com meu pai: lembro daquela manhã cinzenta, o Velho (como chamávamos o pai, que tinha trinta e poucos anos) nos buscava de carro no Colégio, e acusou a CIA, quando Hemingway se matou em 1961 com um tiro de arma de caça no céu da boca. Não esqueço como aquela detonação, — descrita pela indignação apaixonada do meu pai, — me comoveu, um garoto de onze anos que pouco depois descobriria, maravilhado, *O velho e o mar*. Trinta anos depois do tiro da arma de caça, eu viajaria a Cuba para perseguir os rastros de Hemingway. Parecia um sonho, em 1991, estar ali, no balcão do *Terraza* de Cojímar, diante de alguém tão próximo do escritor mítico da minha infância: Gregório Fuentes, que serviu de modelo para o velho Santiago, personagem do *Velho e o Mar*, e foi o piloto, o imediato, o cozinheiro e

o marinheiro do barco Pilar, navegando por mais de uma década com o comandante Hemingway pelas águas do Caribe – ou zelando carinhosamente pela esplêndida embarcação quando o seu capitão a abandonava temporariamente, para virar o mundo, caçando elefantes na África ou mulheres bonitas na Europa.

Outra leitura do Aplicação, Somerset Maugham, o autor daqueles livros encantadores com que a Editora Globo deliciou mais de uma geração em velhos tempos. De Maugham ficaram para sempre as páginas ensolaradas da antiga edição das *Histórias dos Mares do Sul*. E também uma frase engraçada que eu gostava de repetir no final do Colegial, para impressionar as gurias, sobre a forma correta de segurar uma garrafa de vinho, na hora de servir: “Garrafas, minha senhora, a gente segura pelo gargalo, mulheres pela cintura”.

Mas também lembro da amargura de Maugham, que nos tempos alegres do Aplicação, era apenas uma *boutade* bem escrita, e hoje soa como uma espécie de maldição amarga. Depois do jantar, Somerset Maugham apreciava um bom charuto – geralmente um inatacável *Punch doble corona*, “cuja sobrecapa era alisada na coxa de uma mulata cubana de Vuelta Abajo”, — nos divertíamos com a malícia do detalhe. Nos dias finais de sua serena agonia, Maugham escreveu algo que, naquela época, nos encantava como algo longínquo e elegante, e hoje é uma metáfora muito próxima: “Quando eu era jovem e tinha pouco dinheiro, fiz vários planos para a vida adulta. Um deles: que teria sempre, depois do jantar, um pouco de conhaque acompanhado por um bom e caro charuto. Foi um dos poucos projetos da juventude que realizei. E foi o único que não me decepcionou”.

Passo na frente do prédio novo, e vejo que ele envelheceu. Só nós, na velha Aula, não envelhecemos, continuamos a nos encontrar, a contar as mesmas piadas, que ficam cada vez mais engraçadas. Mas quase tudo mudou do lado de fora daquelas janelas envidraçadas, nas últimas décadas: meu irmão

Ivan e eu vendemos o Corcel vermelho que ganhamos quando saímos do Colégio e passamos no vestibular, houve uma ditadura militar no meio de tudo, não faltaram perseguidos e exilados entre nós, quando prenderam o pai ninguém achou graça e quase todos me abraçaram, o Grêmio foi campeão da América e do mundo, Hiper Gênio ganhou três vezes o Bento, caiu o Muro de Berlim, jamais esquecerei a cor dos teus olhos, Fidel que entrou em Havana enquanto entrávamos no Colégio ainda está lá...

Ouçó antigas vozes, lembro os olhos azuis cheios de lágrimas, as causas perdidas e, sobretudo, me encanta recordar que tantas vezes, naquele Colégio inesquecível, acreditamos que era possível tomar o céu de assalto.

O Jacaré

Otávio Augusto Boni Licht

Fiz o exame de admissão ao Colégio de Aplicação, numa manhã do final de inverno. Um sol forte e eu com calças de lã cinza, uma camisa volta-ao-mundo (era o “must” da época) e um blusão de lã. Naquela época, o Aplicação ficava atrás do prédio da Faculdade de Arquitetura, exatamente atrás da Rádio da Universidade. O colégio ocupava dois pavilhões de madeira, com um pátio de saibro no centro onde os alunos jogavam vôlei durante o recreio.

Aquela manhã, eu naquela sala, morrendo de medo e calor, e tentando responder àquelas questões cruciais. Num certo momento ouvi um badalar de sino. Um barulho agudo e, devido ao meu estado nervoso, profundamente irritante. Instantes depois uma algazarra no pátio e imaginei que seria o horário de recreio. Algum tempo depois, ouvi o tal sino novamente. Concluí, aliás uma conclusão brilhante, que o intervalo de recreio havia terminado.

Esse foi meu primeiro contato com o Jacaré, aquele objeto em forma de sino, porque era realmente um sino, e com um som agudo e repetido, e era isso que se esperava dele porque era pequeno e de bronze. Tinha uns quinze centímetros de altura, uns quase vinte de diâmetro da abertura e um badalo pendurado, como acontece com qualquer sino. Ah, tinha uma argola em cima que servia para pendurá-lo em um

gancho na frente da porta da Secretaria. Dona Iná Pacheco era a responsável por colocar e retirar o sino, e evidentemente tocá-lo nos horários de entrada, início e final de recreio e no final das aulas de manhã e de tarde.

O som do Jacaré nos acompanhava sempre, ritmando nossas atividades e, é claro, as de todos os professores e funcionários, exceto quando os guris tinham aula de Educação Física orientados pelo "Peixinho" também conhecido como Prof. Jayme Werner dos Reis. Essas aulas, sempre à tarde, aconteciam no "Monumental Ramirão", também conhecido pela sociedade do Bom Fim como Estádio Ramiro Souto.

Mas, e o Jacaré? Pois é, o Jacaré era o objeto de desejo de uma tradição do Aplicação. Era religiosamente "roubado", mais ou menos no início de cada novembro, pela turma que estava concluindo o curso colegial (dividida em duas turmas: o científico e o clássico). O roubo era cercado de preparativos e tensão pois grandes obstáculos eram colocados pela administração do colégio. Na verdade era uma grande encenação, pois a Prof^a. Isolda Holmer Paes, a secretária-geral do Aplicação, dava uma proteção quase maternal aos "ladrões" do momento, estimulando a continuidade daquela tradição, daquele rito de passagem.

Era o final de 1967. Minha turma preparava-se para concluir o colegial, quando em plena preparação para o vestibular, lá por novembro, resolvemos articular nossas forças para o roubo do Jacaré.

Essa não seria uma tarefa fácil, já que os instrumentos de defesa e proteção daquele magnífico e utilíssimo objeto - o Jacaré - adotados pela direção do colégio tinham sido drásticos a ponto de o Aplicação ter mudado dos pavilhões de madeira para um prédio construído atrás das Ciências Naturais e do bar da Filô. É evidente que a construção do novo prédio não tinha nada a ver com o roubo do Jacaré, mas para nós, as dificuldades eram agora muito maiores. O conjunto de dificuldades incluía esse prédio novo e fechado no período da noite, a secretaria no segundo andar, o Jacaré preso por um cadeado a uma barra de ferro e essa, à parede da secretaria e, suprema

das dificuldades, a vigilância constante dos "ferozes" guardas da Universidade.

Estávamos em 1967, em plena época da repressão e da ditadura militar, e qualquer movimento estranho, mesmo o roubo de um prosaico sino de colégio, poderia ter um final infeliz ou até terminar em tragédia.

Mas antecipando Lucky Skywalker e os Jedis, *"a força estava conosco!"*.

O voluntário escolhido para a execução do plano magistral foi Carlos, um dos maiores e mais fortes da turma, que tinha retornado há pouco de um intercâmbio nos Estados Unidos. Ele providenciou todos os apetrechos exigíveis de um exímio e experiente ladrão de sinos de colégio: roupa e tênis escuros, luvas, máscara de Ivanhoé, valise com alicates, serra de metal e outras ferramentas imprescindíveis e as duas peças fundamentais: um pano para amordaçar o Jacaré e um sanduíche.

À tardinha, no final das aulas, o intrépido escafedeu-se para o último andar onde se escondeu junto à sala das máquinas do elevador. Ali ficou até que escurecesse, o que no início do verão de Porto Alegre acontece lá pelas oito e meia.

Enquanto isso, as forças de apoio estratégico estavam reunidas na casa do Augusto, perto do Hospital de Pronto Socorro. A tensão era grande, mas facilmente dissipada por um bom disco dos Beatles ou do Chico Buarque.

Lá pelas oito e meia, o grupo de suporte motorizado ocupou sua posição estratégica na frente do Bar do Português, na Osvaldo Aranha.

Depois que condições extremamente favoráveis foram atingidas, ou seja, ficou bem escuro, Carlos desceu de sua posição chegando ao segundo andar e silenciosamente, passou a executar o plano metodicamente traçado e estudado. Primeira providência: emudecer o Jacaré embrulhando o badalo com o pano. Segunda fase da operação: serrar o cadeado, o que não foi possível, tanto pelo ruído quanto pela resistência do material. O Plano B incluía a lingueta que prendia o cadeado à lâmina de ferro, e essa foi a saída.

Serviço feito, Jacaré livre, embrulhado e na bolsa. Último e decisivo passo: sair do edifício vigiado pelos guardas da Universidade.

As janelas basculantes do térreo, quando abertas, deixavam um bom espaço junto ao chão e esse foi o caminho. Quando Carlos rolou pelo vão da janela, deparou com um par de pernas que faziam parte de um guarda da Universidade, mas que felizmente era muito menor e mais lento na corrida e, por isso, foi gloriosamente driblado.

O encontro no Bar do Português foi memorável. Vitória na alma, troféu nas mãos, rostos sorrindo e “correr para o abraço” da turma reunida e à espera na casa do Augusto. Beatles, Chico Buarque e cuba-libre.

Tempo depois, durante o horário de aula, alguns colegas resolveram passar às carreiras pelo edifício, badalando o Jacaré. Imediatamente, foram detidos pelos guardas da Universidade, que estavam alertas, atentos e preparados. O grupo foi conduzido à Direção do Colégio. Tensão e nervosismo no ar, pois a Diretora Prof^a. Graciema Pacheco não era de brincadeiras. Mas ela estava ausente e o grupo foi recebido por D^a Isolda que com uma expressão feroz, primorosamente preparada, dispensou os guardas, abraçou a todos, dizendo algo semelhante a “*Meus queridos, meus amores, roubaram o Jacaré e mantiveram a tradição do Aplicação*”.

Anos depois, o Jacaré foi roubado pela última vez. A turma (ir)responsável pela façanha cometeu a suprema hereesia de derretê-lo, fundindo uma placa onde foram gravados os nomes dos formandos daquele ano. A partir de então, as entradas e saídas passaram a ser marcadas pelo som estridente de uma modernosa cigarra elétrica, desprovida de qualquer encanto e charme.

Agora a inevitável pergunta: por que o sino era conhecido pelo nome de Jacaré? Acho que a resposta derreteu-se com ele. Mas o mais importante é que ele está na memória de uma grande quantidade de ex-alunos, professores e funcionários, faz parte da história do Colégio de Aplicação e por isso decidi registrar essa boa lembrança.

A propósito, quem se lembra daquela placa?

O "ser diferente" no Aplicação (1963-69): relatos dos encantos e desencantos na trajetória de uma aluna negra

Maria da Graça Gomes Paiva

O convite para escrever este texto me fez buscar, nas gavetas da memória e nas caixas do meu escritório, lembranças do início de minha trajetória discente e docente na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), tendo como porta de ingresso o meu querido e sempre lembrado Colégio de Aplicação.

Para minha surpresa (embora bastante amarelecida, pois tantos anos já se passaram e eu nem percebi!), encontrei a ficha, ou melhor, meu "bilhete premiado" que muito me emocionou no dia em que o recebi. Nele é possível ainda se ler:

Nome: Maria da Graça Vitória Gomes (meu nome de solteira)

Idade: 13 anos

Classificação: 23º (eram 30 vagas para o primeiro ano do "ginásio" e 300 foram inscritos!)

Nível psicológico: Médio superior.

“Médio superior!” O que isso significa nos quadros avaliativos dos testes de inteligência da Psicologia? Não sabia o que isso significava - e devo confessar que ainda realmente não sei, pois nunca parei para pensar ou investigar! O que realmente sei é que, naquele momento, pela primeira vez, descobria que o universo chamado “escola” finalmente me percebia como uma aluna “inteligente” pois, através daquele cartão, tive acesso a uma escola cujo slogan era: “*Colégio de Aplicação: a escola dos alunos com QI altos!*” Muitos abraços e choro, o orgulho, a alegria, a vibração do ingresso, a realização de mais um sonho da família em ver a “caçula dos 5” continuar seus estudos. Que emoção! Emoção idêntica, confesso, só voltei a vivenciar anos depois, em 1970, quando passei no vestibular também da mesma universidade - o qual até hoje é um dos mais concorridos no país.

Lá sabia eu e minha família, contudo, que por detrás do currículo de vanguarda, das ações inovadoras e do conhecimento de “ponta” dos quais a escola e seu corpo docente se orgulhavam em nos oferecer, se escondia um outro currículo, bem diferenciado - aquele que na literatura especializada mais recente denomina-se *currículo oculto*, repleto de “não-ditos” preconceituosos, que se tornou responsável pelos meus primeiros desencantos na escola. Foi então que descobri que eu era “diferente” e que essa diferença gerava atos, olhares e gestos excludentes, não-inclusivos. Naquela época, era a única aluna negra na escola! Foi muito difícil conviver, principalmente na pré-adolescência, com o apelido de *cisne branco em negativo* que meus colegas criativamente me colocaram. O que é o imaginário do ser humano! De onde saiu a idéia de me comparar a um cisne? Que analogia é essa? Mas se existem cisnes negros, porque o “branco em negativo”? Pelo que me lembro, nem os autores do apelido conseguiram alguma vez me explicar tal associação. Mais doloroso ainda era ver meus cadernos novinhos e pastas seguidamente jogados para fora da janela! Sim, para o pátio externo, pois a escola funcionava em dois

prédios “brizolinhas”, próximos à Faculdade de Arquitetura, fundos da Rádio da Universidade da UFRGS e da Faculdade de Medicina, e não muito longe do famoso Bar do Antônio ou “Bar da Filô”, no Campus Central onde fica a Reitoria da Universidade. Desnecessário dizer que também nos recreios, na hora dos esportes de equipe, percebia que me esforçava para participar revidando as poucas bolas que me repassavam (embora me esforçasse bastante por participar e não “fazer feio”!). E por que isso acontecia? “Esse é um assunto que vocês têm que resolver entre vocês!” era o que ouvia quando buscava ajuda na Secretaria ou junto a alguém responsável. A presença mais marcante nas nossas salas era da Vice-Diretora, Profa. Isolda Paes (in memoriam) quando a bagunça era muito grande e perturbava outras salas. Ninguém se magoava e até gostava de ouvi-la docemente pedir silêncio, sempre começando a frase com: “Meus queridos diabinhos....”. Medo mesmo todos tinham era da Diretora – Profa. Graciema Pacheco! (in memoriam). Poucas palavras, pouco sorriso.... muito séria no que fazia. Mas o frio na barriga/espinha sempre corria quando era ela que se aproximava. “Mas por que quando eu peço ajuda não consigo?”, me perguntava com frequência. Nem mesmo as idas ao SOE conseguiram resolver o problema.

Foi então que o “barato” de ir à escola começou a se tornar muito chato, um desprazer, algo feria muito o que aprendi mais tarde a denominar minha *auto-estima* e minha *auto-imagem*. Certo dia tomei coragem e decidi: “Não quero mais ir à escola! Vou parar de estudar! Está muito difícil fazer amigos aqui. Me sinto estranha aqui!”. A notícia caiu como uma bomba na família! “Negativo! Não dá bola, não atende a não ser que te chamem pelo nome e... toca o barco. És inteligente, viva e não sonhas entrar para uma faculdade? Não vais abrir mão desse sonho de jeito nenhum! Não dá bola e vai em frente!” - abençoados conselhos de mamãe que não me deixaram desistir, reforçados por papai e minha irmã – essa última a mais entusiasta pois me preparou, assim como a querida e

dedicada Profª. Ilma, da Escola Anexa ao Instituto de Educação, para enfrentar tão árdua disputa!

Tendo o tempo como aliado, e uma família forte em suas raízes e metas me dando apoio, a despeito dos “grilos” normais da adolescência, tive forças para continuar freqüentando a escola e buscar superar os desafios impostos pelo famigerado *currículo oculto*. Assim como eu, meus colegas começaram a aceitar minha diferença como “normal.” (E que bom que somos iguais como seres humanos mas NÃO somos idênticos!) Os que não chegaram a perceber de imediato, começaram a se cansar de me chamar pelo apelido (pois só respondia quando diziam meu nome – um nome abençoado, nome de promessa a Nossa Senhora das Graças). Aos poucos foram percebendo (ou talvez aprendendo através da convivência comigo, tanto nas tarefas da escola como nas festas e/ou reuniões dançantes que organizávamos) que o apelido não “tava legal”, que “Pô, Gomes (meu segundo apelido), tu não leva a mal mas foi besteira de piá”. “É, mas pra quem ouve não é besteira não. Dói e incomoda muito! Não gosto de apelidos e nunca chamei vocês de apelido algum”, corajosamente respondia, às vezes.

Não lembro exatamente como e em que circunstâncias comecei a conviver muito próxima de duas colegas – a Tamara Castro e a Flávia Rech. Diga-se de passagem, as duas muito “paqueradas” por alguns pelo charme e sensualidade que despertavam. Bons tempos aqueles! Novos encantos, muitas paqueras no Bar da Filô. Amigas para sempre, embora não tenhamos nos encontrado mais. Do restante do grupo, também me tornei colega e amiga (talvez não com a mesma intensidade!) de Helena Vals Vieira, Eliane Rios, Maria Éster Camino, Maria Aparecida (apelido Gafô), Flávia Pellanda, Ana Luiza Mentz, Aletéia (Dra. Aletéia, médica), Vera (Dra. Vera, médica). Marisa, entre outras. Dos “guris”, Alarico Endres (hoje Dr. Alarico Endres, meu médico traumatologista, por sinal!), Nelson Sperb, Cezar Augusto Guazelli (que de psiquiatra optou por ser professor de História da UFRGS, mais recente-

mente!), Oswaldo Viegas, Danilo Blanc (hoje médico pediatra), Gheno, Hamilton Goulart (neurocirurgião renomado, morando em Nova Iorque), Hugo Pinto Ribeiro, Cláudio Maciel, Carlos Gheno, Castro e outros de quem não recordo o nome mas tenho presentes suas imagens/fisionomias nas minhas lembranças da Escola e nas fotos que tiramos juntos (estou surpresa de ter lembrado do nome de quase todos apesar de tantos anos terem se passado).

Lamentavelmente, porém, chorei muito a perda de uma colega, aficionada que era em dietas alimentares: era uma das quatro Marias da Graça de nossa turma: a Gomes (eu), a Bulhões (também hoje professora da UFRGS), a Almeida e essa colega. Esses passaram a ser os nossos "nomes de guerra" para facilitar a comunicação em aula – talvez, no meu caso em particular, esse tenha sido um bom motivo para que, aos poucos, os apelidos fossem trocados, não sei.

Curti ser par do Danilo Blanc (os dois "gordinhos" da turma) nas competições de dança – estávamos na "era Beatles" – em especial as que ocorriam no casarão da Rua Barão do Santo Ângelo (bairro chique do Moinhos de Vento) onde morava o Cláudio Maciel. Ir na casa do Cláudio era o máximo, pois tínhamos chofer que nos buscava e levava em casa. Que coisa mais chique para alguém, como eu, que não tinha carro!

Apaixonei-me pela língua inglesa "de cara", graças à Profa. Nancy Thormann – entusiasta, dinâmica, nos fazia aprender de forma engajadora e divertida (aprender tem que ser divertido! Não sei por que a Escola teima em ser tão "sizada" quanto a essa questão!). Foi nela, querida Profa. Nancy, que muito me espelhei, e sua paixão contagiante pela docência contribuiu para que me tornasse, anos depois, Profa. de Graduação, em Língua Inglesa, e de Pós- Graduação, em Estudos da Linguagem do Instituto de Letras da UFRGS. Para minha surpresa e satisfação, a Profa. Nancy me convidou para substituí-la na Prática de Ensino quando se aposentou do magistério, em 1986. Que honra! Nunca vou esquecer de ter-me escolhido

– se me percebo educadora “apaixonada” e “transgressora” hoje, com certeza foram as “sementes” plantadas pela Profa. Nancy no jardim dos meus sonhos e projetos profissionais

Na língua materna, lembro-me das Profas. Rebecca Poiastro e Eliana, esta sobrinha de Profa. Isolda Paes. Nunca esquecerei o elogio que recebi da Profa. Eliana pela redação intitulada “Sozinhês”. Achava “solidão” uma palavra muito comum e decidi inventar outra. Penso que meus talentos/ habilidades criativas em redação e na interpretação de textos certamente são frutos de muita escritura e pesquisa de campo que fazíamos na Escola. Na História, todas e todos curtiam as aulas do Prof. Arno Kern que eram como “contação de histórias” sobre a História do Brasil e a História Mundial! Ouvia-se até o barulho de mosca nas suas aulas (e olha que não éramos nada “anjinhos”!). Era um encantamento só. Sem contar as colegas que, aos montes, se “apaixonavam” por ele!

Por outro lado, meu primeiro contato e minha vontade de prosseguir carreira na área da Psicologia (não pensava em Letras, na época) foram propiciados pelo Prof. Juan Mosquera – que, bem mais tarde, já no doutorado em Educação na PUC-RS, voltou a ser meu professor. Lá, já no Doutorado, o Prof. Juan voltou a me servir novamente de exemplo enquanto “Professor Referência” que é. Acho que foi graças ao convívio com ele que criei o eufemismo “escarafunchar” que emprego com meus alunos para estimulá-los a estar sempre em busca do conhecimento de ponta, a estarem sempre alerta ao novo e ao prazer de aprender, principalmente aprender a perceber os “não-ditos”, os implícitos. Não poderia deixar de lembrar da candura “espiritual” e da paciência de “Jó” do Prof. Cícero nas aulas e no laboratório de Ciências, além da competência profissional do Prof. Gervásio nos ensinamentos da Geografia, aguçando nossa curiosidade em pesquisar mais, ir além das aulas, para melhor aprender e apreender o mundo. Também lembro com alegria de algumas professoras da Educação como

a Profa. Flávia Santana, a Profa. Marion Bordas e da minha professora de estágio de Inglês (fiz o estágio no Colégio Júlio de Castilhos, à noite!), Profa. Olga Fedossegeva (in memoriam), que depois se tornou minha colega na Letras. Não poderia jamais esquecer do professor de Educação Física, que ainda encontro nos almoços no Campus e que continua exercendo a docência na Escola! O espantoso é perceber que de todos esses nomes/pessoas consigo ainda lembrar com tanta clareza! Um cérebro “emocionado”, segundo a Neurociência, realmente aprende e nunca esquece!

Finalmente, ao concluir o terceiro ano do então “clássico” (hoje denominado de *ensino médio*) tive meu momento “apoteótico” junto ao meu grupo de colegas, ao ser eleita representante da turma. De “cisne branco em negativo” à representante da turma de 1963 foi uma longa e árdua caminhada, com encantos e desencantos. Hoje percebo que tudo poderia ter sido bem diferente se não tivesse tido o apoio “amoroso e forte” de minha família nessa trajetória – a família, para a criança negra, é a primeira e grande âncora social; sem ela, fica muito difícil enfrentar e sobreviver no universo escolar, principalmente enquanto minoria étnica. A importância desse elo FAMÍLIA-ESCOLA é que gerou o equilíbrio e me propiciou os “antídotos” necessários e eficazes ao *currículo oculto* que, para muitas crianças negras, como eu, ainda persiste enquanto forma de exclusão ou não-acesso aos bancos escolares, ou ainda, em não querer enxergar e apreciar os seus talentos.

Quiçá no Colégio de Aplicação de hoje, ao completar seus 50 anos, as sombras dos “não-ditos”, dos implícitos e dos preconceitos não mais perdurem pelos corredores da escola e no imaginário dos alunos!



Turma de 1969 – Foto de 1999. (Enviada por Maria Ester Camino).

O roubo da sineta que não houve, ou o colégio novo que não é mais (rememorações do Aplicação cinquentenário)

Cesar Augusto Barcellos Guazzelli

Π eu primeiro encontro com o Aplicação foi tenso, para não dizer de terror! Era eu um estudante do quinto ano primário, de uma escola pública (Grupo Escolar, chamava-se assim), vindo da Vacaria para enfrentar um Exame de Admissão ao Ginásio (os quatro primeiros anos do secundário, naqueles tempos), que no Aplicação era um pequeno vestibular. Não queria mudar-me para Porto Alegre, era muito tímido, um bicho-domato interiorano. Houve mediações nessa situação complicada: fiquei na casa do saudoso amigo Antônio Pinheiro Machado Neto, recebendo o carinho da Circe e convivendo com os guris, o José Antônio e o Ivan, pouco mais velhos que eu, já estudantes do Aplicação, e que se encarregaram de me levar à escola e de me buscar após as provas de seleção, além de dar dicas sobre o colégio, desfazendo um tanto a “monstruosidade” que me esperava.

Não cheguei a achar as provas absurdamente difíceis, e não tinha muita consciência do que era concorrer com uns trezentos e tantos candidatos para as sagradas trinta vagas. Durante elas, aproximaram-se para conversar comigo dona Flávia Santana, que se identificou como vacariana, e dona Isolda Paes, vizinha e amiga de uma tia; o Aplicação humanizava-se. De toda sorte, minha ansiedade consistia em terminar rapidamente as provas, voltar logo para casa, querendo que a semana passasse muito rápido. Assim, a chamada para o exame oral final acabou sendo uma surpresa, que se completou no final com minha classificação em oitavo lugar. Entrara no “monstro”, direto do interior, e agora era “bixo”, já que os estudantes do Aplicação eram ciosos de seu pertencimento à Universidade e copiavam-lhe as usanças.

Depois de uns dias de vômitos incoercíveis – mais pela mudança para Porto Alegre, creio – me dei conta da simplicidade material do Aplicação: dois prédios de madeira, no estilo das “brizoletas” estaduais, com um pátio de terra no centro – asfaltado apenas um ano depois – onde cabiam duas redes para vôlei, um microscópico bar, onde longas filas se formavam para tomar guaraná Caçula, um galpão separado, também de madeira, para as aulas de Artes. E minha turma, de filhos de liberais e funcionários, uns poucos abonados, outros também raros de camadas sociais mais desfavorecidas, quase todos eles crescendo junto até o final do secundário... Sou capaz de nomeá-los em ordem alfabética, com os nomes completos: Alarico Luiz Endres, Ana Lúcia Garcia de Almeida, Ana Luiza Mentz, Carlos Vítório Cavalcanti Gheno, Cesar Augusto Barcellos Guazzelli, Cláudio Schüller Maciel, Danilo Blank, Eliane Alves Rios, Elisa Brentano, Flávia Motta Pellanda, Flávia Pereira Rech, poderia dar a lista inteira!

Mas havia também a “ordem”, e ela se fazia presentes nos vários escalões. Acima de tudo pairava a figura da Diretora, dona Graciema Pacheco, ascética, de fala pausada, mas dura quando assim cria necessário; compensava-a a presença ma-

ternal da vice, dona Isolda Holmer Paes, capaz de alguns rom-pantes mais extremados, mas que encarava a todos os alunos como os seus “merdinhas”; dona Inah, que contemporizava os terrores dos que tinham sido postos para fora da sala de aula; dona Julieta, que fazia da biblioteca seu santuário, velhota ranzinza ciosa dos livros e dos silêncios, mas que se abriu em prantos quando invadimos seu recinto em improvisado carna-val na despedida da escola; Jaime Werner dos Reis, professor de Educação Física, ex-atleta consagrado, disciplinador, que gostava das regras claras, e que foi capaz de tornar uma escola com tão poucos alunos numa referência no voleibol local. E havia os funcionários, a dona Glória, a Conceição, que perderam toda nossa passagem pelo Aplicação.

Praticamente todo meu período “formativo” – se assim podemos chamar a adolescência – eu passei literalmente dentro do Aplicação: dos onze aos dezoito anos, das oito da manhã às seis da tarde, de segunda a sexta, com um repique na manhã de Sábado, se incluir aqui os aniversários e “reuniões dançantes” da minha turma, que eram quase absolutamente endogâmicas, além das tarefas que tínhamos que realizar em casa, dá para dizer que dedicava mais tempo ao colégio que à minha vida em família ou com amigos do bairro. E mesmo depois de sair de lá, o Aplicação não terminou de todo: alguns dos meus melhores amigos foram colegas de turma, irmãos e sobrinhos passaram por lá, encontro os antigos “aplicacionistas” na Universidade, na praia, em viagens, eles andam por todos os lados e mantêm a escola como uma referência importante de suas vidas.

Seria uma pretensão aqui reproduzir toda a minha vivência no Aplicação, mas comento algumas delas. Talvez a principal carga que tínhamos era a de termos sido selecionados em um Exame de Admissão muito difícil, o que para muitos de nós significava pertencer a uma pequena elite intelectual, o que nos dava uma certa “máscara” em relação a alunos de outras escolas, ou pelos menos esses assim se ressentiam; só

na universidade nos dariamos conta de que em outros lugares havia alunos tão bons ou melhores do que nós, que não éramos os “geninhos” que presumíamos, e eu tive algumas dificuldades em adaptar-me num ambiente mais amplo, com colegas de procedências mais variadas. Durante algum tempo, os que ingressaram na Medicina – a Beth, a Nêmora, o Danilo, o Gil, o Hamilton e eu – andávamos sempre juntos: ficamos na mesma mesa nas práticas de Anatomia, e chegamos a formar um time de futebol de salão que foi um fracasso, com o horroroso abrigo azul do Aplicação, com a eterna “coruja” da Filosofia, uma marca que era também nossa.

Por outro lado, nós entrávamos numa universidade que já reconhecíamos desde muito tempo, e a idéia de pertencimento a ela facilitava nossa ambientação aos rigores dos cursos superiores; estávamos acostumados a pensar, a discutir (talvez aqui o termo mais correto seja importunar) com professores, recusar “verdades” prontas, criticar e seguir os próprios caminhos.¹ De alguma maneira, aquela transição, muitas vezes tão sofrida, de um modelo de ensino informativo do secundário para um formativo da universidade, já tínhamos feito em parte. Isso não quer dizer, entretanto, que os aplicacionistas fossem todos bem sucedidos em suas carreiras universitárias e mais tarde no mercado de trabalho, mas a impressão que tenho é de que nossos estranhamentos eram menores.

Outra coisa, de que só muito mais tarde me daria conta, era da presença muito próxima do Serviço de Orientação Educacional (o SOE), que se contrapunha um pouco a um discurso libertário que tinha a escola. Tínhamos uma clara noção de que éramos as “cobaías” de procedimentos psicopedagógicos, que nos “aplicavam” (daí o nome do colégio) a torto e a direito. No meu caso específico, o SOE diagnosticou-me, lá pelas

1 Quando entrei na Faculdade de Medicina, o professor de Anatomia Humana, o saudoso Tauphik Saadi nos ensinava a importância do MVP, o Método de Viração Própria, coisa que nós do Aplicação já conhecíamos desde muito tempo!

tantas de um teste vocacional ou algo parecido, pendores para as Humanidades; eu, que já então cursava o Científico, adorava Biologia, Química e Física, e faria vestibular para Medicina, desprezei solenemente o resultado, e depois de muitas voltas acabei virando professor de História... Quase sempre andávamos às voltas com técnicas diferentes, e uns testes esquisitos dos quais não fazíamos idéias, e nossas reações – para usar uma expressão da Psicologia – eram quase sempre “hipomaníacas”, quando não francamente “maníacas”. Os alunos do Aplicação eram célebres pela “falta de educação”, e pelo desenvolvimento das mais originais formas de perturbar o ambiente escolar

E isso se acentuava dramaticamente durante o que chamávamos a “temporada de caça ao estagiário”! Não que maltratássemos a todos, até por estarmos acostumados ao convívio de professores muito jovens, alguns sequer formados, pela crônica dificuldade que o Aplicação tinha em completar seus quadros docentes naquela época; alguns deles até foram alçados à categoria de ídolos, como o caso de Arno Kern, paraninfo da minha turma de Ginásio, insigne mestre na arte dos acampamentos, e que mais tarde seria meu professor e colega no curso de História. Mas nosso “faro” para estagiários inseguros era rigoroso, e se fosse relatar aqui algumas das inumeráveis situações criadas, esta crônica não teria mais fim². Mas quando se firmava uma boa relação com estagiários, sentíamos-nos como “colegas” mais moços de universitários, com os quais discutíamos política, música, cinema, o que nos dava uma prazenteira sensação de “gente grande”.

E havia, claro, a política! Estávamos grudados à Faculdade de Filosofia, e participávamos – ao menos assim pensavam alguns – das angústias dos universitários com os rumos do país

2 Muitos anos depois, decerto por reconhecer um *mea culpa*, fiz meu estágio de Prática de Ensino no Aplicação. E não me aconteceu nada, a busca inconsciente de punição não deu resultado!

e com a ditadura. Muitos tinham “partidos”, e eram grandes as discussões entre os de “direita” e os de “esquerda”. As eleições para a Comunidade de Alunos do Colégio de Aplicação, a CACA, eram atravessadas por tais antagonismos, e os debates acirrados! Isto teria um triste rescaldo ao final de 68, quando a ameaça do recém-criado AI-5 constrangeu a direção a afastar vários alunos do colégio, bem como alguns professores. Nosso último ano foi de uma paz cemiterial, proscritas as atividades políticas, além da centralidade que assumia o vestibular. Na nossa saída ao final do Colegial, fizemos uma carta coletiva criticando os rumos das coisas, mas o documento não foi muito bem recebido pelos alunos que permaneciam, diziam que “havíamos comido e virado o cocho”. Não era assim: a escola tinha tal importância para nós que, em nossos arroubos de juventude, achávamos uma obrigação tentar reverter o que nos parecia ter perdido o rumo! Para terminar, lembro ainda de duas situações, em momentos distintos, que foram frustrantes; se elas não possuem a mesma dimensão, representam de toda sorte os finais de ciclos de existência, e têm ainda um gosto amargo. O primeiro é o roubo da sineta que não houve. A sineta referida era o símbolo da ordem: marcava com rigidez os tempos de entrada e saída, e nada se sobrepunha ao barulho infernal que fazia; parecia que ela governava o colégio, e que sequer a direção era capaz de transgredir ou subornar a sineta. A represália era o “roubo” da sineta, rito de passagem que todas as turmas, desde tempos imemoriais, praticavam, nunca se soube como! Mas acontecia: uns dias antes de formar-se uma turma desaparecia a sineta; havia ameaças de choro e ranger de dentes, mas ela só reaparecia na primeira semana do ano seguinte, trazida por felizes universitários que visitavam a velha casa. A nossa foi a primeira a fracassar nesse empreendimento, provavelmente uma conseqüência menor do endurecimento que veio depois de 68: ouvimos as advertências sobre a disciplina da escola, baixamos a cabeça, e acatamos a “ordem”; fizemos uns pequenos carnavais, tiramos fotos, mas

não roubamos a sineta. Não sei se ela ainda existe; se existir, seria urgente a retomada da antiga tradição!

A outra foi o “colégio novo”! Dos velhos barracos de madeira, assistíamos à construção do garboso edifício de nove andares, apoiado em pilotis, afinado com a melhor arquitetura da época. Foi inaugurado quando eu iniciava a quarta série do Ginásio, em 1966. Salas de aula grandes, vários banheiros, biblioteca, uma marquise que dava para caminhar e pregar sustos em estagiários incautos e, de acordo com as idéias libertárias que ainda vicejavam, uma enorme sala de reuniões capaz de abrigar todos os alunos, professores e funcionários do Aplicação. Tínhamos muito orgulho, e ele nos cegou e fez-nos generosos: como ocupávamos cinco andares, cedemos os pisos superiores para o então curso de Pedagogia! Devíamos ter adivinhado: a primeira consequência disso foi a proibição aos alunos de usarem os elevadores, restritos aos professores e aos universitários. O tempo passou, e os “hóspedes” cresceram em relação aos “hospedeiros”: a sala de reuniões virou biblioteca; fecharam o espaço aberto dos pilotis e fizeram novas salas; quando lá estagiei já diziam que o prédio era a Faculdade de Educação, onde o Aplicação já se constituía num estorvo. Finalmente, a mudança para o “campus do Vale”. Do “colégio novo” eu havia assistido, com muita tristeza, a um incêndio que destruiu o “colégio velho”, em 1968 (ano cabalístico, esse); mas duvido que isso tenha superado a apropriação do Aplicação, por mais técnicos e racionais que tenham sido os motivos.

A memória é um terreno pantanoso e traiçoeiro, onde as lembranças não se acomodam com a lógica dos arquivos; as alegrias são entreveradas por nostalgias e tristezas, e os esquecimentos talvez tenham mais importância do que as coisas que se manifestam de imediato. Talvez de um conjunto amplo de “memórias” seja possível uma objetividade mínima que reproduza em parte o Colégio de Aplicação. Mas isso é problema para quem eventualmente se dedique à história desse cinquentão. E aqui não escreveu o historiador de ofício, mas um antigo aluno, com saudades!



Alunos 1970/1975.



Alunos na Colônia de Férias Geral Santana em Tramandaí – Início dos anos 70.

Da Redenção ao mundo

Susana Sondermann Espíndola

O Aplicação foi bem mais que um colégio, ensinou bem mais que fórmulas matemáticas, regras gramaticais e noções de geografia. No Aplicação, aprendemos que entre saber e aplicar conhecimentos, o importante é sentir. Soubemos que perguntar é a chave de toda aprendizagem e que valores éticos superam, de longe, qualquer sucesso no campo profissional ou financeiro.

Olho para trás com um sentimento forte de tristeza, quando penso nos velhos barracões e no prédio azul, majestoso no meio do campus da UFRGS. Percebo em mim uma nostalgia encharcada de tristeza: a certeza de que esse tempo passou, ficou para sempre nos meandros da saudade. Lembro das drosófilas que escaparam dos tubos de ensaio, dentro da geladeira do bar, provocando um imenso rebu. Lembro das fantasias improvisadas com velhos lençóis e cordas, que nos transformavam em escravos egípcios e em senadores romanos. E o que dizer das aulas de Inglês na Redenção? E o tradicional "roubo" do sino, ao final do ano letivo?

Bons tempos, não se falava em violência, não tínhamos medo de assaltos ou do futuro. As visitas a exposições de arte despertavam a sensibilidade estética, o incentivo à leitura cru-

zava pelo inevitável José de Alencar, mas nos indicavam o fino humor de Machado de Assis, o lirismo de Drummond, a grandeza de Érico Veríssimo. O mundo científico nos era oferecido de bandeja, alertando para a dimensão humana das descobertas.

Meu pensamento se acelera e corre na frente das teclas, um universo tecnológico para o qual não fomos preparados, apenas suspeitávamos que pudesse existir num futuro remoto. O futuro chegou, mas continuam vivas nas memórias dos egressos o valor de educadoras como Dona Graciema e Dona Isolda, eméritas conselheiras que mesclavam autoridade e afeto na condução de nossas vidas. São figuras que convivem em meu baú de guardados com outros grandes personagens, como dona Iná, professor Moreno, o Peixinho e a Marechal, além de uma infinidade de estagiários. Aliás, haverá mais doce prazer do que tumultuar a vida de um estagiário nervoso? Minha turma sabe que não.

Quem dera todos os adultos pudessem dar um testemunho feliz de suas vidas escolares. Tenho a convicção de que o mundo seria bem melhor.

Aplicação, trivial e luxo

Marco Túlio de Rose

Muitas formas teria para falar de minha vivência no Colégio de Aplicação, nos anos 1965-71. Poderia contar algumas das tantas histórias que lá passei (por exemplo, furar o Arqui-Samba, onde se apresentavam Betânia, MPB-4, Oscar Castro Neves e Quarteto em Cy, ficando uma tarde e uma noite escondido no poço do elevador do Edifício Cacique). No entanto, não desenvolvi talento literário e, para muitas dessas histórias (as mais emocionantes), não sei se teria autorização dos demais participantes.

Poderia também falar da mais importante trajetória pessoal que lá desenvolvi, a de viajar com um grupo de colegas, nas férias, dos 13 aos 18 anos, de carona pela estrada, conhecendo boa parte do Brasil (a estrada litorânea não estava pronta, o acesso ao Norte era pelo oeste catarinense) e um pedaço da América do Sul. Penso, contudo, que isso hoje, quando corriqueiramente, nessa idade costuma-se atravessar o oceano de avião, tem pouco interesse.

Quem sabe devesse falar dos colegas, das musas e dos professores, o que, todavia, seria cansativo para quem lesse, ao ouvir o desfiar do quanto aqueles e aquelas são maravilhosas e estes grandiosos ou terríveis, conforme o caso, numa repetição

monótona (e ainda por cima sem nenhum talento) daquelas longas enumerações homéricas dos heróis, ninfas, deusas e deuses.

Preferi fazer algo distinto. Falar sério, mesmo correndo o risco de ser aborrecido. Fazer algo que era exercício correto nos tempos aplicacionistas. Refletir e expressar o significado mais amplo do que fazíamos, ouvíamos ou víamos. Justifico que estarei prestando homenagem merecida ao meio século do Colégio, ao mesmo tempo em que, descontados aspectos personalíssimos, prestando depoimento de uma geração.

Vivi no Aplicação, repito, da metade dos anos 60 ao início dos 70. Ninguém precisa ser especialista em História, para entender que aqueles foram anos dos mais complicados da vida brasileira (para uns, anos de chumbo, da ditadura, com a censura e as torturas; para outros, de anos de milagre, com os apartamentos, automóveis e eletrodomésticos baratos e elasticamente financiados, comprando o silêncio da classe média; para todos, anos contraditórios, quando não se sabia como reagir ao impacto do tricampeonato e de sua inescrupulosa exploração midiática).

Lá dentro, porém, diretoras e professores esforçavam-se, de forma muitas vezes para nós incompreendida, para manter o clima de liberdade cultural e de expressão possível naquelas circunstâncias.

Ainda que para nós, principalmente os mais impacientes, isso pouco importava, podemos julgar o sucesso do esforço, objetivamente, hoje, lembrando que em algum momento do Primeiro Grau, líamos na aula de Português Garcia Lorca, Drummond de Andrade e Oppenheimer; em Filosofia, Sartre e Russell; em História, Celso Furtado e Caio Prado. Tudo isto numa (com muito orgulho) escola pública, de um Estado ditatorial, obscurantista e truculento.

O resultado desse esforço, que era o trivial de nossas classes, hoje posso aquilatar, não foi pequeno. Plasmou nos aplicacionistas que conheci, da minha e de outras gerações,

direitistas, centristas ou esquerdistas, uma vontade e um respeito à liberdade de pensar e expressar opiniões próprias. Foi o maior patrimônio que o Aplicação legou a todos nós, herança que generosamente dissipamos, numa sociedade que ainda aprende a ser democrática. Disso me orgulho.

Levei do Colégio algo mais. Estudava com 60 colegas, meninas e meninos, em média por oito horas diárias, num tempo em que boa parte das escolas da cidade ainda não eram mistas, mas só de moças ou rapazes.

A convivência fez com que após muita briga, muitas decepções e sucessivos pequenos avanços, aprendêssemos a amar, estimar e respeitar aqueles com os quais estávamos, de uma forma que desafiou o tempo. Mesmo depois que a vida nos separou, e no que concerne à minha turma ela não foi econômica nos seus recursos de dispersão, isso fez que quando chegássemos próximos dos 50, voltássemos a compartilhar momentos comuns.

Esse renascer do convívio, propiciado pelo mundo virtual com generosas fugas ao universo real (encontros, festas e até alguns namoros), retomou-se com a mesma naturalidade de quem houvesse saído de férias em dezembro e retornasse a ver a turma em março do outro ano, o que significa dizer que foi natural, embora sabiamente acompanhado da compreensão de que 30 anos se passaram e produziram mudanças que convém entender e, acima de tudo, respeitar.

Essa foi a derradeira e preciosa lição do Colégio. Preparou-nos, pelo simples fato da vida estudantil coletiva, intensa e permanente, para sermos generosos e receptivos em nossas relações com o outro. Em síntese, ensinou-nos a ser Homens, na acepção generosa de uma frase corriqueira daqueles anos, de que somente existia um luxo, o das relações humanas.

O Colégio de Aplicação e a lista

Mário Roberto Weyne Corrêa

*M*eu nome é Mário Roberto Weyne Corrêa e completei em janeiro meus 50 anos. Estudei no Colégio de Aplicação de 1966 até o ano de 1971, quando então prestei aquele que seria o primeiro vestibular unificado da UFRGS e que marcou uma nova época na educação brasileira.

Foram sete anos (naquele tempo eram 4 anos do ginásio e mais 3 anos do colegial) de convivência com um grupo de colegas – adolescentes, na verdade crianças -quando começamos, afinal tínhamos 10, 11 anos de idade. Estávamos deixando de usar calças curtas. Algumas das nossas colegas se escondiam no recreio para poderem brincar com suas bonecas de papel (daquelas que trocavam as roupinhas). Crescemos nesses sete anos juntos. Eram o Gordo, o Naba, o Pêra, o Suíno, o Liquinho, o Orelha de Pastel... Somente apelidos que demonstravam o melhor de nossas qualidades!

Me chamavam de Mário Robiééérto, pelo jeito que minha timidez me permitia declinar o meu nome diante do grande grupo. Lembro-me que tinha também o Fgancisco (o irmão do Fegnando), que tinha uma pequena dificuldade na pronúncia do “r”.

As meninas, coitadas, também sofriam. Dizíamos de uma, que a mãe cortava o seu cabelo colocando um “pirex” em sua cabeça, deixando-a com um capacete. (...)

Velhas lembranças da Dona Isolda Paes, vice-diretora e da Dona Graciema Pacheco, diretora do Colégio (com sua marcante cabeleira azul). Da Dona Iná, professora de Educação Física das meninas e responsável pela disciplina. Do professor Jaime, o Peixinho, crítico feroz dos jovens cabeludos. Das idas para as aulas de Educação Física no Campo dos Cadetes, na Redenção, com ameaças de curra dos colegas mais franzinos. No verão as aulas, na volta, eram terríveis, invadidas pelo cheiro de desodorante ou o fedor de "asa" mesmo. O Campo não tinha chuveiros... Mais tarde evoluímos para a ESEE, no Jardim Botânico.

Em 1972, nosso primeiro ano na universidade, uns foram para a Engenharia, outros para a Medicina, Direito, Economia, sei lá o que mais. Alguns permaneceram nos cursos até o final, outros, como no meu caso, trocaram de curso. Alguns se graduaram, seguiram sua vida profissional como profissionais liberais ou empregados de empresas públicas ou privadas. Outros fizeram carreira acadêmica, permaneceram na universidade. O que de fato aconteceu foi que nos separamos. Alguns pequenos grupos seguiram se encontrando, a grande maioria se desligou e se perdeu no mundo de Deus.

Eu cursei dois anos de Engenharia Civil, troquei para Arquitetura, cursei cadeiras de música no Instituto de Artes, trabalhei com arte gráfica (fiz até um cartaz para o teatro de Arena), fui ator de teatro e músico e acabei me tornando bancário por um longo tempo. Fui para o interior, adquiri uma deficiência hepática grave, quase perdi a vida, realizei uma intervenção cirúrgica que quase me partiu ao meio e hoje sou empregado público municipal e curso História na UFRGS. Casei-me três vezes, divorciei-me duas e fiquei viúvo uma vez. Em minha vida de bancário ganhei quatro prêmios literários: três estaduais - um de poesia, dois de contos - e um nacional, com um conto.

Sei que, em 2001 - após o fatídico 11 de setembro, fui localizado por uma antiga colega do Aplicação. Alguns de nossos colegas haviam se encontrado, estavam em contato graças à internet e estavam procurando reatar ou reaver essa amizade perdida em trinta anos de desencontros. Eu era um dos últimos desaparecidos. Acredito que movido principalmente pela curiosidade em saber o que a vida havia feito com essas pessoas todas

dei a ela meu endereço eletrônico. Ela me explicou que era uma "lista", a gente mandava um e-mail para um endereço e a mensagem era distribuída a todos os membros. Em alguns dias começaram a chover mensagens e foi uma experiência muito interessante...Debater assuntos da atualidade com pessoas que não via há trinta anos e descobrir o que havia se passado na vida dessas pessoas desde então... O mais interessante é que parecia que o tempo não havia passado, éramos novamente aquele mesmo grupo de adolescentes, discutindo por causa do Gre-Nal, cantando marra de quem tem o membro maior, chamando o outro de veado por qualquer coisa e tocando flauta uns nos outros.

Concretizamos um encontro em dezembro de 2001. Nessa ocasião tivemos a presença de nossa ex-vice-diretora, Professora Isolda Paes, e de nossa ex-professora de História, Vera Aquino. Dona Isolda se referiu àquele evento como o ápice de sua carreira de educadora: encontrar aquele grupo de "merdinhas" (sic) depois de adultos e compartilhar (ou como prefere uma colega radicada em Montevideu: *compartir*) conosco as experiências que havíamos vivido. Foi emocionante, e mais emocionante ainda foi o fato de que uma semana após esse encontro a professora Isolda veio a falecer, como se ela sentisse ter finalmente cumprido a sua missão.

Nossa lista internética continua existindo, todos os dias alguém de nós se comunica com outros alguém de nós e assim continuamos sendo um grupo. Temos uma colega no Canadá, duas nos EUA, no Paraná, Amazonas, Brasília, Rio de Janeiro, Florianópolis, São Paulo. Um colega estava em Londres e retornou ao Brasil, tivemos outra recentemente nos EUA em curso de pós-pós-pós doutorado. Temos até uma colega na White House, trabalhando com "o Collin" (Collin Powell...). É assim... E quando temos chance inventamos uma desculpa pra assar uma carne ou para tomar uma cerveja.

O que me resta a dizer, o que é realmente importante, e que já confessei a esse grupo em diversas ocasiões, foi que jamais havia me dado conta de como esse convívio em anos passados havia sido importante para mim. A época vivida no Colégio de Aplicação e a convivência com esse grupo de pessoas foi uma época determinante em minha vida e que me marcou de forma indelével. O homem que sou hoje tem uma marca

enorme do “merdinha” a que a Dona Isolda se referiu. E minha vida jamais será a mesma após o reencontro; o encontro com “A LISTA”, assim mesmo com maiúsculas - ela tem vida própria e é mais forte do que nós todos que a formamos.

Desejo registrar o meu orgulho em ter sido aluno desta instituição apesar de nem conhecer suas novas instalações no Campus do Vale. Quantas vezes passo em frente ao velho prédio de oito andares, ali atrás da Faculdade de Arquitetura e me lembro de quando deixávamos as torneiras da sala da aula de Artes, no quinto andar do prédio, abertas e viradas para fora das janelas, formando uma gigantesca catarata e sinto saudade daquele tempo.

Desejo registrar aqui meu orgulho em ter compartilhado a sala de aula com essas pessoas que foram meus colegas e o meu orgulho em os ter recuperado como amigos hoje.

Um abraço a todos os professores desta escola e também aos que hoje têm o privilégio de serem seus alunos. Espero que um dia possam sentir o mesmo orgulho que hoje sinto e que não deixem passar trinta anos para recuperarem a identidade da sala de aula. Não percam tanto tempo.

Era isso que queria dizer-lhes. Que o CAFFUFRGS - Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (esse era o nome dele naquele tempo) complete mais muitos 50 anos de vida formando cidadãos para o mundo.

Muito obrigado para quem agüentou ler-me até o fim e felicidades a todos nós, Aplicacionistas do passado e do futuro.

Valeu, Aplicação !

Nossa liga extraordinária

*Produção coletiva de alunos /1974**

Para nós, turma de 74, o Aplicação vai fazer quase 30 anos e não 50. Mas que diferença faz 20 anos quando já se tem 40? Pouca, muito pouca. Pois é verdade, estamos em 2003, ano em que todos nós chegamos aos 40, sem escapatória. Passamos muito tempo sem nos rever desde o final de 1980. Mais de 20 anos! Um período de recesso longo, motivado pelas diferentes trajetórias e talvez também, para muitos, por precisarmos respirar um pouco de um ar que não fosse o de sempre. O Aplicação tinha disso. Por ser uma escola muito pequena e que seguia com as mesmas turmas desde o início, propiciava a criação de núcleos superfechados em cada sala. Várias redomas. Virávamos mais que uma família, unida por dias inteiros de convívio, pela necessidade adolescente de se grudar, de achar que tudo que estava fora dali era babaca e de só poder gostar e fazer as mesmas coisas, coletivamente. Não éramos um, eramos todos. E dependendo de como se estava aí colocado, esse "todo" podia sufocar. Daí precisarmos de 20 anos de um distanciamento saudável para montarmos quem realmente éramos, cada um. Viver pelos próprios rumos. Decidir coisas individualmente. Formar novos grupos. Crescer definitivamente. É que partir pra outra, lembrando o que tinham sido esses quase 10 anos sob o mesmo teto aplicacionista não foi fácil. Pra quem dividiu Blocos Lógicos, aprendeu a solfejar (e manosolfejar!) seu nome e dos colegas, visitou a galeria Guinard, aprendeu a tocar flauta-doce nos corredores, andou de elevador

* Texto enviado por Marta Milagre

escondido, dividiu prensado do Antônio..., não podia sair diferente. Conhecemos a beira da praia de Ipanema à noite, nós e nossos garraões de vinho barato, depois de curtir as reuniões-dançantes nas salas e garagens dos nossos pais. Botamos o fígado, o estômago e o coração pra fora nas intermináveis caminhadas de madrugada voltando pra casa. Aí estavam alguns dos melhores anos das nossas vidas. Viajamos um monte, fomos a todos os teatros da época, freqüentamos o Bristol na sessão da meia-noite, conhecemos todos os músicos da MPB nos shows do Projeto Pixinguinha ali do ladinho, na Reitoria. Vimos e convivemos com o movimento estudantil efervecente, corremos da polícia escondidos, e escondidos tomamos cerveja no DAIU. Éramos crianças dentro da Universidade. Uma vez construímos uma sala de aula com a nossa cara: paredes pintadas, cortinas de plástico, vasinho com flores na mesa. No último dia de aula, colocamos fogo nos nossos cadernos, soltamos uma galinha no 2º andar e ainda ligamos a mangueira dos bombeiros dentro do prédio (se algum dos nossos filhos fizer isso hoje tá ferrado!). Precisávamos arrebentar para conseguir quebrar aquele encanto que nos unia àquele colégio e àquelas pessoas. Muitos anos depois, começamos a nos reencontrar nas portas das escolas, buscando agora nossas crias, ou em eventos de trabalho, do mesmo lado da mesa. Todos profissionalmente estabelecidos, amando ou sendo amados, com a certeza de que não viemos na vida simplesmente a passeio. Muitos já (ou ainda!) repensando a vida e fazendo novas escolhas. A escola tinha conseguido cumprir a sua parte. Ninguém entregue, acomodado, de cara amarrada. E nos demos conta de que, mesmo com o passar de todos esses anos, tínhamos uma intimidade não conseguida com muitos dos amigos atuais e uma vontade louca de conversar, de trocar experiências, de pedir conselho, de tomar chopp e comer churrasco, de jogar conversa fora. Quando a internet nos trouxe de volta ao convívio diário, confirmamos que essa amizade pode render muito ainda e que certamente temos assunto pra mais 20 anos. E já estamos até pensando, como um dia havíamos pensado na adolescência, em passarmos a velhice num mesmo "asilo hippie-chique", lá pelos lados de Canela. E quem sabe retomarmos nossos papéis de super-heróis nessa liga extraordinária que criamos.

Anos 70 não deu pra ti, Aplicação, seguimos aqui!*

Nelson Brasil Ferreira

Pois então! Falar do Aplicação, assim... de chapa, de supetão. Pois sim, pois não. De seu cinquentenário! Minha nossa, Gertrudes, a imagem que me ficou daquele Ateneu às avessas é de um colégio recém-saído das fraldas, cheirando a tinta, inexperiente, obra ainda por fazer, reações químicas incompletas, ponto de equilíbrio não atingido, talvez mesmo faltando um átomo de energia de ativação. Ínfima.

Intimação! Requer intimidade: escrever sobre e para o Aplica. Agora, o centenário daquele outro time – argh! -, o cinquentenário da Petrobrás e, ano que vem, o do Aplicação. Falar o que, Genoveva? Maria Adélia, nossa querida professora de História, mandou recado para que escrevêssemos sobre ele. Tipo assim, tipo assado, lembranças, lembretes, histórias, casos, quem sabe amores: inesquecíveis, desarrazoados, desregrados, desgarrados, destemidos, incompreensíveis, adolescentes amores. Bem assim, falar talvez dos professores, do corpo e mente docente, dos funcionários. Impossível! Cadê memória?

Complicação. Para contar, tem de lembrar. E voltar aos velhos tempos é também desenterrar cacos de nós mesmos; é

* Texto enviado ao Colégio em dezembro de 2003.

Nelson Brasil Ferreira escreve representando as duas turmas que entraram no CAP em 1970 e saíram em 1975.

abrir cofres cuidadosamente trancafiados; é destampar caixões hermeticamente lacrados. Viver não é fácil, como dizia Riobaldo do Grande Sertão. A gente vivencia aqueles ardores, aqueles cheiros todos, aquela ilimitada sensibilidade por tudo, aquela vontade talvez de explodir, tamanha a gana por viver em primeira mão. Medos, inseguranças, o descompasso do coração frente às primeiras, talvez segundas – primas contam? – paixões. Instáveis, mutantes, intensos, curiosos, tímidos, reservados, moleques, irrequitos, incontidos, irrefreáveis, éramos tudo isso ao mesmo tempo.

Explicação. A cada pergunta banal: - “Onde estudas, menino?”, sentíamos um misto de regozijo, orgulho e de malícia ao respondê-la, antecipando o espanto: - “No Aplicação” (entra burro e sai ladrão ficava implícito, a boca *chiusa*, querendo sair). - “Oooonde?” Muita gente desconhecia. Também, colégio ou tinha nome de Santo, bom ou mau conselho, ou tinha nome de político público e notório. Raras exceções. Agora, Aplicação era lá nome de escola!? E ainda por cima (ou por baixo), esfera federal! Quer mais? Nos sentíamos pré-universitários. Aqueles tiquinhos de gente. Cobiaias. Camundongos nas mãos de curiosos educadores. Só percebi exatamente o que éramos, quando iniciaram a distribuição de porções de parmesão para a meninada. Sobrevivemos a Instruções Programadas, Estudos Dirigidos, livros americanos de química e física, e professores estagiários. A propósito, no último trimestre do ano, alunos da Universidade eram soltos em campo minado para estagiarem no Aplicação. A corja de alunos recebia-os festivamente, com faixas de boas vindas e de abertura da temporada de caça aos estagiários.

Convicção. Lembrar do Aplicação, na primeira metade dos anos 70, é sentir um afã, é suspirar saudoso pelas lembranças visuais da escada. Ah, bendita, benfazeja, sacra escada. Todo dia, ao bater o sinal no recreio e no final das aulas, nós, guris, despencávamos feito queda d’água atrás das melhores

posições, das mais profundas vistas de nossas femininas colegas. E não havia uniforme, e as saias eram curtas, por vezes curtíssimas. Santo Deus. Nunca entrei no proibido elevador. Para quê? Observávamos todas as cores, os tecidos, os novos modelos de calcinhas. O que dava mais raiva? Meninas inescrupulosas de calças compridas, aqueles odiosos e impertinentes jeans. Deveriam ter sido rigidamente banidos da escola.

Falar um pouco de minha turma. Tantas histórias, tanta convivência – permanecíamos no colégio cinco períodos pela manhã e alguns dias à tarde. Quer dizer: éramos unha-e-carne. O admissão feito em fins de 69. Nada lembro sobre a prova, afora o fato de ter sido a coisa mais esquisita que já havia respondido. Enfim, entramos em 1970, formando duas turmas. Não é possível falar de todos, nem contar as inúmeras histórias que nos aconteceram. Dava pra encher livros. Engraçadas, escabrosas, em geral, felizes, são lembradas diariamente em nosso atual grupo de emails. Verdade! Em 14/11/2000, comemoramos os 25 anos de formatura da turma no Birra e Pasta do Shopping Praia de Belas. Desde lá, boa parte de nós mantém comunicação via email e organiza freqüentes encontros em Porto Alegre e Ivoti, mas também em nossas ramificações no Rio de Janeiro, Brasília, Salvador e São Paulo, com a presença de familiares e de aplicacionistas de outras turmas. A alegria de nossos encontros é indescritível; somos intimados a baixar o tom de voz e normalmente os últimos a sair dos bares.

Pois sim, falar mais dessa maravilhosa turma sem citá-los nominalmente é difícil. Talvez apenas dizer que um de nós já se foi: o Francisco Pedro de Campos Velho – o Chicão. Que alguns de nós e o Nei Lisboa jogavam futebol na própria sala de aula, durante o recreio. As cadeiras de fórmica eram as goleiras e a bola, uma proteção de borracha dos pés das mesmas. No quarto período, passávamos pingando sobre os cadernos e as Instruções Programadas. Que o Plínio Assis Brasil

entupia com papel a pia da sala de Alemão e abria a torneira. Minutos depois, a água escorria por toda a inundada sala. Que algum de nós preencheu o buraco escavado na parede da sala de Francês com camundongos. Que outros passavam de uma sala a outra através da marquise, na parte externa do prédio, no quarto ou quinto andares. Que demos de presente ao professor Paulo Leibel de Moraes, de Física, uma reluzente gravata, aliás muito apreciada e utilizada. A cuja havia sido recolhida da lata do lixo, ao lado da escola. Que o Gordo Lima (José Luis Dias da Silva Lima, aliás, ex-gordo) trazia sacos de bergamota, tomates e laranjas prá aula de Alemão, iniciando conflito hortifrutigranjeiro e bélico entre nós, somente finalizado com a intervenção da ONU. Lembro nessas aulas de ampolas de gás sulfídrico, sub-repticiamente quebradas. De sacos cheios de leite voando pela janela do quinto andar. De estouro da luminária da sala e conseqüentes nuvens de gás e de pedacinhos de papel de cartão de computador, colocados estrategicamente em um saco na parte superior do lustre. O experimento envolvia uma ligação elétrica com uma "bombinha", que faria espalhar a nuvem de papel. O efeito foi um pouco maior do que o esperado, explodindo as lâmpadas e fazendo com que a professora de biologia desmaiasse com o susto. O vendedor, depois se soube, havia vendido, inadvertidamente, um rojão para o criativo colega.

Aqueles anos foram politicamente duros mesmo para nós, pouco mais que crianças. Desde lá, o Brasil, embora mais aberto, não evoluiu em justiça social. Ao contrário, permanecemos um país de concentração de renda cada vez mais absurda. Os anos loucos se foram. *The dream is over*. A era de Aquário tão esperada – não sabíamos – estava acontecendo e nunca mais voltaria. Nossos tempos pós-Aplicação seriam de um materialismo assustador, de uma arte essencialmente pragmática e pouco criativa.

Talvez isso. O Aplicação para nós, quem sabe, representa um pouco daquele mundo que sonhávamos inocentes. Um

mundo mais repleto de liberdade, de menores desigualdades, de maior tolerância, de menos guerras e preconceitos. Em nossa turma (apesar de ter formado um ano depois, em razão de uma perna quebrada), há, pasmem, até um padre: Marcelo Guimarães. Estudioso, luta pela paz, pelo controle de fabricação de armas e pela conscientização de todos nós sobre a importância do tema. Mas não é padre comum, não. Frequentemente nossos encontros, bebe, joga conversa fora e já foi o carnavalesco responsável pelo tema sobre a paz de escola de samba carioca.

O Aplicação, pessoal, vai fazer 50 anos. E depois de tanto tempo, ainda está presente em nossas vidas. A intensidade daquela experiência reflete na alegria de nossos encontros, na emoção de dividirmos nossa presente história com nossos ex-colegas e familiares. Que bom saber que toda aquela vivência não foi esquecida e jogada num canto.



Alunos 1970/1975.



Alunos 1970/1975.

"71-76: born to be wild"

Luciano G. de Mello

Wild... Ou seria Wilde? Acho que era Wild mesmo, mas pronunciado em idioma indefinido, com som de "/u/" e "/i/". Foi nosso professor. Ou estagiário? De Matemática? Ou de outra matéria? Bem, o que interessa é que, tendo existido, foi o primeiro, se é que houve outro, a enquadrar toda a nossa turma e despachá-la com passagem só de ida para a Supervisão. Acho que não é preciso explicar a "Supervisão". Mas foram dois longos períodos de aula em convívio com a Dona Inah. Ou seria Iná? Ou teria sido com a Lourdes? Lurdes? De qualquer forma, resgatar um passado de cerca de 20 anos, não praticado, não deve ser matéria fácil, mesmo. Ou seria Alzheimer?

E quanto material para um diagnóstico rápido e preciso da demência nós tivemos na Festa dos 50 Anos. Os "Cinqüentinha"... Aliás, cinqüentinha, naqueles idos, era o apelido das recém-lançadas motos de 50 c.c., que produziam um ruído pra lá de enjoativo. Uma colega tinha uma. Ela não esteve na festa. Curiosamente, foram dela as melhores festas de garagem dos primeiros tempos. "As gurias levam comida e os guris, bebida." É uma das nossas que está fora daqui, em São Paulo, perto da capital, acho. Alguns poucos fomos ao baile. Uns fazendo valer seu grande poder de reconhecimento facial (que enorme potencial como peritos do IML). Outros, como

eu, expostos à desconfortável sensação de “Eu te conheço de algum lugar...” prolongada e em larga escala. Mas não há como negar que a Adélia, o Cordeiro, a Conceição, o Antônio e a Ione, o Peixinho e alguns outros ícones daqueles seis anos estavam lá e perfeitamente reconhecíveis. Mais, quase intactos. De resto, recebendo as informações do intenso trabalho de nossos “peritos reconhecedores”, muita poeira foi tirada das memórias do Aplicação.

Não fomos “capiãos”, como parece que a comunidade se autodenomina hoje. Não tínhamos nome, éramos “alunos do Aplicação”. E isto dizia tudo. Servia, ao menos, para constanger os outros, fosse por desconhecimento da escola, admiração ou receio de contaminação. Na sexta série, chegamos a ser chamados de “cafezinhos” ou “cafés-pequenos” em uns poucos torneios de vôlei, a única vocação esportiva que a escola já teve, ao que parece. O motivo era a sigla, de fita isolante preta nas camisetas brancas. O Colégio passara da Faculdade de Filosofia para a de Educação. E nós pagamos o pato: de CAFF a CAFE. “Cafezinhos” não pegou. Não tinha graça. Também absorvemos o bordão pejorativo dos alunos do vizinho Instituto de Educação: “Entra burro e sai ladrão.” Mas jamais incomodou: nunca foi o perfil de substrato nem produto da indústria “aplicacionista”. Também o símbolo, a coruja herdada da Faculdade de Filosofia, não era assim. Me perguntou, quem resolveu trocar os velhos óculos de estudo redondos por óculos de “gatinha” e colocar sapatos femininos (*moules?*) no pobre bicho, ou “bixa” agora? Nós, aplicacionistas de outros idos (se eu disser “velhos”, vou “acordar” com a boca cheia de formigas em algum lixão...), não toleraríamos um discurso eleitoreiro da alta administração da Universidade numa atividade festiva. Na verdade, não toleraríamos nem numa atividade formal. Eram outros tempos, talvez isto explique.

Eram tempos do “elefante”. Sim. O “elefante” era presença corriqueira nas assembléias e outras reuniões formais e maçantes. Muito antes da onda sertaneja (Oh, dor!) divulgar o

famoso berrante dos boiadeiros do pantanal, nós havíamos desenvolvido nossa versão urbana. Eram feitos do mais puro metal tubular oriundo dos refugos de nossos bancos escolares. Pernas de cadeiras quebradas, mesmo. Os "elefantes" eram manejados por um seleto grupo de colegas de bons pulmões, que sopravam através deles tal e qual um trompete, produzindo o inconfundível e alto som do berro (ou barrido, para os puristas) do elefante. Imaginem o impacto de tal som durante um discurso. Como era tocado longe da frente do auditório, com o corpo do "músico" encurvado para a frente e, logo após, transferido ao próximo soprador, por um intrincado trajeto sob as cadeiras, e removido do ambiente dentro do braço de um casaco ou da perna de uma calça, o "elefante" passou invicto pelos nossos seis anos.

Talvez o barulho fosse uma vocação. Acho que foi ainda no primeiro grau, poderia apostar que na 8ª série, mas a minha memória condena. No auge da "aborrescência", alguns começaram a trazer rádios de pilha para animar o recreio. Continental... Pampa... OK! Farroupilha, Itaí e Caiçara ("Onde a música não pára..."), definitivamente, não! Bom, os rádios voltavam ligados para a sala de aulas. Até que um dia a professora de Português se estressou e retirou o rádio de uma das colegas. Na aula seguinte, a "vendetta" estava armada. Vários alunos, vários rádios. Quando ela foi para o quadro, alguém ligou e desligou seu rádio, não dando tempo para ser localizado. O processo foi repetido toda a vez que ela se voltava para o quadro, com manifestações migratórias dispersas pelos quatro cantos da sala, até que, chorando de raiva, ela deixou a aula.

Essa "crueldade" também se manifestava internamente. Quantas vezes nós, meninos, ou alunos de outras turmas, nos vimos forçados a recolher a pasta escolar das marquises que protegiam as janelas do prédio antigo. Não bastasse a arriscada acrobacia três ou quatro andares acima do solo, o retorno era sempre humilhante, pois as janelas da sala eram fechadas pelos colegas, e o caminho terminava passando por outra sala de aulas que estivesse aberta.

E as excursões? A Colônia de Férias da UFRGS e o Geraldo Santana. As caminhadas e conversas intermináveis. Os flagrantes... Quanta bagunça! Quanta armação! O episódio das bombinhas espocando por todos os corredores. As guerras de água. A galinha com massa e cabelos no refeitório. Quantas vezes estivemos por um fio para sermos devolvidos precocemente ao convívio familiar. Não é difícil imaginar que, até hoje, possam guardar nossas fotos nas paredes, em cartazes de "PROCURADOS".

Voltando ao cenário esportivo. Nossas práticas eram uma grande piada. Não tínhamos recursos, nem espaço para nada muito sério. Mesmo assim, havia uma cultura de competição incrível, que fomentou muita dedicação através de clubes e criou, pelo menos, desempenho e fama interessantes no voleibol. Mesmo assim, não era o vôlei o esporte típico da escola. Qual de nós não lembra daquele esporte único, o "guerreiro"? Produto da grande demanda pela única e raquítica quadra esportiva da escola nos recreios, o "guerreiro" era uma prática totalmente masculina. Não podia ser diferente, era um troço meio violento, certamente um prenúncio do *punk*. Alunos de quase todas as séries amontoavam-se na quadra, fora os mais velhos, que já "se achavam" demais para participar, e os mais moços, que corriam riscos maiores. Ao grito (grito, mesmo) de "Guerreiro!", saíamos desembestados a chutar, ou apenas tentar, uma bola murcha ou uma lata de tinta amassada. Não havia lados nem objetivos organizados. Eram todos contra todos. Ninguém era de ninguém. *Sorry*, Tribalistas! Ah, se houvesse torneios profissionais de "guerreiro"... Aí, sim!!!

Eram os tempos do grande saguão no térreo. Com seus bancos posicionados entre as grandes colunas, fomentou a formação das nossas tribos internas. Uma em cada banco. Os bancos, de praça, eram usados preferencialmente tendo o encosto como assento. Até que passasse alguém da diretoria ou da supervisão, e todos despencassem para os assentos verdadeiros. Claro que, no Segundo Grau, o reflexo ia progressivamente desaparecendo, assim como o de esconder o cigarro.

Também diz respeito ao prédio, o caso mais marcante de nossa existência escolar. Foi na "Torre Azul", o segundo prédio-sede da escola, junto à Faculdade de Educação, no centro da quadra central do campus central, vizinho aos prédios das Faculdades de Medicina, Arquitetura, Química e Filosofia (quem busca o túnel da Conceição a partir da Osvaldo Aranha pode vê-lo com clareza, azul, à esquerda). Era o segundo grau. Éramos rebeldes em busca de causas. A cola, por mais desnecessária que fosse, sempre carregou a emoção da confrontação com a ordem estabelecida. Nossa sala de aulas tinha as classes, azuis, cobertas por rabiscos, escritos, desenhos, "colas", propriedades e impropriedades. Um dia, descobrimos que escrever com giz branco na parede, branca, acima do quadro-negro, verde, era uma forma prática e democrática de colar sem que os professores percebessem. Até o dia em que eles perceberam. Daí ao momento em que todos os rabiscos de parede prévios estavam "ampliados e revisados" pelos artistas da turma foi um pulo. Lápis, giz, giz-de-cera, pincel-atômico, caneta. As paredes estavam cobertas por um *grafitti* acadêmico iconoclástico. É... Tinha muita baixaria... A turma do segundo andar, os donos do poder, não gostou. Sai a sentença: teríamos de repintar a sala às nossas expensas, para podermos concluir o ano. Sábado, tinta branca comprada, pincéis, jeans velhos e um enorme sapo-boi atravessado na garganta. Mentes e dementes a trabalhar. Sai a resposta: vamos pintar do nosso jeito. Depois de muito tempo, ao longo do qual, pelo próprio projeto pedagógico da escola, o grande grupo, nossa família de trinta e poucos irmãos, vinha sendo fragmentado na busca de posturas e resultados individuais, recuperou a união de cinco anos antes. Pintamos a sala. Não de branco. Corremos às lojas de tintas em busca de corantes. As paredes foram revestidas com nuvens, gaivotas e o sol junto ao quadro. A qualidade artística da obra refletia a RE-união da turma: era coisa de sexta série, no máximo. Mas estava ficando lindo. Faltava a assinatura, e escrever os nomes não teria sentido, afinal havíamos sido proibidos de picar. Deixamos, então, trinta e poucos bonecos azuis

de mãos dadas estampados ao longo das paredes. Éramos nós! Era a turma 1 de 76 e seus agregados! O Colégio permitiu que este legado perdurasse mais alguns anos, talvez como reconhecimento da manifestação, talvez pela falta de necessidade de cobri-lo. De alguma forma a sala tornou-se um ícone para os que vieram depois, mas não creio que se tenha construído alguma mística sobre ela. Esta ficou em cada um de nós, e na letra de uma canção escrita por um grupo de colegas e apresentada no último ano de escola, a qual transcrevo a seguir.

A TORRE AZUL

Vou contar uma estória
De fatos conhecidos
Agucem as memórias
Preparem os ouvidos
Era uma vez uma torre azul

Era só um menino
Mas se achava maduro
Hoje de barba no rosto
Não está tão seguro

Queria ser um líder
Mas não conseguiu
Embora eu agradeça
Pois ele nos uniu
Era uma vez uma torre azul

Dois pares de namorados
Hoje só são amigos
Agora separados
Pensam que eu não ligo

No jogo da verdade
A garrafa não mente
E a falta daqueles tempos
Ainda mexe com a gente
Era uma vez uma torre azul

Momentos de emoção
Como os da pré-história
Nunca sairão
Da nossa memória

O Fausto, o Sonho
De uma noite de verão
As brincadeiras de ensaio
Sei que nunca morrerão
Era uma vez uma torre azul

O primeiro cigarro
O primeiro porre
A primeira noite
O primeiro corre-corre

Não se apagou
Nunca da nossa mente
E o mesmo medo ainda se sente
Era uma vez uma torre azul

Logo então veio
O primeiro carro
O bólido azul
Cheio de artefatos

O nosso quatro-portas
Nos foi vetado
Mas nós prosseguimos

E outro foi encontrado
Nunca mais funcionou
Nosso bôlido azul

Pôquer todas as noites
Futebol no edifício
Reunião no sábado
Foi se tornando um vício

Mas a empolgação
Foi-se acabando
E os bons momentos
Foram terminando
Mas outra vez funcionou
Nossa torre azul

Aquela aula
Que nos é tão querida
Nos deu cento e onze
Razões para a vida

A união
Não foi coisa da sorte
Hoje somos irmãos
Hoje somos mais fortes
Outra vez funcionou
Nossa torre azul

O inteligente caiu
Outro encontrou a fé
E o que parecia criança
Encontrou a mulher

Um gosta do mar
Outra do botequim
Um vai fotografar
O que foi dito por mim

Um faz muitos desenhos
Outros brincam com bola
Um desafia o Zoreia
E outros fazem a cola

Uma brigou mas voltou
Outro nos apronta surpresas
Uma sempre nos amou
A outra é a princesa
É a princesa da torre azul

Assim que é nossa
Torre azul

Esta é a nossa
Torre Azul

Assim o sonho começa
E nós vivemos assim
Por isso por mais que aconteça
Ele nunca mais vai ter fim

Sempre estaremos
Na torre azul

Sempre estaremos
Na torre azul

Enfim, éramos adolescentes. Podíamos ser cruéis. Alguns mais que outros. Alguns em essência, outros em anuência, uns em sobrevivência. Acho que fazia parte do ciclo vital e da época política. Despedimo-nos da escola já distanciados entre nós. O tempo terminou a tarefa. Mas também nos perdoou. Vinte e sete anos depois, sabemos que os bonecos azuis sobreviveram. Há uns bons anos, vimos retomando nossa amizade, nossa irmandade. Muitos ainda estão em Porto Alegre, muitos

estão fora. Somos muito diferentes. Professores, juízes, artistas, advogados, médicos, arquitetos, enfermeiras, administradores, informatas, engenheiros, empresários. Solteiros, casados, separados, juntados. Pais, mães, filhos. Sempre que possível nos reencontramos e voltamos a ser os mesmos. Adolescentes de 40 anos. Por mais ajustados que estejamos, continuamos intensamente inquietos por dentro. Sempre seremos.

Sempre estaremos prontos a criticar, a opor, a mudar, a criar, a inovar. ...*Go make it happen. Take the world in a love embrace. Fire all your guns at once. And explode into space. Like a true nature's child. We were born, born to be wild. We can climb so high. I never wanna die. Born to be wild. Born to be wild.* (Steppenwolf, 1968) Nós. *Born to be wild*. Não pelo registro, como aquele professor "Uilde". Mas assim recriados pela experiência no Colégio de Aplicação entre 1971 e 1976. Seja bom ou ruim, fomos, somos e seremos assim.

Isto foi escrito ao apagar das luzes do *deadline* de 15 de maio de 2004, por uma perversa auto-imposição: nossa turma não poderia deixar de se manifestar no registro do cinquentenário. Como nenhum colega foi consultado a respeito, ficam minhas desculpas pelas omissões, imprecisões, enganos, erros e opiniões. De qualquer forma, isto é por e para todos nós. Arthur. Artur. Carmen. Clarisse. Cláudia. Denise. Elcídia. Evandro. Iara. João Carlos. Laura. Lísia. Luciano. Luís Pedro. Luiz Felipe. Luiz Fernando. Maiga. Maria Ângela. Maria Fernanda. Maria Inês. Mery. Miriam. Mônica. Nádia. Otávio. Ricardo. Roberto (*in memoriam*). Ronaldo. Rosane. Silvia. Sônia. Susana. Thaís. Tiaraju. Virgínia. Wanessa. Eduardo. Francisco. Paulo. Teófilo.

O Aplicação contra o Aplicação

Elisabete Zardo Búrigo

Estive no Aplicação no dia dos seus 50 anos, na dupla condição de ex-aluna e professora da UFRGS. À primeira vista, o Colégio, instalado no prédio novo do Campus do Vale, estava muito diferente daquele que eu freqüentara. Aqui e ali, detalhes faziam lembrar do antigo: os bancos do saguão, onde se guardavam – acho eu – bolas e redes, aquele enorme armário com gavetinhas que ficava fora do nosso alcance. Como testemunhas daqueles tempos, estavam lá também nossos queridos professores...

A placa comemorativa – “50 anos de formação cidadã” – provocou um novo estranhamento, relativo aos tempos de aluna. A convicção de que a consigna não era fiel ao passado cresceu no reencontro com nossa antiga diretora. Lá estava ela na sala de retratos, vigilante e determinada, tal e qual a conhecemos no começo dos anos 70. O fotógrafo era muito bom – ou a expressão dela era sempre a mesma.

Instalado no coração do campus central da UFRGS, o Aplicação era, sim, um espaço arejado em meio ao sufoco daquele período. Em tempos de “Ame-o ou deixe-o”, estávamos dispensados de cantar o hino e hastear a bandeira. Nada de uniformes, aulas de moral e cívica ou de religião. Nada de dia das mães e efemérides do tipo. Tínhamos aula de teatro, íamos ao Parque da Redenção. Líamos Caio Prado Jr., Michael Löwy,

Graciliano Ramos, João Cabral de Melo Neto... Fomos cobaias de GVGO, Philips 6-6 e outros tecnicismos da época, mas como contrapartida podíamos falar, argumentar, contestar os professores.

A liberdade que acreditávamos ter era, contudo, calculada e confinada. Os limites não eram dados apenas pelo regime militar – a direção da escola cuidava de garantir que o debate interno fosse inofensivo à ordem vigente.

Eram comuns as admissões e demissões de professores, sem qualquer justificativa. Na oitava série, uma professora despediu-se dizendo algo do tipo “Nunca deixem de lutar por aquilo em que acreditam”. A fala ficou registrada, mas não provocou nenhum protesto além do boicote ao professor que veio depois. Na minha cabeça, aquelas idas e vindas faziam parte do funcionamento de uma “escola experimental”. O sentimento foi outro quando, no segundo ano, alguns de nossos colegas foram “convidados” – eufemismo da época – a deixar a escola. Ficamos consternados, mas de novo não reagimos.

O ingresso dos alunos se fazia através de uma prova dissertativa. Havia suspeitas sobre a classificação divulgada, mas não se contestavam os procedimentos de seleção. Percebi o alcance dessa falta de transparência quando concorri a uma bolsa para estudar em Boston e recebi de nossa diretora explicações nada convincentes sobre o resultado. Não havia instância à qual pudesse recorrer.

Estávamos em 77, quando o movimento estudantil saiu às ruas contra a ditadura. No Colégio, estávamos proibidos de participar. Aulas foram suspensas para que não presenciássemos as manifestações e funcionários foram designados para vigiar nossa eventual participação. Alguns de nós acompanhavam o movimento – especialmente os que tinham irmãos mais velhos. Eu não tinha irmão mais velho e não conhecia o pessoal do movimento secundarista. Mas estava indignada e totalmente de acordo com as “liberdades democráticas” que se reivindicava. Assisti de longe a um ato público onde os oradores fala-

vam de cima de uma árvore, próxima ao Bar do Antônio. Aderi ao grupo que pressionava a diretoria da CACA - a Comunidade de Alunos do Aplicação - ao engajamento. A diretoria renunciou e entregou as chaves à direção do Colégio, que aproveitou o ensejo para fechar o grêmio.

Eu já tinha entendido que a direção do Colégio reproduzia, internamente, o autoritarismo vigente e também se beneficiava do continuísmo imposto. Mas o gesto de fechar a CACA era inesperado, não combinava com a idéia que fazíamos do Aplicação e da conjuntura. Montamos e distribuímos um jornal que estampava na capa o artigo da Constituição: "é garantida a liberdade de opinião". E pretendendo fazer da denúncia um mecanismo de pressão, fomos até o deputado Porfírio Peixoto, do MDB - que tinha como assessor o Zezinho Oliveira, nessa época aluno do Ernesto Dornelles - contar a nossa história. Ficamos decepcionados no dia seguinte. Nada no Correio, nada na Zero Hora. Será que ele não tinha acreditado em nós? Alguns dias depois fomos chamados, os representantes de classe, para uma reunião com o Conselho de Direção do Colégio. Uma minúscula nota no Jornal do Comércio provocara a ira de dirigentes da escola. O que incomodava, de verdade, não era a contestação ao regime - era a revelação além-muros de que no Aplicação não havia a liberdade de expressão apregoada.

A reunião, num clima muito diverso das nossas aulas, visava a intimidação e o anúncio das punições. Para alguns colegas, a permanência na escola foi condicionada à assinatura de uma declaração através da qual prometiam cumprir as normas do Colégio. Contestei a exigência e fui, nas palavras da nossa vice-diretora, considerada "persona non grata". Era uma expulsão branca, como a de tantos outros colegas, sem processo e sem defesa, que se valia de ameaças veladas, como as famosas listas que vedavam o acesso a cargos públicos.

A saída apressada e forçada não desfez tudo o que eu tinha vivido e aprendido no Aplicação. As amizades perduraram ao longo da universidade e vários reencontros depois. A

opção pela atuação no ensino teve uma influência forte das aulas que fugiam ao modelo tradicional. Até mesmo os blocos lógicos – “se azul, então quadrado” – me foram de certa valia no curso de Matemática.

O Colégio democratizou-se: vieram os concursos públicos, sorteio de vagas, eleição de diretores. A CACA foi reaberta.

No dia do aniversário, contudo, não pude partilhar das referências idílicas ao passado. Escrevi no mesmo dia uma carta que, a convite da escola, transformo agora em artigo, como contribuição para o resgate de uma história que não foi só de acertos.

As exclusões que eu e outros sofremos cassaram vagas que havíamos conquistado sem qualquer tipo de favorecimento. Afrontaram nossos direitos e o caráter público da instituição. O que não posso reconhecer como “formação cidadã” é, sobretudo, a intolerância e o arbítrio de educadores contra adolescentes que apenas aprendiam a exercer, fora da sala de aula, a liberdade de pensamento e de expressão. Feito o registro, quero incluir-me entre os que comemoram o crescimento do Colégio ao longo dos seus 50 anos e tudo que nele nos ajudou a crescer.



Alunos do CAP/UFRGS – 1973.

Dos alunos 1974-1980

*Produção coletiva de alunos/1980**

2 ueridos professores, alunos, pais e demais participantes destes 50 anos de vida do Colégio de Aplicação da UFRGS:

Somos os alunos da turma de formandos de 1980. Nossa turma foi aquela que passou pela rápida tentativa de estender o Segundo Grau para quatro anos. As razões para tal experiência já ficaram perdidas no tempo, mas nossa vivência não! No ano passado, depois de 23 anos, nos reencontramos, como turma, na internet. Fundamos um grupo e temos trocado mensagens desde então, além de voltarmos a nos reunir periodicamente. E, a partir desse momento, começamos a perceber o que o Aplicação significou pra todos nós. Desde lembrarmos dos nomes e redigirmos uma lista dos nossos professores até compartilharmos memórias do dia-a-dia daqueles anos, tudo tem sido um reencontro com a nossa vida de adolescentes, o nosso crescimento e a nossa trajetória. Talvez o que melhor resuma, para todos os que lerem este texto, algumas das nossas mais importantes descobertas sobre o que realmente vivemos com o Aplicação e de que maneira ele nos influenciou sejam os objetivos do parecer de 1978 da disciplina de Teatro, que nos foi dada durante cinco anos pela nossa querida Olga Reverbel. Nele, entre outros, está escrito o seguinte:

* Texto enviado por Anahy Fagundes Dias Fonseca.

1. Área Cognitiva

Ler, analisar e apreciar o texto da tragédia *Antígona* de Sófocles.

Identificar o tema da tragédia.

Assumir uma posição crítica em face aos valores identificados na tragédia.

Comparar os valores identificados na tragédia criada no século IV a.C. com os valores da atualidade.

Situar a tragédia no contexto sócio-político do mundo grego.

2. Área Ético-Social

Estabelecer uma escala de valores a partir da comparação com os valores identificados na obra de Sófocles e os valores do homem contemporâneo.

Identificar e respeitar os Direitos Humanos.

Manter atitudes coerentes com os valores da sociedade em que vive.

Desenvolver capacidades de liderança.

Assumir suas tarefas com responsabilidade.

...

Bem, 23 anos depois de sairmos do Aplicação para a vida, nos encontramos como professores, advogados, médicos, psicólogos, engenheiros, arquitetos, administradores, especialistas em informática e representantes de tantas outras profissões. Mas o principal é que pudemos notar, através das nossas mensagens, que nos tornamos pessoas divertidas, criativas, críticas, responsáveis, cultas, comprometidas socialmente, fraternas e leais. Certamente a Olga se orgulharia dos seus alunos! Se fosse "apenas" por ter conseguido essa façanha com muitos de nós ao longo destes 50 anos, já teria valido a pena existir um Colégio de Aplicação! Se, além disso, ele permanece com a capacidade de desenvolver tais valores nos seus alunos,

então, em meio ao desencanto dos nossos dias atuais, ainda podemos ter esperança em um futuro melhor! Que todos os que trabalham, trabalharam ou trabalharão nessa escola tenham a consciência da sua própria contribuição para a construção deste futuro!

Parabéns, Aplicação!

Nós, da turma de 74-80, te desejamos um Feliz Aniversário e votos sinceros e esperançosos de que continues igualmente produtivo pelos anos vindouros!



Convite para festa promovida em 2003 pelas turmas que entraram no CAP em 1974. Foto (com arte final de Marta Pasqualini Milagre) enviada por Maria Regina Varnieri Brito.



Alunos - 1979.

Um caminho para uma concepção interdisciplinar

Adriana R. Pohlmann

As aulas começaram em 08 de março de 1976. Primeira pergunta: quem tem 12 anos? Poucos responderam, eu estava incluída. Tirando a temperatura do momento, ficamos sabendo que éramos duas turmas;¹ a nossa teria uma professora polivalente. A Silvia. Um mês depois, a Silvia foi substituída pela Nina Rosa. Escolhi este começo, pois, hoje, praticamente 28 anos depois, encontrei a Nina Rosa na festa de comemoração dos 50 anos do Colégio de Aplicação.² Ela ficou muito surpresa com o fato de a ter reconhecido. Mas como não reconhecê-la? A nossa turma era composta por 34 alunos dos quais a metade (mais ou menos) era proveniente do Instituto de Educação.³ Para todos, trocar a professora um mês após o início das aulas foi uma grande adaptação; e para os “externos”, adaptarmo-nos ao grupo do Instituto foi um caminho.

Aluna do CAp/UFRGS de 1976 a 1981. Farmacêutica pela UFRGS, Mestre em Química (UFRGS) e Doutora da Universidade Paris V (França) com especialidade em Química Terapêutica. Professora do Departamento de Química Orgânica do Instituto de Química da UFRGS, Caixa Postal 15003, CEP 91501-970 Porto Alegre, RS.

1 As turmas foram compostas a partir dos resultados do exame de admissão.

2 O Colégio de Aplicação da UFRGS localizava-se no prédio da Faculdade de Educação (Campus Centro).

3 O Instituto de Educação General Flores da Cunha situa-se na Av. Osvaldo Aranha, Porto Alegre.

Na verdade nos adaptamos mutuamente, inclusive com a outra turma. Fiquei muito contente de reencontrar a Nina, hoje, assim como outros professores com os quais eu não falava há muito tempo. Com alguns conversei muito seguido, devido aos encontros de trabalho na própria Universidade. Fiz o Concurso Público do Departamento de Química Orgânica em 1989 e no ano seguinte entrei como professora desse Departamento do Instituto de Química da UFRGS. A vontade de ensinar e a curiosidade científica me acompanham desde as sétima⁴ e oitava séries. Antes de seguir, gostaria de mencionar algo sobre nossas interações sociais. De 76 a 79, passando intensivamente por 1978, fervíamos em festas diurnas e noturnas nas casas de todos. Na casa do Vit, na casa da Fernanda, na casa da Adrianne, na casa da Tetela,⁵ na casa do Marcelo, na casa do Guigô, na casa do Fernando Antonio, na casa do Angelo, na casa da Lúcia, lá em casa... Teve uma festa lá em casa. Não tem uma vez que nos últimos 26 anos nos encontremos e alguém deixe de mencionar "a" festa lá em casa. Aquela! Sim, aquela. Talvez eu devesse fazer uma enquete nas duas turmas para levantar as diferentes versões do ocorrido. Vou contar o milagre. Outra hora falamos do Santo. No meio da festa. Penumbra, som a milhão, mais ou menos 2 horas já dançadas, bebidas, ..., algumas pessoas encostadas no balcão. Um balcão anos 60, com laterais e tampo em fórmica branca e portas com folhas de madeira natural, puxadores redondinhos (pareciam uns pratinhos) de metal. A porta bate, o balcão caiu. O barulho inimaginável de 6 dúzias de taças de cristal no chão, caindo pelas portas não chaveadas, que se abriram na queda do móvel; todos aqueles copos caindo e o cristal estourando, enquanto o todo não tocava o chão. Foi, parecia câmara lenta. O que aconteceu? Esta resposta está na ponta da língua de vários, cada qual com uma solução diferente para o enigma. Alguns

4 Da sétima série cursei apenas o segundo semestre, pois toda a família passou 6 meses em Paris.

5 Aqui presto uma grande homenagem à nossa colega Tetela, que não se encontra mais no meio de nós.

colegas há anos levam a culpa, o Fulano se encostou e tudo veio abaixo. O Beltrano... Não vou deixar os registros dessas soluções, pois nenhuma corresponde à realidade. Vamos fazer outra festa e eu conto o Santo. Pois, então. Nesta altura, entre oitava e primeiro ano, nos reunimos num quarteto: a Lúcia, a Fernanda V., o Fernando Antonio e eu. Era uma loucura. Que amizade! Nem tive caderno de aula por um período. Ficamos muito unidos, conversávamos o tempo todo. Estudávamos também. Mas íamos muito ao cinema. Arines! Não vamos assistir à aula (técnicas domésticas e técnicas industriais), porque não vamos perder o ciclo do Bristol!⁶ Ele respondia: tudo bem. Anos depois (não muitos, uns 5) conscientizei o que representava a arte para ele, pois afinal ele era diretor de teatro em Porto Alegre. O meu contato com o pessoal do Departamento de Arte Dramática da UFRGS se deu pela grande amizade com a Lúcia da turma nova do primeiro ano. No primeiro ano, uma terceira turma ingressou, oriunda do projeto de classes paralelas. Outra adaptação bem grande. A Lúcia ingressou no DAD após o vestibular. A outra Lúcia, da nossa turma, é médica. Uma outra experiência, que me influenciou muitíssimo nas minhas escolhas de formação acadêmico-profissional, foi a vivência de uma estrutura de disciplinas interligadas no primeiro ano do segundo grau.⁷ Acho que foi minha primeira experiência de transdisciplinaridade; a palavra nem existia na época. Não tínhamos biologia, química, física, história, geografia, ..., as disciplinas eram: estudos do homem, bioquímica, análises clínicas, ..., psicologia. Hoje me dedico a produzir novos conhecimentos na interface química e ciências farmacêuticas. Nosso grupo de pesquisa na UFRGS desenvolve projetos que se inserem na área de nanociências, nova área que começa nessa virada de milênio, e propõe soluções para aplicação de produtos e processos em nanotecnologia. Dou aulas na Gra-

6 A divisão da platéia e mezanino do cinema Baltimore, na Av. Osvaldo Aranha, bairro Bonfim, em duas salas independentes originou o cinema de mesmo nome e o Bristol. O Bristol nas décadas de 70-80 era uma das referências culturais, onde se exibiam ciclos de diretores, temas, etc.

7 O Segundo Grau corresponde ao Ensino Médio dos dias de hoje.

duação (Química Orgânica) e nos Programas de Pós-Graduação em Química e em Ciências Farmacêuticas. Tenho alunos de Pós-Graduação nos dois Programas. Me envolvi bastante com administração, também. Fui Chefe do Departamento de Química Orgânica, Membro da Comissão de Pós-Graduação em Química e hoje sou Vice-Diretora do Instituto de Química da UFRGS. Acho que me sinto em casa, quando estou na UFRGS, por ter entrado na vida desta Universidade há 28 anos, através do Colégio de Aplicação. Quando estávamos nos formando no terceiro ano (sim, naquela época alguns saíam no terceiro e outros no quarto ano), em 1981, foi uma efervescência. Teríamos eleições indiretas para Diretor e Vice-Diretor do Colégio. A lista tríplice a ser elaborada, através dos votos dos Conselheiros, seria encaminhada à Reitoria para a nomeação do Diretor e do Vice. Nós, os alunos, organizamos uma consulta que englobou a participação de todos os alunos do Colégio. Após a votação, nós, organizadores, repassamos os nomes de um professor para Diretor e um professor para Vice, que seriam votados em três escrutínios pelos representantes discentes no Conselho. A estratégia foi votar em apenas um nome para Diretor e apenas um nome para Vice até que esses nomes entrassem na lista. Depois seria votar em branco. Definimos (os alunos) a posição do Vice, que queríamos, na lista. Então, gostaria de finalizar ressaltando que estratégia, ética, conduta e rigor científicos, que aplico, hoje, foram semeados no Colégio João XXII e regados no Colégio de Aplicação da UFRGS. Deixo um grande agradecimento aos meus professores, parablenizo o Colégio por essa trajetória que já dura 50 anos e faço um grande cumprimento a todos os meus colegas e contemporâneos.

Um povo difícil de dominar

Guilherme Cavaleiro Dias Filho

Se é “complicado” lembrar da adolescência, difícil é esquecê-la. Estudei no Aplicação entre 12 e 18 anos, de 1978 a 1985. Outro dia sonhei que estava lá de novo, jogando bola. Todas as séries eram divididas em duas turmas e, invariavelmente, alimentava-se alguma rivalidade que, no final das contas, resolvia-se no futebol. Nossa “classe/time” rival jogava bem, tinha o “Milho”, “Chemelo” e o Angelo, mas a nossa turma sempre ganhava. Éramos imbatíveis pois tínhamos além de um craque, Betinho, um fenômeno: Nelson era uma espécie de atleta completo. No basquete, na categoria de até doze anos, foi considerado o melhor jogador do RS. Como ia dizendo, para nós, jogo que valia a pena era contra uma turma dois anos mais velha. Isto mesmo: dois anos mais velha! Tudo bem, jogávamos contra seu time B, formado por Darci, Celso e Lipi, mas era bom demais empatar ou perder de pouco para eles. Uma tarde, isto eu não me esqueço, o “campo de asfalto” ficou lotado de gente vendo-nos jogar. E o que era melhor, de “gente grande”, universitários que se dirigiam às Faculdades ao redor. Quanto prestígio! Contra a altura e a força deles, tínhamos a arte de Betinho e Nelson. Coroando nosso futebol, eles perdiam a paciência e começavam a bater para valer. O jogo era um verdadeiro Brasil e Argentina. Ah! Que saudade desses tempos. Tempos onde descer as escadas do Aplicação cor-

rendo ou deslizando pelo corrimão na hora do recreio para pegar o campinho livre era uma de nossas maiores emoções.

Fora as lembranças esportivas, há a saudade da turma toda. E entre as lembranças dos professores, há também as mais afetivas. As professoras “polivalentes” que nos receberam na quinta e sexta série. A uma delas, devo minhas mais sinceras desculpas. Talvez ela já tenha se esquecido do que fiz (duvido). Gostava muito da professora Fabíola. Ela colocava-me na primeira fila porque, “gigante” que era, não conseguia acompanhar a aula se estivesse lá no fundo. Era uma atitude muito carinhosa. Anos mais tarde, em meu último ano de Colégio, retribuí seu carinho da pior forma. Como diria o Noel Rosa, um “palpite infeliz”. Numa assembléia de alunos que discutia um livro de Inglês, fiz uma referência descabida aos professores dessa área. Putz! Esqueci da Fabíola! Ela também era professora de Inglês e, pior, estava ali presente. Houve casos mais pitorescos. Gostávamos muito de fazer “guerrinhas” com pedaços de papel e um elástico na mão, entre o polegar e o indicador. Estava na aula do Telmo, fui jogar um papelzinho no Mansur. O papel tomou outra direção, levantou e...pimba, na nuca do Telmo. Ele se virou devagarinho. Encostou-se na mesa e perguntou: “Quem fez isto”? Silêncio. Quase ninguém tinha visto o que ocorreu, estava todo mundo de cabeça baixa copiando o que o Telmo escrevia. Lembro-me que, à minha direita, Adriano fazia uma cara debochada e um sinal com a mão, expressão de que eu ia me dar mal... Silêncio. Telmo continuou: “Se o responsável não se apresentar eu divido a nota da turma pela metade.” Diante de seus “argumentos”, chegamos a um “consenso”. Eu levantei a mão e fui mandado esperar o fim da aula na diretoria. O mais difícil foram os minutos em que arrumava minhas coisas para sair da sala. Que eternidade. A aula parada, esperando eu sair. Voltei a respirar quando saí e fechei a porta. No hall da diretoria, esperava Telmo. Ele chegou e disse: “Ah! Você! Pode ir, já valeu ter levantado a mão e assumido o que fez.”

Além desses “causos”, o que guardei do Aplicação? Entre muitas coisas, a mais preciosa foi a “crítica”. No Aplicação, acho que tudo, ou quase tudo, era colocado em discussão. Quatro matérias foram marcantes para mim: Física, Química, Biologia e... Educação Física. Engraçado, eu gostava das matérias como Geografia e História. Não esqueço dos professores dessas áreas, do “Gardelon”, do Toninho, do Telmo, do Adolar, da Maria Adélia. Mas parece-me que o método de ensino mais democrático estava nas outras matérias. Talvez porque nas matérias das “humanas” a riqueza já estava no próprio conteúdo e no viés de esquerda com que era abordada a História. Na Química, Física, Biologia e Educação Física, minha impressão é que o que estava em discussão era a própria aula. Na Química, “Milagre”; na Biologia, Loraine e Beatriz; na Física, o Luís Fernando; na Educação Física, Barreto. Em todas essas matérias, o que foi sedimentado em nossos comportamentos durante todos aqueles anos foi a familiaridade com o diálogo. Além das normas disciplinares, o poder do professor era construído sobre sua competência e sobre o consenso. Havendo um rumor de insatisfação, parava-se a aula, fazia-se um círculo com as cadeiras e lá estávamos nós, discutindo o problema.

A partir dessa prática, criaram-se movimentos maiores. Um ano, mudaram minha turma de sala pela primeira vez. Tivemos a idéia de fazer um “piquete” na volta do recreio em frente à antiga sala, agora ocupada por uma turma mais nova, e entramos todos lá dentro. A sala entupiu de gente com as duas turmas, e assim “manifestamos” nosso descontentamento. Os professores tomaram conhecimento do caso e, dias depois, chamaram nossos representantes para ir debater a questão com a outra turma. Não me lembro dos nossos argumentos mas como a outra turma não tinha muita vontade de resisitir à nossa reivindicação, conseguimos voltar para nosso antigo lugar.

Entre muitos outros acontecimentos significativos, houve um movimento de difusa insatisfação com a forma como

eram dadas as nossas notas. Fizemos uma pequena passeata pelas escadas. Nosso movimento parecia-me meio mixuruca, mas sinto que os professores acalentavam uma atitude que pudesse reeditar um maio de 68. De fato, a reação deles pareceu-me desproporcional à nossa ação: houve uma verdadeira revolução no Colégio. Passamos a ter uma avaliação que era feita junto com o professor, “cara a cara”, quando podíamos argumentar na hora em que a nota era assinada. Até hoje não encontrei no espaço público um momento tão refinado de democracia como aquelas avaliações.

Para mim, relendo o pouquinho de coisas que escrevi sobre aqueles anos, o Aplicação foi uma escola para a democracia. Se lembrarmos que vivíamos em meio à ditadura militar, o que nossos professores nos ofereceram não foi nada fácil de ser realizado. Sabe-se que os povos acostumados à liberdade são os mais difíceis de serem dominados quando tiranos tomam o poder. Seus costumes e sua educação não conseguem aceitar qualquer espécie de autoritarismo porque a sua memória não esquece os bons tempos de liberdade. Não sei por onde andam meus colegas, dos quais tenho muita saudade, mas tenho a certeza que por onde andar um ex-aluno do Aplicação, qualquer espécie de autoritarismo terá entre seus oprimidos ao menos um conspirador.

Os anos cinza

(Para ler ouvindo "The Wall")

Ney Lemke

E lá estávamos nós na sala de aula em frente ao videocassete, uma maravilha da tecnologia que acabara de ser lançado, mal sabíamos nós que em alguns minutos seríamos ejetados de nossas confortáveis ignorâncias para o amargo mundo existencialista. O Celso, com sua voz calma e seu jeito pacífico, resolveu bombardear os nossos muros interiores com o "The Wall".

O filme havia sido lançado alguns anos antes e ainda passava esporadicamente na extinta sessão da meia-noite do extinto Bristol, mas eu não havia ainda chegado lá, naquela época eu não havia chegado a lugar nenhum. Assim fui assistir com a alma despreparada, sem defesa, à fantasia pessimista do Roger Waters. Entre marteladas e encenações ritualísticas do ato sexual, ainda pudemos aprender a cantar: "Teacher, please leave the kids alone!".

Depois fomos discutir o significado de todas aquelas metáforas, obscuras e terríveis, sobre a guerra, a angústia, o desespero, o sexo, o existencialismo e o velho Sartre. (Ele bem poderia ter-nos contado que ele transava com a mãe, o safado, mas isto já seria demais para os anos 80).

Outro dia, para completar, ele nos levou para assistir à encenação de "Entre quatro paredes" do mesmo velho safado.

O que despertou em mim uma terrível febre existencialista, que ainda tem suas recaídas mesmo 20 anos depois. Varri as bibliotecas e li a "Náusea", a "Idade da Razão" e segui lendo "A Peste" de Camus e sei lá mais o quê. A verdade é que eu nunca entendi, nem naquela época nem hoje, o existencialismo nem consegui contextualizar Sartre na história do pensamento ocidental, mas sempre li com prazer Filosofia e consegui arrancar dela a ampla perspectiva que devemos ter em mente quando encaramos as grandes questões da vida.

O meu destino foi traçado quando fomos assistir a uma palestra do Alfredo Aveline, no longínquo Campus do Vale, nessas mesmas aulas de Filosofia.

O Aveline nos apresentou a Mecânica Quântica, com seus mistérios, com sua matemática intrincada e eu fiquei maravilhado. A Física, com seu pragmatismo implacável, com suas finas certezas, era uma poderosa arma filosófica, com ela podíamos cortar os nós górdios que a livre especulação não desatava. O Alfredo acabou por abandonar a Física e virar Lama, eu acabei por me tornar físico.

A carreira de um físico no Brasil possui três estados possíveis: aluno, professor e desempregado. Considerando as terríveis dificuldades financeiras implicadas pelas duas outras opções, acabei por me tornar professor. A vida de um professor de Física é cheia de perigos e desafios, que incluem conseguir pagar as contas no final do mês e não ser alvejado por nenhum projétil de grosso calibre atirado por um aluno raivoso. Nessa profissão, amaldiçoada pelos deuses, é vital ser capaz de improvisar, iludir, entreter, se movimentar (essencial, para evitar que os alunos durmam), em resumo, atuar.

Assim, se o Aplicação teve sua parcela de culpa ao me atirar nela, pelo menos me deu as ferramentas necessárias para suportar o tranco. Além da formação básica sólida, acredito que os vários anos de teatro foram imprescindíveis para que eu conseguisse sobreviver na profissão.

Não poderia deixar de mencionar um pequeno caso para completar. Na nossa época de alunos, nossa principal atividade coletiva era a tortura de estagiários. Nos deliciávamos com o

pânico que podíamos gerar naquelas pobres criaturas de Deus, seja empilhando classes na entrada, matando a aula em conjunto, promovendo guerras de bolinhas de papel ou organizando ataques de aviõezinhos. Com o Hermes, não foi diferente, pois além de negro ele era professor de Teatro, matéria que julgávamos, na melhor das hipóteses, irrelevante. Mas passadas as turbulências iniciais passamos a respeitá-lo e a admirá-lo pela firmeza e pelo seu amor ao teatro. Anos mais tarde nos encontramos mais uma vez, agora como companheiros do movimento estudantil, eu representando a Física e ele o curso de Teatro.

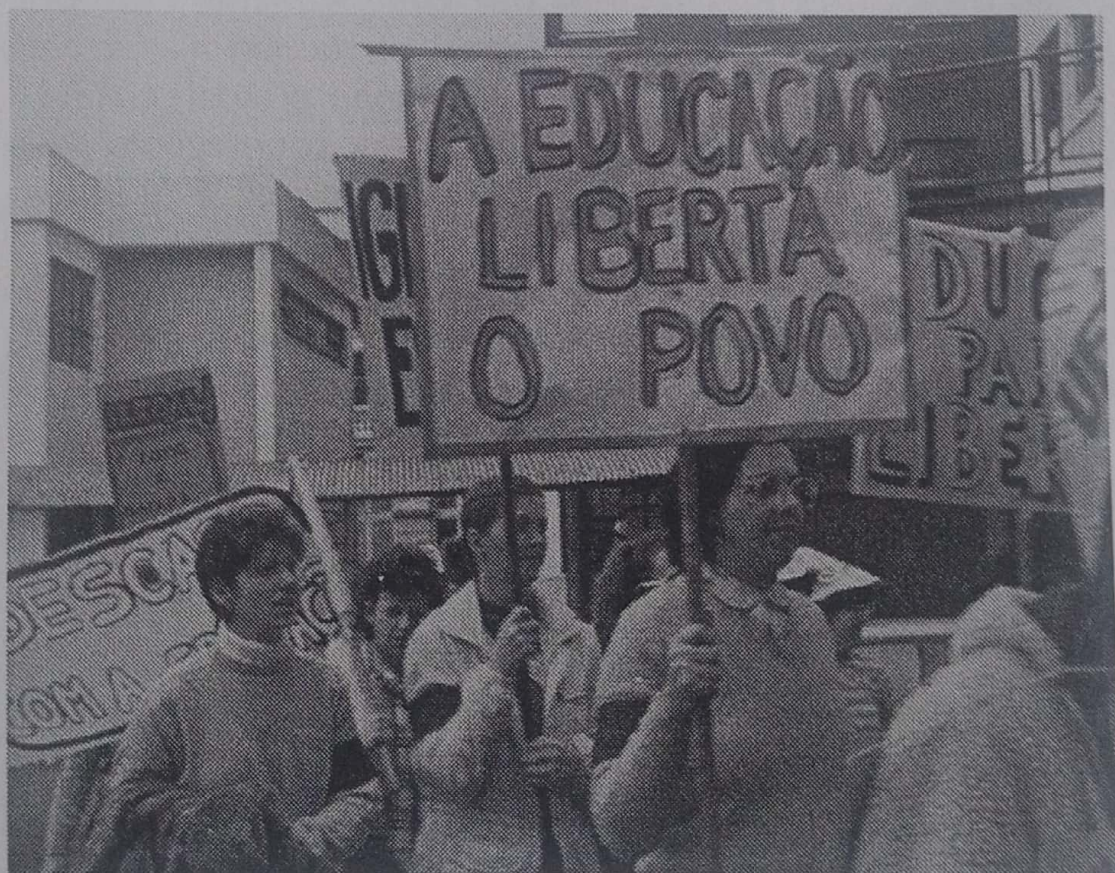
Nessa época eu torturava petistas, que dominavam com mão de ferro o movimento estudantil, com a ironia impiedosa que o Diabo me deu. Ele assistindo enternecido as minhas extravagâncias juvenis, me disse: "Para ti, tudo isto é um grande teatro". Eu só pude concordar. Através desta singela homenagem ao Hermes e ao Celso gostaria de agradecer a todos os nossos professores e estagiários que corajosamente colaboraram por nos tornar pessoas melhores. Mas sucesso não se conquista apenas com coragem e com empenho pessoal, é fundamental a existência de instituições sólidas que congreguem nossos esforços individuais. Desejo sinceramente que o Aplicação possa completar outros 50 anos mantendo todo o seu vigor.

PS.: Não, eu não vou contar quem ligou a mangueira de incêndio e inundou o prédio da Faculdade de Educação, nem revelar os apelidos secretos dos professores, muito menos todos os detalhes sórdidos de nossa excursão para Iraí.

PPS.: Iraí foi sacanagem, acho que a cidade não via tantos adolescentes juntos há pelo menos 50 anos. Mas vá lá, não foi tão traumático assim.



Visita de alunos de 5ª série à Prefeitura de Porto Alegre, 26/05/1981.



Caminhada realizada em 12 de junho de 1984.

50 anos de Aplicação 31 anos com o Aplicação

Fernanda Luiza Fontoura de Medeiros

*M*inha história com o Colégio de Aplicação é tão antiga quanto a minha própria existência. Muito tempo antes de meus anos escolares já circulava pelos corredores do Colégio, mesmo que ainda em fase de gestação. Algo meio profético, predestinado? Quando me apresentaram a oportunidade de contar “se valeu” estudar no Aplicação, o meu primeiro pensar foi: aprendi a ler lá! Tive a honra de pertencer à primeira turma de primeira série do primeiro grau, assim como o Eduardo Eizerik (meu companheiro de sonecas) e tantos outros que continuaram a jornada, juntos ou em outras praias. Fiz parte da primeira Alfa 1! Penso que isso já conta como história, não é mesmo?

O Aplicação representou para mim muito mais do que uma instituição de ensino ou um conjunto de professores e disciplinas que se preocupava com o aprender a aprender, com o aluno, com a autonomia, com o pensar independente. O Aplicação é quase mais que uma seita e, paradoxalmente menos que uma, é um jeito de ser. A marca, a boa marca, a marca que nos dá liberdade, é para o resto da vida. Os anos que passei por lá e as pessoas com as quais convivi são importantes, de alguma maneira, até hoje.

Aluna do CAp/UFRGS de 1979 a 1989, Advogada, Mestre em Direito e Professora dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Recordando os anos passados na Rua Paulo Gama s/n.º, e vejam como esse “sem número” é relativo em nosso situar-se no mundo, viajo no tempo e ingresso nas aulas de Matemática da Fátima, que lutava para nos fazer compreender a emoção do *Báskara*, ao desvendar a sua fórmula. Não decorem, dizia ela. Entendam! E essa emoção se repetia na trigonometria, ou quando brincávamos com modelos geométricos de plástico para sermos capazes de entender a equivalência do volume entre as mais diferentes formas e tamanhos.

Aprendemos a “pensar rápido” nas aulas do Milagre, fosse quando nos achávamos renomados cientistas no laboratório, fosse quando nos desviávamos de gizes voadores ou mesmo de um apagador certo para despertar a atenção. Na Química, ainda aprendemos mais com a organização das pastas da Beatriz e os seus rígidos prazos de entrega (noções de responsabilidade e tempo que hoje são essenciais em minha vida).

As aulas de Geografia, que maravilha, imaginem aprender sobre o aumento da temperatura do mundo em razão das alterações climáticas ou mesmo do derretimento das calotas polares, como a famosa “operação gluglu”, como nos ensinava o Rivera. Isso sem falar nas saídas de campo com o Antônio Carlos, que nos levava de Iraí a Bom Jesus com a mesma disposição, alegria, companheirismo e boa vontade com os então “aborrescentes”, transformando um possível enfadonho estudo em um divertido ecoturismo. Garanto que eu aprendi muito mais nessas viagens do que em mil horas em sala de aula. Senti que há espaços ricos e carinhosos para aprender a aprender para além da estrita sala de aula. Sentimos na presença do César e do Adalberto, por exemplo, que há aulas em outros espaços!

O Cordeiro me ensinou muito mais do que Biologia, com ele aprendi a significado de prefixos e sufixos. “Pensem e pesquisem, pois na próxima aula vão ter que trazer uma palavra nova e explicar o seu significado” (e lá vinha a ansiedade por falar em público).

E nessa hora nos aproximamos tanto das aulas do Tadeu e da Ana na busca pelo entendimento dessa nossa língua tão complexa, seja em um seminário com um autor de renome, seja discutindo e debatendo nossos próprios textos.

As aulas de Educação Artística renderam quadros que hoje “embelezam” as salas da família toda, mas foram mais do que telas, serigrafias ou brincos de latão (que, aliás, só perdi-am para as penas de pavão!). Aprendemos a acreditar nas técnicas e, o mais importante, a acreditar em talento. E falando em arte, como esquecer das aulas de teatro da Olga, mesmo quem não privou de suas aulas-vida, da experiência de viver outras vidas com gente que levava a sério as nossas divertidas tentativas. “Siga seu coração” era a peça mais famosa da nossa turma, só guris em um roteiro incompreensível. Sem falar na releitura muito particular de *A Megera Domada* na qual orgulhosamente atuei. O Aplicação tinha para mim um cheiro (é, cheiro, sim!) especial, um cheiro aberto ao respirar profundo, ao poder perceber outros cheiros, o de perguntar, de questionar, de problematizar e de poder contra-argumentar.

Mas o Aplicação ainda é muito mais. As nossas experiências não se resumiam às atividades do pensar. O pátio do colégio (o nosso Ginásio esportivo) era o palco para as aulas da Cláudia que tentava colocar o nosso corpo em ordem, além de despertar o prazer pelo esporte que incentivava nos inscrevendo para competições e rústicas cidade a fora. Claro que os guris vão ter lembranças do Barreto, do Moisés e do Osvaldo, dos jogos de futebol e das corridas na Redenção, nós, gurias, lembramos dos guris de calção!

Nas aulas de História, o Telmo (o único a me chamar de Fernanda Luiza) e a Maria Cristina faziam milagres entre a história do Brasil e do Mundo. “Aprendam a escrever com início, meio e fim e não esqueçam a pontuação no caminho”. Provas longas, exigentes, mas aprendemos e fugimos à tentação de pensar que primeiro vieram os gregos, depois os romanos, depois os fenícios até chegar aos brasileiros em uma incrível

linha do tempo! Ah, a Paré, com seu acolhimento irrestrito, seu em aceitar o outro, o diferente em cada um de nós. Sem esquecer do Celso e da “sua” Agapan e, hoje, meu trabalho acadêmico e político em Direito Ambiental.

Ainda, o Bar do Antônio! E as emoções continuam. Essa viagem da alma propicia o reviver de muitas experiências. No Aplicação, aprendi a conhecer e a entender as coisas, a tentar entender o mundo, aprendi a dividir, aprendi a compartilhar, aprendi a discutir e a argumentar. E viva o Conselho Participativo, o colégio mais habermasiano de Porto Alegre, era impensável e incrível o que nos era propiciado: um dia inteirinho para que conversássemos com cada um dos professores sobre o nosso aprendizado, sobre a nossa evolução e sobre a nota que merecíamos, haja democracia e viva a teoria da argumentação. Nesse processo argumentativo, e dê-lhe argumentação bem fundada, entramos no discurso, no modo de fazê-lo e, com isso, emergia o senso crítico e o discernimento como um desenvolvimento precoce em nossas vidas. Como diz o Flávio (o Pillon), “e é desse viver que carregamos as marcas indeléveis do sentir, perceber, conhecer. O conhecimento duradouro de quem aprende a descobrir, e não somente assiste ao que é apresentado; de quem é ao raciocínio, e não somente busca meios miticamente infalíveis de conseguir os resultados; aprendemos a pensar, e não somente aceitar”.

Lembramos disso com vivacidade, com emoção, sendo afetados pelo que expressamos e sentimos por termos tido o privilégio de desfrutar não de uma rotina de aprendizado sequencial restrito às “cartilhas”, mas de um ambiente amplo, aberto, desafiador, sensorial e emotivo também (talvez daí nossas reminiscências tão claras e tão intensas). A vida fez sentido duplamente, em aprender a conhecer e viver, atividades humanamente inconcebíveis de experimentar em sua máxima expressão quando abordadas separadamente. Sorte (será só isso? Creio que não!), portanto, tivemos. Aprendemos a crescer e a ser.

Muitos outros professores viveram conosco essa experiência incrível de ser Aplicação. No Colégio, eu recebi muito, descobri muito mais do se espera. Fiz amigos que são para vida toda. Fiz amigos que foram uma vida toda e que, mesmo distantes, ainda estão lá bem próximos da alma. Mas o Colégio foi mais do que um palco para amizades e estudo, encostados nos carros do estacionamento aprendemos a namorar ("ficar" para ser moderna) e, no meu caso, aprendi a amar. No Aplicação conheci meu companheiro de vida, colega que vinha depois de mim na chamada e vive ao meu lado até hoje.

Esse depoimento, vem truncado, vem confuso, porque enquanto escrevo lembro do André Cebola, lembro do Jarbas, do Dante, do Eduardo Veiga, lembro da Mariana, da Juliana, da Ângela (minha amiga querida), do Rafael e do Marcos, do Eliandro, do Angico, do Luis Felipe, da Carla e Da Lúcia Izabel, da Viviane e da Carolina, lembro do "Bidu" – a publicação que sofreu censura, mas que chegou a quatro edições. Lembro da Cristininha, lembro da CACA, das Olimpíadas e agradeço a Deus por ter tido essas oportunidades e poder dizer hoje, com orgulho, me formei no Aplicação em 1989, me formei naquele sentido nietzschiano de buscar ser o que se é. É com esse compartilhar de emoções, de desejos, que quero dar meus parabéns a vocês pelos anos que passamos, assim como pelo que construímos juntos! Obrigada, Aplicação! Valeu!



Após trabalho de campo em Gramado, alunos num Café Colonial em 1989.

Tempos do Aplicação

Eduardo Vêiga

Ah, como me faz rir e feliz os tempos do colégio em que estudei.... Sou aluno do Aplicação desde a primeira série, a chamada ALFA I. Sou que nem um rato de laboratório, parte de um experimento que deu muito certo! Logo, se eu fosse contar todas as lembranças do colégio eu faria um manuscrito, é matéria para fazer uma tese, com vários capítulos... Mas como devo ser breve, pois se não você, leitor, pula para um outro conto. Neste vou tentar relatar a história de uma excursão... Não sei se devo citar nomes, mas o caso é o seguinte. Fomos para uma cidade do interior do RS, chamada Iraí. Que lugar longe aquele, cheio de índios, ametistas e outras pedras, um calor danado! Éramos adolescentes, logo, nossos mestres eram responsáveis por nós, e ficou bem claro que depois das 10 horas da noite todo mundo pro quarto para dormir. Nada de ficar se agarrando com as gurias, nem drogas e tabaco! Como era normal, tinha duas turmas por ano no colégio na mesma série e viajavam juntas, a outra turma era mais problemática no contexto bagunça, sexo, drogas e rock'roll! Nossa turma era conhecida como a dos certinhos.... Ficamos em 4 colegas no quarto: Eliandro, João, Sérgio e eu, Eduardo. Aquela noite quente pedia uma cerveja bem gelada, falei com meu amigo Luciano que estava no quarto ao lado. As 10 horas foi dado o toque de recolher, e os professores passaram de quarto em

quarto... Nós demos uma meia hora e pulamos a janela do quarto para a rua. Saltamos uns 3 metros de altura, era o segundo pavimento, mais alto que esperávamos. Caímos num matagal, ralamos os joelhos e conseguimos sair a pé pelas ruas vazias à procura de um *buteco*! Achamos um bolicho cheio de cara mal-encarado. Chegamos lá e mandamos descer umas 4 cervejas. Fumei um cigarro a granel mata-rato - apenas para ficar me fazendo pra umas gurias numa mesa do bar - ficamos meio tontos, e nesse meio tempo houve um desentendimento, pois estávamos olhando para a namorada de um dos boêmios locais. Logo pagamos nossa cerveja e fomos embora de fininho. Encontramos nosso amigo de apelido Angico (pela procedência, pelo bafo de onça e chatice - xarope angico pelotense), ele com certeza também tinha fugido do hotel! Ele tinha encontrado um outro boteco e estava mais bebum que nós... Convencemo-lo a ir embora para dormir, pois era tarde. Fomos abraçados cantando pelas ruas vazias. Quando voltamos, cerca de uma hora da manhã, ao entrar no hall do hotel, deparamos com o professor Rivera a assistir à televisão junto à recepção! Fomos ganhos na tampinha! Meu amigo Luciano, achando que não tinha sido visto, se pôs a correr em direção ao corredor que dava acesso aos quartos. Pelo estado de embriaguez, chocou-se contra uma porta de vidro, a qual esfaqueou-se, acordando grande parte da gurizada. Zoeira total! E uma advertência para nós três, carta para os pais e tudo o mais. O brabo mesmo foi chegar no quarto e ter mais 3 colegas ainda acordados em plena flatulência. Um deles se deitava na cama ao lado do ar condicionado e ligava o aparelho para espalhar o mau odor! Daí, guerra de travesseiro era mingau. Ríamos muito, até que chegava um professor e pedia silêncio, pois já passava das 3 e no outro dia a gente tinha tarefas às 8 da manhã! O resto fica por parte dos meus queridos colegas relatarem!

Retrospecto

Tatiana Gischkow Golbert

É sempre com carinho que me recordo dos meus anos no Colégio de Aplicação. O tempo passou e já sou quase uma balzaquiana, entretanto o afeto pela instituição permanece incólume. Por isso, recebi com muita alegria a notícia da festa de cinquenta anos da escola.

A solenidade superou minhas expectativas. Reencontrei grandes professores, verdadeiros mestres. Aproveitei a oportunidade para renovar meus agradecimentos.

Sim, porque se hoje eu e meus colegas somos pessoas bem-sucedidas é porque nosso potencial sempre foi destacado pelos amigos professores.

E, se nos tornamos líderes naturais, é porque não aceitamos respostas prontas e não tememos o debate.

E, se conversamos com superiores, respeitamos, mas não deixamos de explanar sobre nossas opiniões.

Tudo isso é fruto dos nossos privilegiados anos no Colégio de Aplicação.

Mas, a escola me deu mais.

Me concedeu grandes amigos, irmãos, confidentes. A relação com os colegas é realmente comovente. Os laços são tão fortes que nossos maridos e esposas já se tornaram amigos e também sentem orgulho de integrarem a "Turma do Aplicação".

Ah, e se cursei Ciências Jurídicas e Sociais não foi por não gostar de Física, Química ou Matemática, mas porque o Direito me encanta.

Sinto saudades dos anos em que lá estudei. No entanto, não me recrimino. Acontece que aproveitei cada minuto na escola.

E, os frutos daquela época me confortam.

A dívida com os mestres será eterna.....

Os amigos que conquistei também.

Bom, mas chega de sonhar, se bem que recordar é viver.

Parabéns a todos nós, e até a próxima!

Era uma vez, no Aplicação...

Lisiane Alvim Saraiva

O ano de 1997 embora não esteja tão distante, também não está assim tão perto. Exatamente nesse ano, no dia 19 de dezembro, mais uma turma encerrava o Ensino Médio e se despedia do Colégio de Aplicação. Estranha sensação! Aquela escola que fora ambiente diário na vida de tantos alunos passaria a não mais fazer parte do cotidiano. Aqueles tantos alunos, amigos, quase irmãos que cresceram juntos já não mais se encontrariam diariamente, não mais dividiriam a mesma sala de aula, as mesmas conversas de recreio, a mesma cancha de vôlei ou futebol...

Novas portas se abriam e o futuro parecia não pedir licença para chegar. As sensações de despedida traziam consigo uma ansiedade pelo vestibular que estava por vir. Éramos apenas mais uma turma passando por um momento de finalização, de etapa encerrada, de dever cumprido.

O fato é que quem sai do Aplicação nunca o deixa realmente. É incrível a força dessa escola na vida de todos que tiveram o privilégio de nela estudar. Quem passou por suas salas de aula compreenderá esses sentimentos. O Aplicação é único. Os valores que aprendemos ao longo de 11 anos de convivência talvez só puderam ser realmente dimensionados agora, quando, adultos, entendemos e ressignificamos nossa

infância e adolescência. As turmas do Aplicação serão sempre turmas do Aplicação...não importa se já se passaram dez, vinte, trinta anos! O sentimento de pertença, a sensação de ter um grupo, de crescer quase que em uma família escolar fica para sempre.

Assim os anos se passam e vamos vendo nossos queridos colegas se tornarem trabalhadores responsáveis e dedicados, de terno, gravata, jaleco... mas teremos sempre a intimidade de nos aproximarmos e relembrarmos espontaneamente algum momento divertido da época do colégio. Poderemos sempre resgatar dentro de cada um aquele colega de todo dia, que fugia da Marina para ver os cadáveres do necrotério, que tinha medo do homem do Sim-sim-sim (será que ele ainda existe?), que fazia os almoços no Bar da Filô, que descia para o recreio escorregando pelos corrimãos das escadas... Isto tudo porque o Aplicação une! Ninguém sai do Aplicação e o esquece. Isso é muito simples! Levamos sempre o espírito de grupo, o respeito, a capacidade crítica, questionadora e instigante que aprendemos com nossos professores.

Quem sabe agora seja possível compreender o porquê de não termos tido livros didáticos. O Aplicação não era uma escola formatadora de mentes. Ele não visava informar, mas sim formar. A liberdade fora sempre intrínseca ao nome desta escola, desde o espaço físico até o espaço psíquico. Não havia grades, não havia divisões. Nossos limites eram dados por nós mesmos, mas nossas mentes eram sempre estimuladas a criar, a alçar vôos. E assim o fizemos...

Ao encerrar o colégio tivemos que voar para mais longe, fomos em busca de novos horizontes. No entanto, o longe do Aplicação nunca ficou assim *tão longe*! Muitos de nós retornaram à escola, participaram das festas juninas, ou apenas passaram para dar um oi, rever os professores, ver como estava tudo, relembrar momentos de vida, momentos da vida.

Lembro-me, ainda, da tristeza que muitos de nós sentiram ao verem nossas canchas do colégio antigo (aquele do Campus Central) povoadas de carros. Aquele espaço tão nosso, que servia como palco para OCAS, brincadeiras, jogos,

namoros era agora um estático estacionamento. Mas tudo bem! Ganhamos um novo espaço...um pouquinho mais longe, é verdade, mas que mantinha, mesmo que em ambiente tão diferente, a essência do Aplicação. Esta não muda jamais! Não sofre a influência do tempo, do prédio, do local... A essência do Aplicação, a saudade, o afeto estarão sempre presentes e muito bem guardados dentro de seus alunos.

Talvez seja difícil, para quem nunca experimentou ou não teve a sorte e a alegria de ouvir seu número sorteado para ingressar nessa escola, figurar a sua importância e o seu valor. Mas, como estamos *"em casa"*, *"em família"*, é possível arriscar concluir que aqueles que compartilharam do espaço, da vida do Aplicação levarão para sempre uma marca...ainda que hoje esta seja uma mescla de saudades e presenças!



Visita dos alunos às obras do novo prédio do CAp em janeiro de 1985.



Viagem à Colônia de Férias da UFRGS, Tramandaí, em outubro de 1995.

Colégio de Aplicação: comunidade & democracia

Nelson de Boer Moussalle

Democracia e comunidade são alvos de discussão no mundo. Esta está em voga por causa do cenário econômico mundial, que requer a união de Estados antes soberanos e agora dependentes de acordos de auxílio mútuo. Já aquela, milenar, ensejou há pouco uma guerra (sem sua anuência/ciência, mas em seu nome!?). Entretanto, questões estão em aberto: como se constrói uma comunidade e como se desenvolve a idéia/sentimento de democracia? Pois o Colégio de Aplicação é um exemplo vivo da consolidação dos dois institutos essencialmente sociais apresentados.

De certa forma, os casos aqui apresentados dizem respeito a eventos ocorridos com ou na presença daquele que escreve, durante e depois de minha passagem pelo Aplicação (algo em torno de 15 anos, pouco mais de 1/3 da vida do colégio). A intenção não é dissertar sobre os significados dos conceitos apresentados, mas partir de uma noção básica e explorá-los com situações fáticas, naturais e comuns e que, somadas, formam o diferencial que sempre consagrou a grife CAp. O reflexo do trabalho desenvolvido possui um alcance por vezes difícil de ser percebido, e uma jornada na busca de relações de causa-e-efeito das situações ocorridas no dia-a-dia pessoal e/

ou profissional apontam para a impossibilidade de determinadas coisas ocorrerem por acaso.

Dito isso, é mister antes de passar para a parte prática lançar os parâmetros de consideração pelos quais deverão ser entendidos 'democracia' e 'comunidade'. Para fins desta explanação, guiaremos o primeiro conforme vem entendendo a sociologia crítica hodierna, na figura do português Boaventura de Sousa Santos: não há que se falar em democracia sem se falar em participação. *Bueno*, mesmo parecendo simples, esta constatação demorou para ser feita. A questão é entender como evoluiu até chegar ao óbvio. Pois bem, no começo, surgiu em filosofia o conceito de igualdade, que consistia em tratar os iguais igualmente e os desiguais desigualmente. Isso os gregos antigos, por Aristóteles, procuravam firmar. A diferença é que lá a desigualdade era negativa, ao passo que atualmente é positiva. Explico: na Grécia eram dispensados direitos dos desiguais (em sua maioria mulheres e os não-cidadãos – escravos, estrangeiros), enquanto que a briga hoje é para gerar garantias para o mesmo grupo, através de ações de inclusão social (muito embora algumas sejam desmedidas).

Mesmo no meio dos gregos já havia um esboço de o que era participação, vez que uma das maiores expressões de sua filosofia acabou morto por levantar essa bandeira. Falo de Sócrates, aquele que não fazia distinção entre governante, escravo, velho, sofista ou jovem. O mesmo sujeito era gênio pelo fato de, entre outras capacidades, compreender que nada sabia, e também buscar conhecer-se a si mesmo. Aliás, Sócrates não se fazia de rogado para uma conversa, e acabava induzindo seus interlocutores a percorrerem o caminho que ele próprio fazia todos os dias – passar um olhar para dentro de si e certificar-se de que aquilo que se pensa é aquilo que se sente. Tal exercício é muito bom, ainda hoje, quando se discute a condição de ser no mundo do sujeito e das coisas, e para a Medicina na busca dos caminhos e limitações psíquicas do Homem (se é que esse animal tem limites, no bom sentido).

Voltando ao tema proposto, deve-se entender que democracia hoje só existe se for *pluralista e participativa* face ao multiculturalismo gerado pela globalização. Enquanto isso a igualdade deve ser encarada como o ensinamento de Rui Barbosa: tratamento igual aos iguais e desigual aos desiguais, *enquanto eles se desigualam*.

Já o segundo (comunidade) deverá ser assimilado com uma concepção restrita, com um quesito: o agente comunitário ter algum vínculo com o Colégio de Aplicação, pois, afinal de contas, o trabalho é em homenagem à instituição cinquentenária. Em outras palavras, comunidade aqui é o *grupo de pessoas que, nos últimos 50 anos e nas primaveras que estão por vir, passaram ou passarão pelos corredores do CAp, sejam eles professores, alunos ou funcionários*.

Firmado o entendimento, vejamos as histórias enfim. No Aplicação, é bom que se registre e entenda, as principais lições não são ensinadas (passando, pois, longe do quadro-negro). Os ensinamentos mais importantes são vivenciados, e não por acaso mais bem fixados. Interessante destacar que não são deterministas, eis que a habilidade dos que o dirigem permite a flexibilização conforme o avanço da sociedade. Não há imposição de regras, mas busca de um denominador para cada caso a partir de conceitos maleáveis/manejáveis. Aprende-se a errar, cair e perder, pois o pior que pode vir a ocorrer na vida é errar, cair ou perder – e isso nos é ensinado ao longo da vida escolar – lidar com as situações delicadas.

A minha história no colégio começou cedo, na saudosa Alfa III. Participei de uma experiência *sui generis* em termos de compreensão daquilo que vem a ser um organismo social: nossa professora comandou a criação, partindo do zero, de uma cidade. Nela, foram criadas normas, cargos, profissões, espaços, horários, cultura, comércio, impostos e tudo o mais. De que forma? Isso mesmo, nas estritas vontades e deliberações da classe. Estava criado o conceito de democracia participativa. Descobria com meus colegas, aos nove anos de idade, aquilo

que muitas pessoas costumam a assimilar ao longo de uma vida – interessante do ponto de vista fenomenológico.

Passados os anos (até hoje ninguém ainda me convenceu dessa necessidade de o tempo passar e nos carregar junto, que coisa!), deparei-me com outra experiência típica de uma escola avançada: o sistema de avaliação. Nada daquela frieza de determinação do desempenho tão somente pela análise amorfa de notas de prova. Afinal, um aluno do Aplicação não busca uma nota, busca um conceito. Conceitos são subjetivos, mas critérios que possibilitam o entendimento e a construção dos mesmos concedem chances iguais para todos atingirem o máximo (ou o seu máximo, o que por vezes já é uma vitória). O sistema é interessante por se caracterizar em uma conversa entre avaliador e avaliado, em que é possível transigir ou, em caso de concordância mútua do resultado, entender o porquê daquele entendimento. Eis o fator diferencial, uma vez que se é verdade que o nosso mérito é julgado de forma objetiva, também é verdade que a nossa capacidade de persuasão contribui muito para uma tomada de decisão acerca do nosso aproveitamento, em qualquer esfera.

Além disso, a estrutura do texto demonstra a seriedade com que os professores expõem os seus sentimentos com relação ao aluno avaliado. Inicia-se com o nível de desempenho verificado no período, a seguir é justificado/fundamentado o nível atingido, com considerações acerca das qualidades a serem mantidas e dos defeitos a serem corrigidos, passando por questões administrativas (pontualidade, assiduidade) e finalizando com a indicação daquilo que deverá ser feito para melhorar ou manter o nível de desempenho, sob pena de não aprovação ou estagnação. Isso tudo de forma exemplificativa (quando necessário) e exhaustivamente esclarecido, para que o aluno possa dar o seu consentimento. Nada mais participativo e democrático do que integrar o processo de avaliação com direito à voz e, conforme o caso, voto. Em suma, a busca é sempre pela excelência, sendo que nós aprendemos o que é bom não para sabermos o conceito de 'bom', mas para sermos bons...

Houve certa época, em outro momento, que o Serviço de Orientação Educacional não era suficiente para segurar meus ímpetos juvenis, sendo necessário o encaminhamento dos casos direito para o Diretor (não por acaso o mesmo até hoje). Na primeira vez que lá fui mandado quase morri, pois ao ver aquele baita homem de quase dois metros de altura pensei: estou frito. Eu o encarava com medo e ansiedade, pois o seu rosto sisudo era pouco convidativo a amizades. Isso, logicamente, até ele se pronunciar. Neste instante, era possível sentir o brilho de uma pessoa predestinada a ensinar e a guiar e, a partir daquele encontro, a sala do Diretor deixou de ser uma ameaça para se tornar uma espécie refúgio. Nunca me esqueço das palavras de apoio: "*Nelson, quando pensares em fazer algo errado, ou perceberes que já o fizeste, me procura imediatamente!*". Tão grande voto de confiança não era exclusividade, e a funcionalidade disso não deixou a desejar para a proposta. Transitar pela direção fazia com que tivesse a oportunidade de aprender um pouco da linguagem do poder e a sua estrutura organizacional. Isso é importante, pois a partir desse novo paradigma foi possível entender que as coisas possuem um sentido, não são feitas à-toa nem tampouco de forma isolada. Essa noção de cadeia das relações e funções constitui-se ainda em uma grande arma contra as vicissitudes da vida profissional.

É importante que se diga o seguinte: os professores não estavam preocupados em ministrar aulas e realizar verificações, mas em construir laços e forjar o caráter de cada um. A segurança de uma pessoa se acostumar a falar de igual para igual, com respeito, com outro hierarquicamente superior permite o uso disso para fortalecer o senso profissional. Sabe-se que as empresas buscam pessoas que sejam autônomas e possam identificar, transmitir e resolver problemas. Para isso, elas têm que saber falar. E dialogar é o que mais se faz no Aplicação.

No entanto, diálogos muitas vezes não bastam quando não precedidos de determinadas ações. Sabe-se que em muitas passagens da vida de uma pessoa ela precisa mudar/evoluir. O

problema da sociedade é que parece existir uma força que nos puxa na direção daquilo que queremos deixar de ser. Houve um ano em que explodi em um dilema: sentia-me capaz de atingir um desempenho mais alto, mas atrapalhava-me com o comportamento, desviando-me do objetivo maior, que era aprender. Mais uma vez percebi uma oportunidade, eis que haveria ao cabo daquele ano sorteio para a criação de uma nova turma. Mudança de ares, novos colegas, novo contexto – poderia ter a chance de livrar-me de algumas coisas de que não gostava e agregar outras a que almejava. Foi difícil, mas consegui. Apesar de uma certa intransigência inicial por parte da administração da escola, quando finalmente ouviram as minhas sinceras razões e intenções permitiram a transferência para o novo meio, encerrando uma etapa e abrindo novos horizontes.

Ainda na questão do aprender vivendo, boa parte da minha história foi na sede do centro da cidade, junto à Faculdade de Educação. Isso fazia com que eu e meus colegas crescêssemos em um ambiente aberto, sem grades próximas e, devido à distribuição dos horários, prevendo dias de aula em dois turnos, a chance de, em grupo, desbravar as redondezas. A chance de perambular pelas ruas fora dos horários de aula intensificava o sentimento de liberdade, fundamental para o desenvolvimento humano e a fixação do caráter.

Outra questão relevante era a proximidade e por vezes participação com reivindicações sociais, sendo possibilitado o apoio com segurança garantida pelos próprios professores. Participar de uma manifestação popular e integrar o grupo dos ‘caras-pintadas’, na campanha de impedimento do Presidente da República com apenas 11 anos foi privilegiado. Essa sempre foi uma marca registrada: querendo, até das greves era possível um aluno participar. Lembro que em meu último ano como aluno, ao lado das preocupações com o vestibular, o meu grupo guardava aflição ainda pela ação sucateadora dos governos para com a instituição e seus membros.

A insistência também era ensinada. Ou persistência, melhor dizendo. Houve um ano em que deveríamos fazer uma

disciplina eletiva e, perante um rol de opções, uma nos seguiria ao longo do ano, fragmentando as turmas em pequenos núcleos. Pois bem, uma das disciplinas era coordenada por uma professora pela qual eu nutria um sentimento de haver falhado como aluno em outra oportunidade, quando matriculado em outra disciplina do currículo ordinário. Seria a chance, então, de tentar reparar o mal que supunha ter causado. No fim, a reparação acabou ficando além do esperado/planejado. É que somente eu havia me inscrito para uma determinada disciplina, o que causaria a extinção da classe naquele ano e o meu reenquadramento.

Entretanto, não admiti perder liminarmente e, advogando em causa própria (e sem saber, por interesses difusos até então obscuros) recorri ao Conselho de Classe e à Direção exigindo uma alternativa, eis que não nutria interesse por nenhum outro grupo apresentado. Ao cabo das discussões, foi-me lançado o seguinte desafio: a disciplina somente seria mantida se, e somente se (linguagem aprendida com um professor de Matemática ainda membro do corpo docente do colégio) eu inscrevesse mais um colega. Difícil, porque os grupos já estavam formados, porém justo. Então, com esforço, convenci um amigo a trocar de opção, e com isso a disciplina foi reaberta. Tenho certeza que a professora não se arrependeu da empreitada, pois além do trabalho sério desenvolvido ao longo do ano letivo, essa sobrevida garantiu a permanência nos anos subseqüentes. Certeza, sinto que na oportunidade anterior em que fui aluno dessa professora, se a havia decepcionado por qualquer via, estava recuperado depois dessa vitória. E a Sociologia permaneceu no currículo.

Assim como as narradas até aqui, muitas outras histórias permearam a minha existência enquanto aluno. Foram sem dúvida anos consagradores, que ensejaram o sentimento de sempre querer melhorar cada vez mais, em busca da excelência. Porém, o que deve ser acrescentado é que, em diversas situações no mundo universitário e profissional com que me

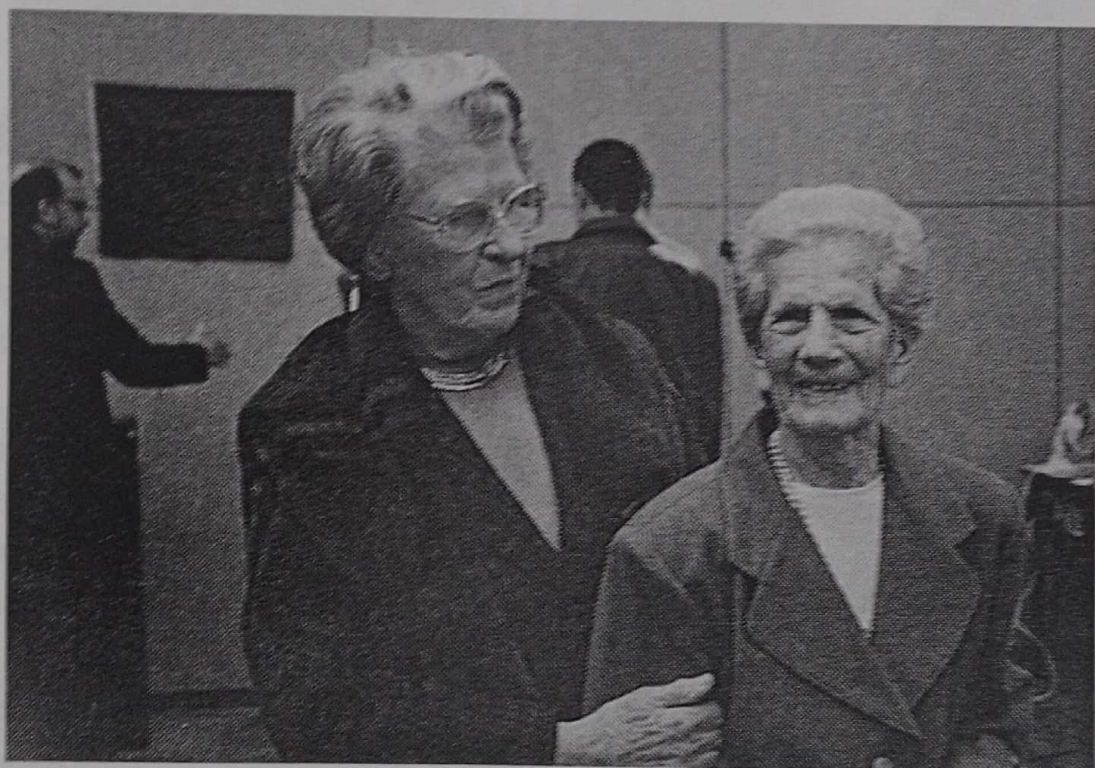
deparo, sempre consigo estabelecer uma relação com algo do meu passado no CAp, assim, nada do que surge é novidade – o que é um grande passo para a resolução de um problema: conhecer o caminho ou, pelo menos, ter ouvido falar dele. Tãmanha é a segurança nisso que, quando algo parece que vai surpreender pela novidade, ainda assim é possível, com calma, fazer uso da analogia e encontrar as respostas/satisfação. Praticamente sem exceção.

O caráter inovador de ensino, tratando o aluno como futuro dirigente de algo (seja da própria vida, de uma empresa ou do país) é responsável pelo sucesso dos que de lá egressam. Liberdade, fraternidade e igualdade, para ficar na tríade francesa; responsabilidade, participação, consciência, ética e profissionalismo, como desafios humanos atuais; precisão, objetividade, clareza, coragem e sintonia, como condição de possibilidade de uma comunicação eficaz; dignidade, direitos humanos, democracia, comunidade e função social, como elementos jurídico-filosóficos da implantação do Estado Democrático de Direito (consagrado na Constituição Federal Brasileira de 1988, casualmente o ano em que ingressei no Aplicação) são todos conceitos que acompanham a sociedade, e que foram exaustivamente praticados durante a minha estada no colégio.

Já se disse certa feita que as pessoas passam, e as instituições permanecem. Porém, acredito que com relação ao Colégio de Aplicação a situação é um pouco diferente: a instituição permanece sim, e cada um que por ela passa fica eternamente ligado/marcado em sua memória. O maior patrimônio da escola é no que se tornaram os seus filhos – grandes pessoas (se não profissionalmente, ao menos em caráter). A prova disso é quando os *irmãos* se cruzam na vida. É fantástica a sensação de já conhecer a pessoa há anos pelo simples fato de possuírem passado semelhante. A projeção disso é sem precedentes. Em face da crise do ensino em todas as esferas, é confortadora a garantia da base forjada nas salas de aula da grande *Coruja* (animal símbolo da escola). Essa identificação

permanente que ratifica a idéia de uma *comunidade de alunos do Colégio de Aplicação* para além dos seus limites físicos, transformando-o em um colégio com alma.

Enfim, a pergunta é: *valeu a pena?* A resposta é sim. Quem esteve lá e viveu, sabe como é...



As fundadoras do CAp/UFRGS na inauguração do novo prédio em setembro de 1996.



Alunos da 8ª série no primeiro dia de aula no novo Aplicação, 25 de março de 1996.

O aluno que não fui

Paulo Ricardo Kralik Angelini

1 986. Os números vão sendo sorteados, cada um deles trazendo sorrisos e gritos efusivos dos contemplados. Não estamos num bingo, nem aguardando as dezenas da loteria. Estamos no auditório do Colégio de Aplicação: meus pais com seus dedos cruzados, eu com as mãos trêmulas.

Cada número diferente do meu empalidecia o meu sonho de estudar naquela escola. Mas outra vez me reerguia, e então tudo ficava nítido: eu estudando na escola da UFRGS, junto de muitos dos meus colegas de primeiro grau que pelo saguão também torciam.

207. Era esse o meu número. E confesso que cheguei a pular da cadeira quando a voz oficial gritou: "206". Puxa, tão perto.

Tão longe.

Não fui aluno do Colégio de Aplicação.

A sorte não correspondeu às expectativas criadas por minha imaginação, alimentadas ainda na oitava série, quando uma colega, comentando sobre o irmão que lá estudava, enumerava as razões que faziam daquele colégio um dos melhores da cidade. E eu já me via lá. Eu era estudioso, eu merecia também aquela chance.

Mas não fui aluno do Colégio de Aplicação.

Após o sorteio, talvez tenha sentido minha primeira grande frustração, ainda tão menino para saber o significado real da perda do que nunca tive, mas maduro o suficiente para sentir aquela estranha derrota. Trataria, pois, de reenquadrar meus sonhos num outro ambiente, sem nunca deixar de sentir a pontinha da decepção de não ter feito parte da história que eu para mim mesmo inventava.

Mal eu sabia que as páginas virariam depressa. Os anos voaram, levando com eles etapas iniciadas e concluídas. Cursei Publicidade, Estatística. Trabalhei dez anos como produtor de televisão. Até terminar o curso de Letras na UFRGS, iniciar o mestrado e resolver mudar de profissão. Queria, sim, ser professor.

2004. Os corredores do Colégio de Aplicação me trazem uma estranha sensação de familiaridade, mesmo nunca tendo entrado no prédio novo. Dirijo-me para as provas de seleção de professor substituto para a área de língua portuguesa e literatura, e desta vez algo me diz que será diferente. Vejo-me caminhando por ali, subindo aquelas rampas, conversando com os alunos. Outra vez a imaginar o futuro?

A resposta chega logo. Fui aprovado. Ligo para os meus pais, como quem dá, com dezoito anos de atraso, a boa notícia. A vibração é intensa, um pequeno acerto de contas com o destino.

Não fui aluno, mas sou professor do Colégio de Aplicação, e disto me orgulho muito.

E confesso ser capaz de ver, no meio dos alunos, o garoto de treze anos que fui, sorriso largo, feliz simplesmente por fazer parte daquele grupo.

E se eu vestir avessa a camiseta?

Marlon Mello de Almeida

Contínuo, escriturário, jogador de futebol de salão, jogador de futebol de botão, boêmio, canalha, motoqueiro e edmundo: já fui tudo isso daí e um pouco mais e o menos que ouvia era algo tipo... *você precisa vestir a camiseta, você precisa dar o máximo...* Assim, de jogador quase profissional de botão a canalha segui ao pé da letra a orientação de Fernando Pessoa e outros nem tão cotados assim, isto é, dei o máximo de mim no mínimo que fui.

Pois bem. Um dia acordei professor de escola privada e, para minha surpresa, lá estavam os palestrantes de sempre nos seminários de sempre recomendando o de sempre: *você, professor, precisa vestir a camiseta, dar o máximo de si...* Fui para casa infeliz, cansado, onde, a postos, minha *ex*: *entendo, mas, hoje a noite, você precisa esquecer de tudo e vestir a camisi, ops, camiseta e dar o máximo!*

Era pouco mas era demais, e eu buscava um equilíbrio, nem pouco nem muito, nem mínimo nem máximo. Larguei as velhas camisetas, então, (menos a do Internacional, é claro!) e mudei mudando mesmo: o blues pelo jazz, a noite pelo dia, as amigas de ocasião pela Camila, a escola particular pela pública – nessa ordem.

Era uma bela manhã de maio. Começava para mim a vida no Colégio de Aplicação e, confesso, achei-me em círculo,

já que o fim era o começo e o começo, francamente, era o fim: *aqui você precisa vestir a camiseta, você precisa dar o máximo* – alguém me disse dedo em riste, pé em pancadas claras no meu calo.

E agora? Em casa, olhei bem nos olhos de minha filha, oito meses de idade na época, e repeti: e agora? Se eu paguei (e caro) pra ver, e o que vi eu não gostei? Sim, porque eu estava cansado desse *máximo* perverso que se dá para agüentar disparates como dinâmica de grupo, Big Brother, propaganda do Itaú e das Casas Bahia, síndico de prédio, mel com margarina, gremista presunçoso – pra ficar nas amenidades.

E agora uma aluna minha, em uma redação descritiva sobre *um tipo*, lembrava-me de uma aluna da Rita de Cássia, colega: *não tenho tipo, tenho pressa*. E aí, memória traz memória, lembrei de coisa mais recente, a dos caras na Ilha das Flores reclamando que a turma do Jorge Furtado não havia sido fiel à realidade deles em *Ilha das Flores*, aquele curta superpremiado, que a turma distorceu a vida deles... Bem, verdade, verdade é que ficção nunca foi retrato do que quer que chamemos de realidade. Por baixo, dá para dizer que um filme, por exemplo, sinaliza, faz pensar essa mesma realidade aí dos caras que lá na ilha não paravam mais de receber os direitos humanos, os jornalistas, os trabalhadores voluntários, a secretaria de vergonha na cara da prefeitura da época, enfim, o filme parece ter mesmo feito mal para a comunidade, né?

Bem, mas falávamos de outra coisa, o leitor lembra? Coisa nem tão feia assim como a ignorância, essa mesma companheira minha de criança e que era eu, quando cá, no CAP, entrei. Havia muito: professores dedicados, alunos como alunos, um emotivo diretor, uma estrutura física bacana, espaço pro docente pensar e pesquisar – o que me lembra mais ou menos a conversa entre Thomas Mann, cuidando do jardim, e seu vizinho:

- Trabalhando?

- Não, descansando.

E o dia em que Mann, prostrado, olhar no infinito, respondia ao mesmo vizinho:

- Descansando?

- Não, trabalhando.

Essa anedota é emblemática: quem pensa nem sempre quer casar, assim como quem veste a camiseta nem sempre o faz para mostrá-la. Seja como for, levar puxão de orelha por não plantar tomates é um aviso de que o mundo não se faz só de ciência e fé. De fato, é preciso lembrar que, se a montanha não vai a Maomé, Maomé que a circunde. Ou alguém acha que se o carro na minha contramão não vem a mim eu devo ir a ele?

Quero dizer, existem alternativas para pensar as nossas camisetas para além de nossas festas e passeatas; existe gente pra pensar, errado ou certo, nesta escola, e essa gente não pode padecer, dentro da universidade, do mesmo preconceito de que é vítima a gente que está fora do perfil dos manuais de auto-ajuda.

Se Schopenhauer dizia ser preciso aprender a ser infeliz, não estava com isso querendo defender a infelicidade. Talvez, passe a simplificação, estivesse pensando sobre a arte de estar permanentemente alerta para o que der e vier, sejam camisetas ou vendedores de gás.

Novo nesta escola, sou apenas impressões e algum palpite: ela vive e viverá menos pelo discurso oco em si no seu pífio palavrório e mais pelo seu curso, isto é, rumo cujo cimento é o tempo, matéria de obra.

Lembro-me, por fim, de episódio que se passou dia desses aqui na escola. Acredito que uma aula comece bem antes do sinal de entrada, na preparação dela, por exemplo. Pois bem, estava eu terminando uns ajustes do meu projeto de extensão quando "bateu". Não tendo ouvido o primeiro sinal, e sendo urgente a tarefa referida, demorei-me um ou dois minutos mais para sair em direção à aula. Toca o telefone, alguém do Serviço de Apoio ao Ensino brada que os alunos estavam circulando pelo corredor, sem aula e sem professor. Faço objeção à funcionária do setor, porque desde o período anterior eles estavam autorizados a ir à biblioteca para terminar um trabalho de grupo. Ela insiste: eles estavam circulando e não estavam

fazendo trabalho algum! Eu desço, surpreso pela autoridade da colega servidora. Então, o fato: quatro alunos estavam aguardando minha autorização para continuar o trabalho na biblioteca, e os demais mandando ver na sala de aula, preparando um trabalho que em essência lidava com a autonomia e a responsabilidade deles. Quero dizer que eu estava sem os alunos, por falha minha de atraso, mas eles não estavam sem professor, estavam acima dessa figura, acima da aula que a funcionária, para sua conveniência, imaginava não estar sendo dada. Pensei, então: os únicos sensatos nesse episódio são justamente os alunos, norte sobre o nosso desnorte. Às vezes, é isto mesmo: poderíamos ser menos arrogantes e presunçosos e pelo menos mais adultos.

Que esta escola seja, sempre quando puder, a menina de nossos olhos de olhar não só para frente.



Confecção de máscaras de gesso na aula de Artes, 7ª série, 1997.

*D*os cadernos dos alunos



Visita de alunos às obras do novo prédio do Colégio, janeiro de 1995.

CAP*

*Louize Paz de Oliveira ***

Colégio de Aplicação. Esse é o meu colégio, minha outra casa, onde eu passo um bom tempo da minha vida. Entrei no Aplicação com sete anos, na primeira série. Ainda me lembro exatamente da minha roupinha e da minha mochila de ursinhos. Foi um ano de muitas coisas novas.

Tenho a dizer que o Colégio de Aplicação tem quatro fases: a primeira é da primeira à quarta série, que leva o nome de alfas (Alfa I, Alfa II, Alfa III e Alfa IV). Essa palavra tem origem no grego e significa a primeira letra do alfabeto, o "a". A segunda é o Projeto Amora, e nele aprendi a ser investigadora. O Amora é muito, mas muito bom. Participei de um congresso em Camboriú, pra onde fomos eu e cinco colegas. Tive troca de idéias, pensamentos, experiências enormes, que estarão marcadas na minha vida para sempre. O Projeto Amora é inexplicável, só estando lá para saber o seu grande valor, isso claro, para quem soube aproveitar. A terceira é a saída da sexta série, no final do Projeto, para a entrada da sétima. E em seguida já acaba o Ensino Fundamental. Essas mudanças deixam impactos misteriosos, mas fazem parte da nossa base de estudo. E a última fase, que eu ainda não comecei, é a do Ensino Médio.

* Produção textual realizada na aula de Língua Portuguesa, ministrada pelo Prof. Paulo Ricardo Kralik Angelini.

** Alunas da 8ª série do Ensino Fundamental/2004.

Já elogiei bastante o colégio, mas ainda acho que ele merece muito mais. Por ser um colégio público, temos a sorte de ser sorteados e devemos aproveitar isso até o fim. Cada um tem suas próprias críticas e, como todos os colégios, o Aplicação também tem seus defeitos.

Acho errado dizer que o colégio nos prepara para a vida, eu acho que o colégio já é a nossa vida, onde vamos errar para saber aprender. O colégio nos ensina diversas coisas. Algumas delas, como respeito, dignidade e caráter, aprendemos em casa.

E lembre-se: você sempre terá a sua hora de aprender, mas tenha cuidado, o mundo não volta para trás.

Dias bons e ruins no Colégio de Aplicação*

*Martina Bevilacqua ***

O Colégio de Aplicação da UFRGS tem seus dias bons, mas também tem seus dias ruins.

Nos bons, tudo é uma maravilha, crianças correndo, ca-sais pelos cantos, gritos pelo saguão, e mãos indo em todas as direções.

Nos seus dias bons, todas as pessoas estão felizes, alegres, eufóricas, lépidas e faceiras, sem se preocupar com o tema que não tinham feito para a aula que haveria depois do recreio. Mas e aí? O que importa é viver o agora e um tema a mais não faz diferença.

O colégio tem diferentes tribos: roqueiros, patricinhas, patricinhas estudiosas, boys, boys estudiosos, CDFs, CDFs zens. E o mais engraçado é que você identifica todos, convivendo, brigando, discutindo e observando.

Nos seus dias ruins, o colégio parece um cemitério, com um monte de almas penadas vagando por ele. Os dias ruins são geralmente os com chuva, ou os nublados. Daí o colégio fica pálido, seus armários parecem mausoléus e as crianças... ah, as crianças se xingam, se batem.

E os casais, os casais estão por toda a parte, parecem duas formigas dividindo um doce em um formigueiro.

E os gritos se tornam rígidos e agudos, e as mãos... as mãos já não estão mais lá.

E as tribos, as tribos se repelem, tristes e pálidas.

Dez motivos para gostar do Aplicação* **

Guilherme de Araújo Tomazoni ****

Primeiro, são os professores, qualificados e inteligentes. Segundo motivo é ser um dos melhores colégios do Rio Grande do Sul. O terceiro motivo é muito importante: ser público. Qualquer um pode entrar nesse maravilhoso colégio, mas com um pouquinho de sorte, pois só sendo sorteado para ser seu aluno. O próximo motivo é que o Aplicação é da UFRGS, a melhor Universidade do RS e uma das melhores do Brasil. O quinto motivo é ter funcionários bons. Outro motivo é ter aulas à tarde, que é muito bom para aprendermos mais. O próximo motivo é que tem o Laboratório de Ensino, para os alunos com dúvida ou que tiraram NA na prova. Em oitavo lugar, é possuir o Laboratório de Informática, ótimo para fazer pesquisas. O seguinte motivo é haver aula de Teatro, uma aula divertida que poucas escolas têm. O décimo e último é o mais importante (na minha opinião): ter conteúdo. A escola pode não ser a primeira em qualidade, mas é a primeira em conteúdo, nos ensinando a como obtê-lo. Isso é o que mais importa nos dias de hoje e sempre.

*** Texto produzido na aula de Língua Portuguesa, ministrada pelo Prof. Tadeu Rossato Bisognin. Proposta: Escrever dez motivos para gostar de ser gaúcho, de ser adolescente e de estudar no CAP.

**** Alunos da 1ª série do Ensino Médio/2004.

CAP, aqui é o "canal"***

*Fernanda de Souza Nery ****

1. Ter paciência de estudar de manhã e de tarde, mas sempre estar de bom humor.
2. Saber se expressar e impor as suas opiniões e idéias.
3. Ter a maior turma de alunos que se divertem aprendendo.
4. Ter professores dignos de serem do CAP, responsáveis e que sabem ensinar de uma maneira diferente.
5. Ter sempre inovações, novos projetos e vários programas de entretenimento.
6. Um dos únicos colégios que consegue fazer integração de turmas sem isso virar bagunça.
7. Ter acesso a um restaurante universitário que possibilita ter uma refeição barata para os alunos que não têm muitas condições.
8. Ter alunos que sabem respeitar as diferenças dos outros (com algumas exceções).
9. Ter um diretor amigo e acessível, sempre disposto a ouvir.
10. Ter a melhor "família" do mundo.

Dez motivos para ser do CAP***

*Henrique Vieira de Souza****

1. Ter o privilégio de ser assaltado na parada com faca de cozinha em vez de revólver.
2. Ter tido sorte ao menos uma vez na vida (para entrar).
3. Ter um cartãozinho e dizer que é da UFRGS.
4. Saber de cor o poema "Autopsicografia", de Fernando Pessoa.
5. Poder dizer para os pais que tirou "NA" e não "zero".
6. Poder ouvir os solos do "Seu Elias" no coral do Colégio.
7. Ter um bar que vende uma garrafinha de suco a R\$2,20.
8. Ter o "CAP em Show" para rir um pouco.
9. Ter uma baita sala de informática com modernos computadores que só a 5ª e a 6ª séries podem usar.
10. Ter um campo de futebol que te deixa coçando, eu adoro me coçar.

Dez motivos para gostar do CAP^{***}

*Robert Lackman Diensmann^{****}*

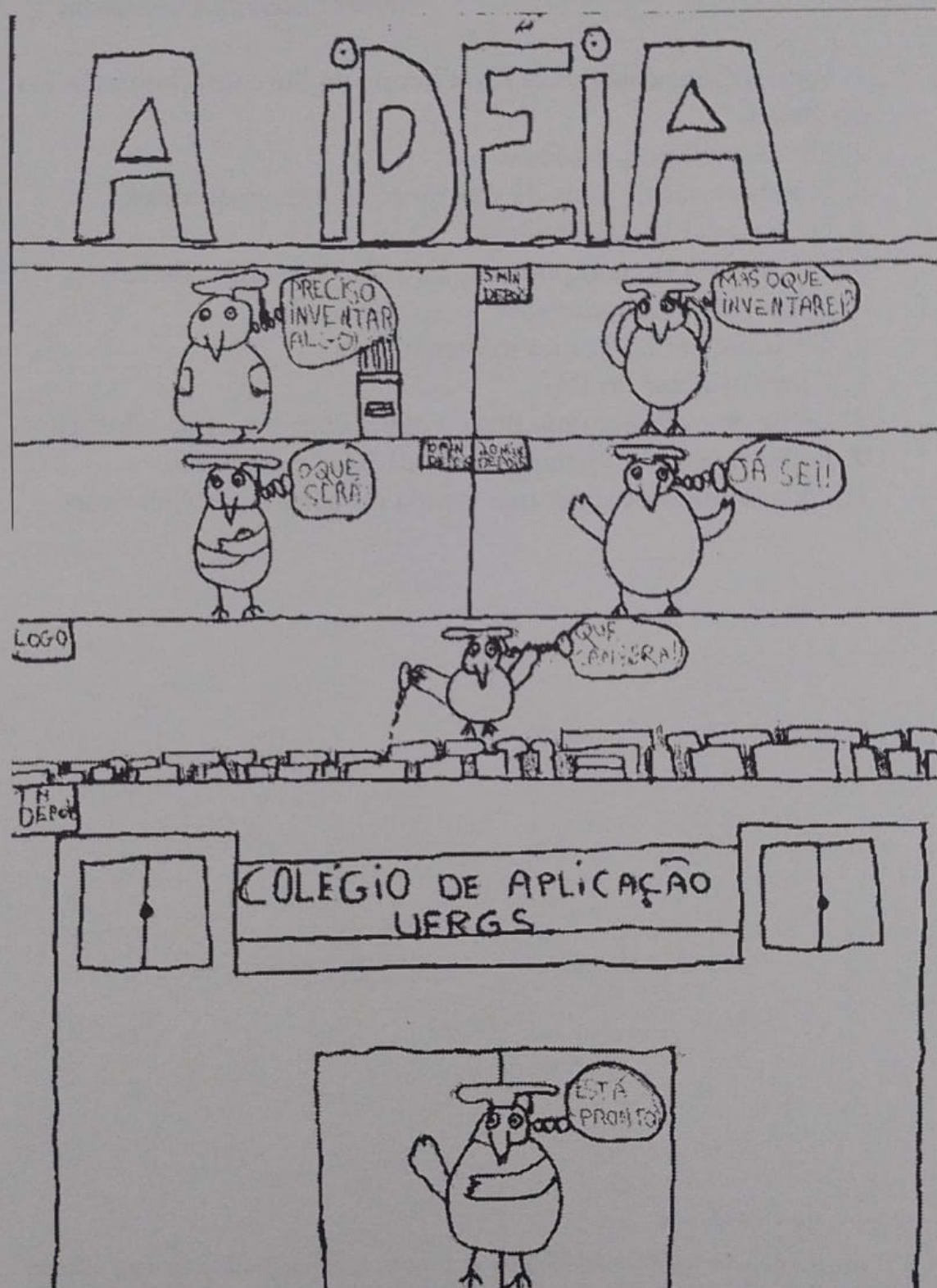
1. Ser o melhor colégio do Rio Grande do Sul e um dos melhores do Brasil.
2. Ter os melhores professores.
3. Não precisar de mais de três motivos para gostar dele.
4. Poder tocar violão em aula.
5. Ele ter sala de computação, de vídeo, de artes, de teatro, de música e vários laboratórios.
6. Ter uma boa biblioteca informatizada.
7. Poder usufruir do RU.
8. Saber que vou ser uma pessoa culta, com uma boa educação.
9. Poder mostrar a carteirinha da UFRGS para todos.
10. Ter orgulho de dizer que estuda no colégio de Aplicação.

^{***} Texto produzido na aula de Língua Portuguesa, ministrada pelo Prof. Tadeu Rossato Bisognin. Proposta: Escrever dez motivos para gostar de ser gaúcho, de ser adolescente e de estudar no CAP.

^{****} Alunos da 1ª série do Ensino Médio./2004.

A IDÉIA¹

Jean Felipe Bueno Dela Libera*



1 Texto vencedor (modalidade charge, categoria mirim) do Concurso Literário Comemorativo ao Cinquentenário do Colégio de Aplicação.

* Aluno da Alfa IV do CAP/UERGS em 2004.

Cinqüentão, mas com um Corpinho de 49²

Cláudio Farias

Hoje estou fazendo cinqüenta anos. E como todo cinqüentão, chega o dia de refletir no tempo transcorrido. Minha vida é repleta de boas e más memórias. Nasci em uma casinha de madeira, rosa, parido da mãe Universidade. Morei nessa casa durante toda a minha infância e adolescência. Meu bichinho de estimação era (e é) uma coruja. Próximo dela havia uma paineira, que na primavera lançava ao ar uma névoa branca, semelhante a um algodão. Os anos foram passando e a família foi crescendo, e a casinha rosa foi ficando pequena. Aconteceu um dia uma tragédia: a casinha rosa pegou fogo, e fomos tomados de surpresa, sem um lar, sem um referencial.

Como já não era mais criança, e como sabia que minha família contava comigo, levantei a cabeça, e por mais difícil que parecesse, enfrentei o problema de frente. Como que por providência divina, nos mudamos, eu e minha família, para um grande prédio azul, onde ocupávamos cinco amplos e espaçosos andares. Tudo parecia grande demais, não fosse o aumento da família, que obedecendo ao “crescei e multiplicai-vos” ia, ano após ano, ocupando todas as peças. No início meus familiares nasciam por provas; com o tempo passei a sorteá-los. Escrutínio para o nascimento de novos vencedores.

2 Texto vencedor (modalidade crônica, categoria adulto) do Concurso Literário Comemorativo ao Cinqüentenário do Colégio de Aplicação.

Cláudio Vinícius da Silva Farias foi aluno do CAp/UFRGS de 1988 a 1993.

Lembro-me de uma vizinha, que ocupava alguns dos andares acima, inicialmente muito cordata, mas com o passar do tempo revelou-se grande ciumenta. Na época já era professor conhecido; talvez isso tenha despertado o seu ciúme, pois a vizinha também era professora. Nossas relações se acirraram, a pontos de discutirmos pelos sons produzidos pelos ensaios de música à tarde, produzidos em minhas dependências. Certo que não eram sons de todo melodiosos, pois provinham de mãos e lábios inexperientes, mas eram os sons da sinceridade e do esforço pessoal. O mesmo acontecia com as ginásticas em dia de chuva, os ensaios teatrais e toda a baderna produzida pelos "menores" da família. Cheguei a ponto de não usar o elevador, para não ter que cruzar com ela. Mas isso hoje são águas passadas. Recebi uma herança devida de minha mãe há poucos anos. Hoje moro num grande palácio, uma espécie de casa de campo, todo de tijolos à vista.

Hoje, com cinquenta anos, vejo que materialmente estou bem, mas vejo que minha família já não me considera da mesma forma. Aqueles que habitavam comigo na casinha rosa, e até mesmo no prédio azul, eram mais carinhosos comigo. Acho que é produto dos tempos: naquela época era eu um professor renomado e aqueles que eram da minha família levavam meu nome, ou melhor, meu renome. Havia um ambiente de reverência, e um amor platônico unia a todos nós. Eu era respeitado e meus familiares temidos, principalmente no período anual de disputas entre os jovens colegiais. Hoje não é mais assim. Mas como disse Camões: "o amor tudo suporta".

Analisando o momento, vejo que mais do que as residências (que mudaram e se ampliaram), é ter uma família pra se lembrar. A família é tudo; é a razão pela qual tenho vivido. E se cresci, foi para dar à família melhores condições para que, longe de mim, pudessem dar melhores condições aos seus familiares.

Não quero que me vejam velho. Tampouco impotente. Sou ainda o esteio da casa e sei que muitos dos jovens que hoje convivem comigo dependem do meu auxílio, do meu exemplo. Sinto-me um homem de cinquenta anos, "com um corpinho de 49". Assim, resolvi projetar os próximos cinquenta anos. Já estou pensando: mais um Jubileu de Ouro. Acho que a casa atual ainda resistirá e suportará, pois não tem a fragilidade da

madeira, nem a limitação dos andares. A família de hoje, daqui a cinquenta anos, não será mais tão nova; talvez esteja passando pelo saudosismo que toma conta hoje do meu peito. Aí, estarei lá, com minha experiência, para falar que ainda há uma longa jornada, repleta de novos rostos, novos trejeitos, novas roupas, mas haverá um mesmo sentimento nos unindo: um grande amor platônico. E como Narciso olhando para seu reflexo na lagoa, assim eu olharei para esses meus familiares. Revigorado estarei; revigorados estarão.

Quem sou: meu nome é Aplicação. Meus familiares são muitos: Marianas, Lúcias, Vinicius, Alexandres, Fernandos, Paulas, Flávias, Tadeus, Margaretas, Adrianas, Naras, Cláudios, Cordeiros, Edsons, Ricardos, Albas, Marthas, Paulos, Thiagos e vários outros, e foram muitos. Cada um, um orgulho.

Ofereço estas linhas a todos os funcionários e professores (de ontem e de hoje) e para todos os alunos (do passado, de hoje e aos que virão). Agradeço a Deus por ter proporcionado o encontro de tantos amores.

50 anos Colégio de Aplicação³

*Maria Paula Lopes Guerra**

Eu entrei na primeira série. Minha mãe me contou que eu ia mudar de colégio, eu odiei quando ela me contou.

Na primeira semana minha mãe me perguntou se eu gostei, disse que não, mas menti. Eu adorei tudo, era tudo perfeito: colegas, professores, tudo. Não contei por causa da minha manha, depois na segunda semana minha mãe perguntou de novo e eu tive que responder a verdade.

Agora sempre que alguém me pergunta: em que colégio você estuda estuda?

NO MELHOR COLÉGIO DO MUNDO!

³ Texto vencedor (modalidade crônica, categoria mirim) do Concurso Comemorativo ao Cinqüentenário do Colégio de Aplicação.

* Aluna da Alfa IV do CAP/UFRGS em 2004

A minha vida na UFRGS⁴

*Bruna Cristine Chwal**

50 anos... acho até que o colégio está ficando velho, mas não, cada vez ele melhora mais, fica mais bonito e mais coisas. Tudo começou na metade da 2ª série. Minha mãe tentou me colocar neste colégio e conseguiu, mas para ela conseguir ela rezava o dia inteiro, gastávamos 5 velas por dia.

Quando eu entrei eu não estava muito bem, mas já que eu era a melhor aluna do meu colégio antigo eu passei. Na 3ª série eu acompanhei bem, que eu já estava acostumada. Um detalhe que na 2ª série eu não contei: no 1º dia no recreio pulavam na ponte, me chamavam de pia, na ponte eu tinha medo de cair, eu gritava. contei para a Clenir, ela disse para deixar para lá, quando fui na sala da 2ª série, desenhos de mim de bondade, eu achei que era de mal, e lá vou eu, Clenir! ela falou que era de bem. Alguns alunos implicavam comigo, chorei 2 vezes na 2ª. Na Educação Física eu estava mal. Eu sou muito quieta, chamaram a minha mãe.

Eu pretendo ficar sempre aqui, eu aprendi coisas que eu nunca iria aprender, se não estivesse aqui. É o meu 3º ano na UFRGS.

Nesses 3 anos aprendi a escrever direito, matéria diferentes, a falar correto. Se não fosse a UFRGS eu não saberia de nada, eu e meu irmão.

4 Texto vencedor (modalidade crônica, categoria mirim) do Concurso Literário Comemorativo ao Cinquentenário do Colégio de Aplicação.

* Aluna da Alfa IV do CAp/UFRGS em 2004.

Homenagem da Câmara de Vereadores de Porto Alegre

024ª Sessão Ordinária - 15-4-2004

A SRA. PRESIDENTA (Margarete Moraes): Passamos ao GRANDE EXPEDIENTE

Hoje, este período é destinado a assinalar o transcurso do 50º aniversário do Colégio de Aplicação. Convidamos a compor a Mesa o Diretor do Colégio de Aplicação, Professor Jorge Luiz Day Barreto; o representante da Reitora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Professor Aldo Antonello Rosito; o representante do Comando Geral da Brigada Militar, Major Maurício Martins Alves, Diretor do Colégio Tiradentes; e o representante do 5º COMAR, 1º Tenente Rafael Dalle Molle. Sejam bem-vindos a esta Casa.

O Ver. Pedro Américo Leal, proponente desta homenagem, está com a palavra em Grande Expediente.

O SR. PEDRO AMÉRICO LEAL: Sra. Vereadora, Presidenta da Câmara Municipal de Porto Alegre, Margarete Moraes; Sr. Diretor do Colégio de Aplicação, Professor Jorge Luiz Day Barreto; representante da Reitora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Professor Aldo Antonello Rosito; representante do Comando Geral da Brigada Militar, Major Maurício Martins Alves, Diretor do Colégio Tiradentes - a quem muito respeito também -; representante do 5º COMAR, 1º Tenente Rafael Dalle Molle. Três colégios se me afiguram, como modelos, verdadeiros

gabaritos no cenário do Ensino Fundamental e Médio do universo da educação atualizada em nosso Estado: o Colégio de Aplicação da UFRGS, que hoje homenageamos; o Colégio Militar, corrente de pensamento de onde vim; e o Colégio Tiradentes.

A comparação, longe de vulgarizar o destaque - estamos fazendo, aqui, um destaque para o Colégio de Aplicação -, muito o valoriza. Observemos o acesso pretendido, um verdadeiro vestibular de sorte, com o qual não concordamos: a uma vaga concorrem 28 candidatos. Eles têm pretensão, mas não achamos que seja uma medida intelectual recomendável. Achamos que devia haver vestibular. Quero-lhe dizer com a minha oportunidade, pois estou aqui para elogiar as coisas devidas de seu Colégio. Vamos encontrar mais adiante, na Medicina e na Psicologia, lá no vestibular, a pretensão tão sonhada. São 20, 30 candidatos para uma vaga, eu me submeti a isso.

Mudando de endereço, de locação de prédio, lá está o Aplicação, pelas bandas de Viamão - se não me engano, está lá, hoje -, no *Campus* do Vale, no bairro Agronomia, completando, ontem, meio centenário.

Recebe, o abraço da Câmara da Cidade de Porto Alegre, que reverencia o Colégio. Reverencia, por quê? Pelos serviços prestados. Na tropa, nós sempre ressaltamos isso: pelos serviços prestados; não por efemérides e nem por coisas que não têm valor; pelos serviços prestados.

Fundado em 14 de abril de 1954, pavilhão de madeira, vem aos trancos e barrancos, sujeitando-se a quatro mudanças para se erguer e permanecer onde está.

Exame de seleção? Já pautaram as pretensões ao seu acesso, e por isso, parei neste degrau; é hoje por sorteio. Não me conformo! E acanho-me ao admitir isso. Mas, V. Sa. deve ter argumentos que me tapem a boca. Discurso! Mas o que fazer? Dizem que é para evitar uma elite contemplada! Ora! Eu vim de baixo! Não tive pai, aos quatro anos; vim estudando como pude, em colégios mambembes! Estou aqui! Estou aqui!

Por 16 anos fui mestre e professor da PUC, onde me doutorei. Por mais de 30 anos fui professor da Escola de Polícia do Rio Grande do Sul; por mais de 20 anos preparei Oficiais da Brigada Militar - e o Sr. Tenente sabe disso -, claro que simultaneamente, senão teria 100 anos! Tive como aluna a esposa do Ver. Sebenelo,

que hoje não está aqui, a Sra. Sônia Sebenelo, psicóloga e mestra. São os meus protagonistas.

Cada aula para nós, professores, é sempre um desafio, porque é imprevisível a ânsia de saber do aluno. Uma pergunta, uma curiosidade atrevida ou mal-orientada pode colocar um professor ou um instrutor em apuros. Como não? Sim, já tive apuros. E como vai o aluno saciar essa ânsia de saber, senão junto ao seu professor? É o seu mestre, o seu amigo. Hoje as famílias estão ausentes. É no professor que ele vai encontrar o seu grande companheiro, e principalmente no professor de Educação Física. O Exmo. Ver. Garcia está me olhando, mas sou colega, porque também tenho o curso de Educação Física. Perguntas intrincadas e às vezes irreverentes são feitas pelo estudante em formação. "Não se brinca em serviço" se diz na tropa, Tenente, é o dito da caserna, não é?

O Colégio exhibe o índice de 15% de aprovados em vestibulares em diversas faculdades. Bem, tapa-me a boca quando digo que o sorteio deve ser dispensado. O sorteio é aceitável. Estupenda performance que tenta compensar esse tal de sorteio aleatório! Sabem, nunca pude entrar no Colégio Militar. Não tinha dinheiro para entrar no Colégio Militar. Nem por isso combato a seleção intelectual ao seu acesso. Está certo. Entra o melhor; o melhor intelectual. Que me escute o José Antônio Pinheiro Machado, o *Anonymus Gourmet*, que todos vocês conhecem. Aluno do Aplicação, hoje na Europa, transitando pela Europa e "pintando o sete". O quanto deve ter sido útil a ele, nas suas viagens internacionais, o domínio das línguas inglesa, francesa, alemã, espanhola oferecidas pelo Colégio de Aplicação. Que hoje exaltamos no dizer dele: "Voltaremos!" Quem não se lembra da frase: "Voltaremos!"

Sim, voltaremos a destacá-lo como educandário modelo - Colégio de Aplicação - que recebe hoje as reverências desta Casa do Povo, da Casa do Povo de Porto Alegre, que parou para homenageá-lo. É alguma coisa! A Câmara contempla o deslocamento do Colégio de Aplicação, o seu caminhar pela estrada do saber na formação da juventude, pela vida profissional, na qual somente os privilegiados pelo conhecimento angariado, conquistado por noites e noites de vigília em cima dos livros...

A SRA. PRESIDENTA (Margarete Moraes): Por favor, Ver. Pedro Américo Leal, conclua.

O SR. PEDRO AMÉRICO LEAL: Vou concluir. Diante deste ultimato, vou concluir. E V. Exa. me deslocou; eu, cambaleando, venho recuperar o período...

Somente os privilegiados pelo conhecimento se atrevem, nos dias de hoje, a pretenderem uma colocação nessa tremenda luta por um emprego, num mundo cada vez mais competitivo, informatizado e prático, que condeno! Condeno a informatização, como condenei a globalização dez anos nesta tribuna. Não tenho computador! Não tenho telefone celular! Os combato; não levaram a felicidade a alguém. É só isso, muito obrigado. (Palmas.) (Revisto pelo orador.)

A SRA. PRESIDENTA (Margarete Moraes): Quero registrar a presença do Professor Fernando Meirelles, Pró-Reitor de Extensão da UFRGS, e também da Professora Vera Moraes, ex-Diretora do Colégio de Aplicação. Sejam bem-vindos.

O Ver. João Carlos Nedel está com a palavra em Grande Expediente, por cedência de tempo do Ver. Cláudio Sebenelo.

O SR. JOÃO CARLOS NEDEL: Sr. Presidente, Sras. Vereadoras, Srs. Vereadores. (Saúda os componentes da Mesa e demais presentes.) O ilustre Vereador Pedro Américo Leal, meu querido companheiro de Bancada no Partido Progressista, entre as muitas qualidades que tem, é polivalente. E trafega com invulgar habilidade em todos os campos do humanismo, trazendo freqüentemente à luz temas que, mesmo com aparência de coisa exaustivamente discutida, têm sempre um gosto de renovação, impondo reflexão, estudo e busca de melhor compreensão. Parabéns, então, ao ilustre Vereador Pedro Américo, pois, uma vez mais, nos brinda com a possibilidade de, através de uma homenagem que propôs, sermos levados a refletir sobre o relevante tema, que é a educação.

Pessoalmente, entendo que está na educação a base determinante do bem comum, alvo maior da atividade política e social.

Entendo, também, que o maior empenho dos governos, em todos os níveis, deve ser no sentido de viabilizar a realização do preceito constitucional que afirma ser a educação direito de todos e dever do Estado e da família, devendo ser promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Lamentavelmente, isso não acontece. E, porque é assim, o quadro educacional é triste e estarrecedor.

A sociedade vive hoje sob o impacto das imagens. A nova geração perdeu a capacidade de apreensão do conhecimento através do pensamento abstrato, da reflexão, da análise intelectual e do raciocínio, no que o meio mais influente é, sem dúvida, a leitura. A televisão e a internet, por exemplo, são meios muito menos eficazes para a aquisição de conhecimento do que as palavras, do que palestras ou livros. Mas, como exigem pouco esforço e são mais difundidos, fazem com que, desde cedo, as crianças não manifestem interesse em escutar o que alguém tem a dizer, tornem-se dispersivas facilmente, e não consigam ficar mais de dez minutos concentrados na leitura de um livro, ainda que bom.

A perda daí decorrente é, então, imensa.

Nas escolas, muitos alunos demonstram enorme dificuldade de raciocínio lógico, pois não sabem sequer pensar, estabelecer relações de nexos, tirar conclusões adequadas.

E, pior do que isso, recebem e assimilam acriticamente conteúdos de todas as naturezas, deixando-se levar pelas ondas suaves dos modismos fugazes e superficiais, subversores da educação, da cultura e dos valores permanentes da sociedade.

Assim, a educação é a necessidade, mas a deseducação e a antieducação têm a preferência.

Felizmente, nem tudo está perdido. Felizmente, ainda há esforços e ações, partidos da própria sociedade, que retardam e reduzem essa avalanche negativa que se abate sobre a educação.

Felizmente, há pessoas e entidades que conseguem sobrepor-se às dificuldades do meio e seguem na mão inversa dos modismos para consagrarem-se como fontes do saber, da cultura e da educação.

O Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul é um exemplo dessa minha afirmação > Basta que se saiba que está orientado para a formação do cidadão crítico, criativo e comprometido com a construção de uma sociedade mais justa, livre e fraterna, para confirmá-la.

Como homem público, como pai, avô e cristão, encanta-me reconhecer a ênfase que o Colégio de Aplicação dá à construção do conhecimento como tarefa primordial da Escola, valorizando os conteúdos, patrimônio coletivo e direito de todos, selecionados, tendo em vista sua significação humana e social.

Encanta-me, também, a percepção de que, no Colégio de Aplicação, a prática pedagógica é tratada como uma investigação, uma experimentação, um espaço de descoberta e de construção, onde se promovem a liberdade de pensamento e a busca de uma ação crítica e transformadora.

Oxalá pudéssemos ter um número muito grande de escolas trilhando esse mesmo caminho! Com certeza, a vida nacional, no presente e no futuro, teria outra perspectiva.

Em nome da Bancada do Partido Progressista, que tenho a honra de integrar, ao lado dos ilustres companheiros vereadores João Antônio Dib, Pedro Américo Leal e Beto Moesch, saúdo a direção, os professores, especialmente minha querida nora, Marilse Ghelen, professora dessa instituição, os alunos, o corpo de funcionários e todos os demais colaboradores do Colégio de Aplicação, pelos seus 50 anos de existência eficaz e benfazeja.

E peço ao Senhor Deus que abençoe seu trabalho, iluminando todos na continuidade do trabalho que até aqui realizaram, sem dúvida, uma exceção no difícil mundo de hoje. Parabéns. (Palmas.) (Revisto pelo orador.)

A SRA. PRESIDENTA (Margarete Moraes): O Ver. Carlos Alberto Garcia está com a palavra para uma Comunicação de Líder.

O SR. CARLOS ALBERTO GARCIA: Excelentíssima Presidenta Ver.^a Margarete Moraes, (Saúda os componentes da Mesa e demais presentes.) Antes de falar propriamente do Colégio de Aplicação, eu gostaria de dizer da minha alegria de participar desta Sessão e

utilizamos o tempo de Liderança porque não estávamos inscritos. Quero dizer que, dos quatro integrantes que estão à Mesa, três são meus colegas profissionais de Educação Física: o professor Rosito, representando a Universidade, foi meu colega de turma; o professor Barreto foi meu *bixo*. Nós estivemos junto com o Rosito e o Barreto, e hoje eu vejo o Walter, nosso Assessor Técnico de Comissão, na época, Presidente da Fuji, nas nossas andanças em jogos universitários por este Brasil, como atleta; eu, na época do atletismo; o Barreto, no voleibol; o Rosito como dirigente; e o Major Maurício, eu tive a felicidade de ser professor dele no IPA. Ao mesmo tempo, também quero dizer que hoje as duas maiores instituições em termos de qualidade de ensino - federal e estadual - estão aqui representadas. Eu não tenho dúvida de que o Colégio de Aplicação, dentro da área de Ensino Fundamental e Médio, e o Colégio Tiradentes, pelo nível que eles têm demonstrado ao longo desses anos, são as escolas expoentes e servem de modelo. Mas o Ver. Pedro Américo Leal foi muito feliz nessa iniciativa de propor esta atividade aqui comemorativa pela passagem dos 50 anos do Colégio de Aplicação.

Eu pensava sobre qual foi a minha primeira relação com o Colégio de Aplicação, e hoje eu dizia para o professor Barreto que foi em 1972, como estagiário de Educação Física, quando eu trabalhava no Ramiro Souto, ali no Parque da Redenção, e havia alguns alunos do Aplicação, e lembro que um deles virou expoente; hoje é um dos maiores artistas, o Nei Lisboa, aluno do Aplicação há 32 anos.

O Colégio de Aplicação, ao longo desses anos, sempre teve a característica da qualidade do ensino. O meu primeiro contato na época era porque ficava junto à Faculdade de Educação, mais recentemente foi para o Campus. Quero dizer que essa busca constante, insistente pela formação é que mostra o valor e a credibilidade ainda do ensino público de qualidade, porque aqui há duas situações concretas: ensino gratuito e de qualidade. Se uns podem, por que outros não podem? Então o Colégio de Aplicação serve de modelo para que os demais segmentos possam espelhar-se e ver qual a melhor metodologia. São inúmeros, centenas e centenas de profissionais, milhares de profissionais, ao longo de 50 anos, que fazem a história deste Rio Grande em todas as suas diferentes áreas.

O Professor Barreto foi Diretor em três oportunidades, em 1992, 1997 e agora de 2000 até 2004. A história do Colégio de Aplicação está vinculada ao próprio Professor Barreto.

Então, mais uma vez, nós gostaríamos de parabenizar o Ver. Pedro Américo Leal, colega também da Educação Física, e o Colégio de Aplicação por esse trabalho que tem feito ao longo de 50 anos, mostrando que o Ensino Público gratuito de qualidade é viável e é possível.

Portanto, nós queremos parabenizar a tua equipe de trabalho, os teus alunos e dizer que esse modelo é o modelo que serve, o modelo que nós queremos, porque a Universidade Federal do Rio Grande do Sul tem essa qualidade. Parabéns Professor Barreto, parabéns Professor Rosito e extensivo a ti, Maurício, hoje no Colégio Tiradentes, porque, realmente, precisamos, cada vez mais, mostrar o potencial do nosso ensino. Muito obrigado.

(Não revisto pelo orador.)

A SRA. PRESIDENTA (Margarete Moraes): O Professor Aldo Antonello Rosito está com a palavra e falará em nome da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e também em nome da Reitora Wrana Panizzi.

O SR. ALDO ANTONELLO ROSITO: Excelentíssima Sra. Presidente da Câmara Municipal de Porto Alegre, Ver.^a Margarete Moraes, Srs. Vereadores e Sras. Vereadoras. (Saúda os componentes da Mesa e demais presentes.) Saúdo, também, o Prof. Fernando Setembrino Cruz Meirelles, meu colega de Administração da Universidade; Prof^a. Vera Pires de Moraes, ex-Diretora do nosso Colégio de Aplicação; Prof. Sérgio Cordeiro, companheiro de longas lutas na educação, que é, também, o presidente da comissão que festeja os 50 anos do Colégio de Aplicação, demais professores do Colégio, aqui presentes, senhores da imprensa, minhas senhoras e meus senhores. Em nome da Reitora Wrana Panizzi, que está viajando a Brasília em busca de melhores condições para a universidade pública brasileira - já que ela também é Presidente da Associação Nacional dos Dirigentes de Instituições Federais de Ensino -, venho ocupar este tempo para agradecer esta homenagem que é feita ao nosso Colégio de Aplicação. Realmente, como nossos antecessores aqui

mencionaram, a começar pelo meu Professor Pedro Américo Leal, o Colégio de Aplicação foi fundado pela nossa saudosa Professora Graciema Pacheco como uma escola-laboratório da então Faculdade de Filosofia da Universidade. E, ao longo dessa trajetória de 50 anos, foi-se compactuando ou se afirmando como uma escola-modelo para a educação infantil e para o ensino médio da nossa Capital e do nosso Estado. Trajetória essa que foi feita com inúmeras inovações pedagógicas mencionadas, salientadas pelo Ver. João Carlos Nedel, e agora confirmadas pelo nosso colega Prof. Garcia, colega da Educação Física, também saudando como uma instituição pública, gratuita e de qualidade.

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul vem enaltecer a lembrança do Professor e Vereador Pedro Américo Leal por essa iniciativa, pela qual nós agradecemos profundamente, Vereador, e também, aos demais Vereadores desta Casa por esta homenagem, que não é mais nada do que o reconhecimento, Ver. Leal, pelos relevantes serviços prestados à educação da nossa Capital e do nosso Estado. E não só no processo ensino-aprendizagem, mas também ultimamente em inúmeras atividades de extensão - está aqui o nosso Pró-Reitor Meirelles -, e também a área de pesquisa. Por isso que é um colégio primaz para o Ensino Fundamental e Médio do nosso Estado. Muito obrigado.

(Não revisto pelo orador.)

A SRA. PRESIDENTA (Margarete Moraes): O Sr. Jorge Luiz Day Barreto, Diretor do Colégio de Aplicação, está com a palavra.

O SR. JORGE LUIZ DAY BARRETO: Sra. Presidente e Srs. Vereadores. (Saúda os componentes da Mesa e demais presentes.) Prezado Professor Fernando Meirelles, meu colega da Universidade Federal, Pró-Reitor de Extensão, Exma. Professora Vera Moraes, nossa ex-Diretora do Colégio, Professor Sérgio Cordeiro, Presidente da Comissão dos Festejos, e quando cumprimento o Professor Sérgio estendo aos demais membros da Comissão que estão presentes. Vou iniciar a minha fala entendendo que o nosso amigo Ver. Pedro Américo Leal, a quem já agradeço em primeira mão esta homenagem, sempre polêmico, nos incitando a discussões profundas sobre os nossos temas, mas me permito respeitosamente contradizê-lo neste momento em relação a sua idéia sobre o ingresso no Colégio de Aplicação. Mas não hoje, o debate não se instalará hoje, porque hoje a minha

felicidade como Diretor do Colégio de Aplicação é muito grande por esta Casa nos acolher e homenagear a Escola que está fazendo cinquenta anos. Quero dizer que saí um pouco da minha fala, porque precisava fazer um registro.

Quero, inicialmente, agradecer as palavras do Ver. João Carlos Nedel e dizer que, realmente, a Prof^a. Marilce é uma excelente colaboradora, e o meu amigo de longa data, Prof. Garcia.

O Colégio de Aplicação - e fiz toda uma fala para apresentar a vocês um pouco da história - é uma escola voltada para o ensino, a pesquisa e a extensão no âmbito da educação básica.

Esses princípios fazem o Colégio se confundir com os próprios princípios da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que também estão apoiados nesses princípios e são os pilares que sustentam a qualidade, o empreendedorismo e a inovação pedagógica, que até hoje permeiam no nosso cotidiano escolar. Bases essas que foram firmadas no ano de 1954, ano da criação do Colégio, pela ousadia - e essa palavra estou repetindo, ao ouvir a Prof^a. Vera, ontem - das Professoras Graciema Pacheco, fundadora e primeira Diretora do Colégio, e Isolda Paes e Luiz Pilla que, em conjunto com as Professoras Elita Copstein, Marta Blauth de Menezes, Alda Gomes, Rosália Negrete, Olga Paraguassu, Inah Medeiros Pacheco e Nena Ébole lançaram o ideário de uma escola-laboratório no interior da Universidade, configurando-a com estratégias de ensino, múltiplas em sua diversidade, com vistas a empenhar processos de aprendizagem coordenados, tanto em complexidade como em nível de desempenho intelectual, afetivo e social, com intervenções do professor tecnicamente calculadas para estimular com oportunidades as passagens de um nível ao seguinte, com a devida atenção aos ritmos e estilos cognitivos e pessoais dos alunos.

Assim nasceu o Colégio de Aplicação com olhar universitário, voltado para a formação do professor, na medida em que esse espaço institucional foi historicamente construído e vivenciado como *locus* específico para experimentar a relação e integração dos diversos níveis de ensino, alimentando permanentemente o projeto educacional pela via da reflexão teórico-prática, concretizada pela pesquisa acadêmica.

O Colégio constitui-se em um centro de investigação educacional que atende objetivos de um saber reflexivo consonante com as

necessidades da sociedade em que está inserido, e realmente, Professor Garcia, se nós tivéssemos a oportunidade de uma visão não-caolha em termos de educação, poderíamos ter muitos outros Colégios de Aplicação. E me dói muito, Ver. Pedro Américo Leal, que nas nossas discussões, seja por seleção ou por sorteio, não possamos contemplar as 1.700 pessoas que todos os anos procuram o Colégio de Aplicação.

Sua trajetória de 50 anos é rica em histórias de sucesso, sendo permanentemente lembrada pela comunidade gaúcha e brasileira, inclusive cito brasileira porque em 2000 recebemos uma premiação de Projeto Pedagógico Inovador *hors-concours* em termos de educação, que é o nosso Projeto Amora e que trabalha, sim, Professor Pedro, com a informática, mas trabalha com a informática equilibradamente com os outros componentes curriculares, do qual nós temos algumas certezas. Nós somos lembrados sempre como sinônimo de qualidade de ensino, e é importante salientar que o compromisso do Colégio de Aplicação com a produção do conhecimento quanto à educação básica não se esgota em si mesmo, ele está envolvido com a questão educacional numa perspectiva social mais abrangente e para isso interage com as diferentes realidades, mantendo vínculos com as várias unidades da UFRGS e de outras universidades e também com a comunidade em geral, através das trocas de experiências constantes com as escolas do sistema de ensino público e privado. Todas essas ações qualificadas são fruto do trabalho responsável e competente dos professores e servidores de todos os tempos, porque além de excelentes profissionais, souberam entender o significado do Aplicação como uma escola-laboratório da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, uma escola que sempre se apoiou e se apóia no tripé liberdade, autonomia e responsabilidade, o que gera uma consciência crítica em todos que por lá passaram ou que ainda permanecem. Parabéns a todos. Finalizo, reiterando os agradecimentos a esta Casa na pessoa do Ver. Pedro Américo Leal, e um agradecimento pessoal, agradecimento meu: obrigado, Colégio de Aplicação, por ter sido o fator mais importante e mais definitivo na minha vida como educador. Muito obrigado a todos. (Palmas.)

(Não revisto pelo orador.)

A SRA. PRESIDENTA (Margarete Moraes): Mais uma vez eu quero cumprimentar o Ver. Pedro Américo Leal pela sua bela iniciativa, sua bela lembrança. Gostaria de agradecer a todos pela presença, com a certeza da continuidade dessa trajetória de excelência de qualidade de ensino do Colégio de Aplicação. Parabéns pelos 50 anos.

Estão suspensos os trabalhos por um minuto, para as despedidas.

(Suspendem-se os trabalhos às 15h49min.)



Alunos da turma de 1998. Fagner Fagundes dos Santos, Igor Freitas, Leonardo Costi e Paulo Roberto Bronze filho. (Foto enviada por Luciano de Freitas Leivas).



Encontro da 1ª turma do Projeto Amora com o escritor Marcelo Carneiro da Cunha, 1997.



Festa junina, 1999.

Realizando com o coração... (Os 50 anos do Aplicação)

Comissão Organizadora dos Festejos

A Comissão Organizadora dos Festejos dos 50 anos do Colégio de Aplicação formou-se a partir do convite da Direção da Escola. Todos ficamos lisonjeados com o convite e desde o início das atividades colocamos nosso coração e nosso amor pelo Colégio na escolha dos eventos a serem realizados.

Em outubro de 2003, aconteceu o primeiro encontro. Abraços, beijos, recordações, lembranças... Começamos o planejamento sob a coordenação do professor Cordeiro, membro desta comunidade ao longo de 39 anos.

Surgiram mil idéias: out-door chamando o pessoal, e-mails, camiseta comemorativa, churrasco, baile, culto ecumênico, inauguração da galeria de fotos dos ex-diretores, mostra de trabalhos, entrevistas na Rádio da UFRGS, divulgação em jornais... Todos falaram e palpitararam. Levamos tarefas para casa. Falar com fulano, pedir para beltrano, avisar sicrano, telefonar para o clube, jornal...

Na semana seguinte, a Comissão começou a montar a programação oficial. O Professor Barreto, Diretor do Colégio, e o Professor Adalberto, Vice-Diretor, estiveram sempre conosco apoiando, confiando e agilizando.

A primeira atividade foi um churrasco de confraternização, realizado em 12 de novembro de 2003, com a presença de mais de 100 pessoas (ex-diretores, professores e funcionários).

Esse encontro teve como objetivo divulgar as atividades propostas e aproximar o maior número de pessoas ligadas ao Colégio. Aconteceu, na verdade, um verdadeiro reencontro de uns com os outros – alguns não se viam há muitos anos.

Março de 2004. Reencontro da Comissão que começou a arregaçar as mangas para efetivar a programação planejada.

A primeira atividade realizada no ano do cinquentenário foi um outro jantar, no dia 17 de março, com a presença de um número expressivo de ex-alunos, motivados a participar dos eventos. Compareceram mais de 160 pessoas. Foi uma grande alegria para todos!

Na reunião seguinte, foram apresentadas estratégias visando à venda dos convites para o jantar dançante, já que era grande a preocupação da Comissão com os custos assumidos para a organização do jantar-baile comemorativo.

Ainda em março, no domingo dia 21, encontramos-nos no Brique da Redenção. A confraternização foi fantástica! Aproveitamos para vender convites para o Baile e camisetas alusivas ao aniversário. Após um abraço simbólico à Escola, cantamos parabéns para o Colégio e para nosso diretor que aniversariava naquele dia. Sucesso total, principalmente pelo número de ex-alunos presentes.

Saímos daquele encontro com uma missão: divulgar o baile e vender convites.

Finalmente chegou 14 de abril, dia do aniversário do colégio. Céu azul, dia perfeito! A Comissão vestiu a camiseta comemorativa para receber os convidados: representantes da Reitoria e da Universidade, ex-diretores, ex-alunos, funcionários e professores aposentados. Vieram umas 70 pessoas.

O descerramento da placa comemorativa – homenagem da Reitoria ao Colégio – emocionou a todos, levando-nos às lágrimas.

Foi realizada, a seguir, a inauguração, na Sala de Reuniões, da Galeria de Fotos de ex-diretores: professoras Graciema Pacheco, Vera Regina Pires Moraes, Regina Maria Varini Mutti, Nara Brasco Pampanelli e Professor Jorge Luiz Day Barreto.

Na mesma oportunidade os ex-diretores agradeceram a homenagem, expressaram seu carinho e reconhecimento, reafirmando a crença de ser essa uma Escola Pública de qualidade e de excelência na formação de seus professores e alunos.

Após, fomos para o pátio onde assistimos ao talentoso Coral do Aplicação, cantamos o “Parabéns a você” e comemos bolo de aniversário.

No dia 15 de abril, às 14 horas, na Câmara de Vereadores de Porto Alegre, o Colégio foi homenageado por iniciativa do vereador Pedro Américo Leal, com manifestações também dos vereadores João Carlos Nardes e Carlos Alberto Garcia. No local, estiverem presentes autoridades, professores e representantes da Universidade e do Colégio.

Como atividade culminante do aniversário chegou-se ao Jantar Dançante – Baile dos 50 Anos do Colégio de Aplicação. A festa foi realizada no Clube Farrapos, no dia 16 de abril de 2004, um dia que amanheceu quente e bonito. Os telefones e celulares dos envolvidos nas comemorações não pararam de tocar, pois muitos ainda queriam convites para o baile. A euforia era grande.

A partir das 20 horas, os convidados foram recepcionados pela Direção da Escola e pela Comissão Organizadora, destacando-se a presença da Reitora da Universidade, professora Wrana Panizzi; do vice-reitor professor José Carlos Ferraz Henemann; do professor Aldo Antonello Rosito, Coordenador de Educação Básica e Profissional, e outros pró-reitores da Universidade; de professores, alunos e ex-alunos, técnico-administrativos bem como um grande número de amigos da Escola.

Ficamos muito felizes e emocionados com a alegria proporcionada pelo reencontro, ao qual compareceram em massa os sempre envolvidos “membros desta grande família” que é o Aplicação.

A festa esteve muito animada e mais de 800 pessoas viveram momentos de muita emoção. Conseguimos juntar pessoas de idades diversas, com diferentes funções, unidas pelo

amor e carinho ao Aplicação, que mataram as saudades conversando, rindo, comendo e dançando.

A felicidade de todos era contagiante!!!

Nossos ex-alunos DJs Pedro Martins Costa e Pablo Weiss Gonçalves foram os responsáveis pela música que fez os convidados bailarem até o amanhecer.

O show de Adriana Defentti, Maria Lúcia Sampaio e Pedro Schestatsky mostrou o carinho dos ex-alunos por sua escola.

A Comissão dos 50 Anos do Aplicação continuará, durante este ano, promovendo algumas atividades relativas ao aniversário do Colégio que formou com excelência tantas pessoas, possibilitando a elas o desenvolvimento de trabalho criativo e inovador.

Obrigado, Aplicação!

Continua com o teu papel de Colégio formador de gente pensante e produtiva!

Presidente da Comissão: Sergio Buttes Cordeiro

Membros da Comissão: Jorge Luiz Day Barreto

Leila Maria do Nascimento Albuquerque

Maria Adélia Pinhal de Carlos

Maria Cristina Silva Maciel de Sá

Nina Rosa Salgado

Rebeca Werba

Virgínia Bressani Vieira



Professora Isolda Paes, Vereador Lauro Hagemann, Professoras Graciema Pacheco e Nara Pampanelli (Diretora do CAP) na homenagem da Câmara de Vereadores porto-alegrense aos 40 anos do CAP/UFRGS.



Empresa responsável pela decoração da Festa dos 50 anos no Clube Farrapos, Porto Alegre, em 16/04/2004.

Índice dos Autores

A ordem é alfabética pelo sobrenome do autor, remetendo para a página inicial do trabalho.

- | | |
|---|--|
| ALBUQUERQUE, Leila M. do Nascimento/247 | MILAGRE, Marta/157 |
| ALMEIDA, Marlon Mello de/219 | MORAES, Vera Regina Pires/27 |
| ANGELINI, Paulo Ricardo Kralik/217 | MOUSSALLLE, Nelson de Boer/207 |
| BARRETO, Jorge Luiz Day/53 | MUTTI, Regina Maria Varini/37 |
| BEVILACQUA, Martina/226 | NAVAUX, Philippe/107 |
| BÚRIGO, Elisabete Zardo/173 | NEDEL, João Carlos/235 |
| CARLOS, Maria Adélia Pinhal de/ | NERY, Fernanda de Souza/228 |
| CORDEIRO, Sérgio Buttes/73 | OLIVEIRA, Louize Paz de/225 |
| CORRÊA, Mário Roberto Weyne/153 | PACHECO, Graciema/11 |
| DIAS FILHO, Guilherme Cavalheiro/185 | PAES, Isolda/17 |
| DIENSMANN, Robert Lockmann/229 | PAIVA, Maria da Graça Gomes/131 |
| ESPÍNDOLA, Susana Sondermann/147 | PAMPANELLI, Nara Brasco/63 |
| FALCETO, Olga de Garcia/113 | PARAGUÇU, Olga/23 |
| FARIAS, Cláudio/231 | PERNIGOTTI, Joyce Munarski/57 |
| FERREIRA, Nelson Brasil/159 | PINHEIRO MACHADO, José Antônio/123 |
| FONSECA, Anahy Fagundes Dias/177 | POHLMANN, Adriana R./181 |
| GARCIA, Carlos Alberto/235 | REIS, Jaime Werner dos/69 |
| GOLBERT, Tatiana Gischkow/201 | ROSE, Marco Túlio de/149 |
| GUAZELLI, César Augusto Barcellos/139 | ROSITO, Aldo Antonello/235 |
| GUEDES, Paulo/85 | SÁ, Maria Cristina Silva Maciel de/247 |
| LEAL, Pedro Américo/235 | SALGADO, Nina Rosa/247 |
| LÉGORI, Carlos Eduardo/105 | SAMPAIO, Maria Lúcia/ |
| LEMKE, Ney/189 | SARAIVA, Lisiane Alvim/203 |
| LIBERA, Jean Fellipe Bueno Dela/230 | SARAIVA, Rosália Alvim/97 |
| LICHT, Otávio Augusto Boni/127 | SOUZA, Henrique Vieira de/228 |
| LIMA, César Pereira/101 | TOMAZONI, Guilherme de Araújo/227 |
| MEDEIROS, Fernanda Luiza/193 | VEIGA, Eduardo/199 |
| MELLO, Luciano G. de/165 | VIEIRA, Virgínia Bressani/247 |
| MELLO, Luzia Garcia de /67 | WERBA, Rebeca/247 |

Índice de títulos

50 anos de Aplicação, 31 anos com o Aplicação
50 anos do Colégio de Aplicação
71-76 Born to be wild
Alguns fatos pitorescos ocorridos no período de 1957/1971 na área de Educação Física
Anos 70 não pra ti, Aplicação, seguimos aqui!
Aplicação – Tempo de vida
Aplicação, trivial e luxo
CAp
CAp, aqui é o “canal”
Colégio de aplicação 1981 – 1984: um inventário de vida
Colégio de Aplicação/50 anos
Colégio de Aplicação: a busca da espontaneidade, da comunicação e da interação social criadora
Colégio de Aplicação: comunidade & democracia
Da Redenção ao mundo
Depoimento da Professora Isolda Paes
Dez motivos para gostar do Aplicação
Dez motivos para ser do CAp
Dias bons e ruins no Aplicação
Discurso da Professora Olga Paraguaçu
Discurso de Formatura 1966
Dos alunos 1974 – 1980
E se eu vestir avessa a camiseta
Era uma vez, no Aplicação
Homenagem da Câmara de Vereadores de Porto Alegre
Mágoas de março
Memórias
Mensagem
Meu Aplicação
Nossa liga extraordinária
O “ser diferente” no Aplicação (1963 – 1969): relato dos encantos e desencantos na trajetória de uma aluna negra
O aluno que não fui
O Aplicação contra o Aplicação
O Colégio de Aplicação e a lista
O colégio dos velhos livros e dos velhos amigos
O Jacaré
O roubo da sineta que não houve, ou o colégio novo que não é mais (rememorações do Aplicação cinquentenário)
Os anos cinza
Os meus cinquenta anos e os cinquenta anos do colégio de Aplicação
Por orgulho, por respeito e por muito amor
Quem sou eu para ser um professor ideal?
Realizando com o coração... (Os 50 anos do Aplicação)
Retrospecto
Tempos do Aplicação
Um caminho para uma concepção interdisciplinar
Um povo difícil de dominar
Uma vez Aplicação, sempre Aplicação
Velho Aplic, ou ainda, “Conceito de Educação Integral”